O CISNE EM UM MAR NEGRO

Autoria: Geraldine Cummins

Tradução: Amadeu Duarte

Winnifred Coombe Tennant

(NT: Trocadilho com as palavras *Sea*, ou Mar, e *Swan, ou Cisne,* que no original, refere *Swansea*, um local situado no País de Gales.)

Tradução de Amadeu António Tavares Duarte

A HISTÓRIA DOS ESCRITOS CUMMINS-WILLET

Por Geraldine Cummins

Preciso explicar que estes meus escritos foram principalmente investigados pelo Sr. W.H. Salter e o filho mais novo da Sr. Willet, o major Henry Tennant, e o irmão mais velho, Alexander Tennant, assim como por, muito mais tarde, a Miss Signe Toksvig.

Eu não tinha conhecimento da existência do Major Tennant nem da de nenhum dos parentes ou amigos. Fui somente informada das suas iniciais e do apelido quando o Sr. Salter me escreveu por uma segunda vez, ao dar início ao experimento. Eu tinha encontrado o Sr. Salter duas vezes, alguns meses após a morte da minha amiga e colaboradora, Miss Gibbes.

Não tinha conhecido a esposa dele. Ele tinha-se correspondido comigo com respeito à publicação, da minha parte, de certos registos da Sociedade de Pesquisa Psíquica no meu livro *'Mind in Life and Death'.* (Eles tinham-me sido selecionados por um membro do Concelho da Sociedade, uma vez que propositadamente eu tinha feito muito pouca leitura de literatura psíquica.)

Eu sabia que o Sr. Salter tinha devotado a maior parte do seu trabalho de vida à pesquisa psíquica na posição de Secretário Honorário da Sociedade, da qual eu jamais fui membro.

A 9 de Agosto de 1957, recebi a seguinte carta do Sr. Salter:

The Crown House, Newport, Essex

7 Agosto, 1957

"Prezada Miss Cummins,

Um membro da Sociedade, que perdeu a mãe há uns meses atrás, gostaria de lhe dar uma oportunidade (à mãe) de lhe enviar uma mensagem. Creio que este seja um caso que lhe interessasse, evidentemente; quero dizer, devido à peculiaridade das circunstâncias. Quisera saber se estaria disposta a consultar o Astor em nome dele.

Certamente que não pretendo pressioná-la com nenhum trabalho que possa achar um esforço, mas acho os fatos apurados até ao momento definitivamente curiosos, e de um tipo que lhe estimule o entusiasmo na busca de provas convincentes. Quer dar-me a conhecer o que acha da perspetiva? Talvez se sinta inclinada a fazer uma tentativa enquanto permanece na Irlanda. Lá pelo fim do ano o significado comprovativo do caso provavelmente terá diminuído com a publicação de certos fatos presentemente do conhecimento de muito poucas pessoas, pelo que se quiser ter a amabilidade de tentar uma mensagem deve poder sentir-se disposta a fazê-lo em breve.

Eu devo propor restringir-lhe a informação a dar-lhe do nome do "participante ausente," de modo a tornar o sucesso mais marcante.

A minha esposa junta-se-me nos votos de felicitações e espera que a sua saúde saia beneficiada com a sua estadia na Irlanda."

Respeitosamente,

W.H. Salter.

Na altura da receção desta carta eu estava a passar férias num pequeno chalé com uma amiga junto ao mar, perto de Bantry, no Eire. Respondi-lhe que me encantaria submeter-me ao experimento tão logo regressasse a casa em Woodville, Glanmire, Co. Cork., mas que no local em que me encontrava me era impossível proceder ao referido experimento.

Ao regressar encontrei uma carta do Sr. Salter à minha espera em Woodville.

Carta 2

Crown House, 22 Agosto de 1957

"Prezada Miss Cummins,

O membro sobre o qual lhe escrevi, o Major Henry Tennant, expressa gratidão com o consentimento em fazer uma tentativa de obter uma mensagem da parte da mãe. Ele enviou-me quatro escritos na caligrafia dela. Prefere que lhos envie abertos para

inspeção, ou por questões de comprovação prefere que lhos envie fechados num envelope?"

Respeitosamente, W. Salter.

Devido à capacidade que eu tenho de ler os objetos, preferi tentar sem os espécimes da caligrafia da mãe, e os primeiros três escritos foram obtidos por mim sem eles. Assim, não se poderia dizer que esses três, que continham evidência definitiva da memória sobrevivente da Sr.ª Willett, com algumas indicações acertadas do seu carácter tinham sido facilitados pela psicometria.

Antes de eu obter o quarto escrito, os quatro papéis, amostras da caligrafia da mãe, chegaram-me pelo correio a Woodville. No quarto escrito a Sr.ª Willett faz algumas alusões íntimas e corretas ao seu passado de Gales e da parte que isso exerceu na sua vida. Não exerceu nenhuma na minha, conforme os fatos que se seguem mostram.

Certa vez fiquei uma noite hospedada no País de Gales numa casa cerca de duas milhas distante de Swansea com uma estranha para mim, uma senhora muito interessada nos meus *Scripts of Cleophas*, por causa do valor que neles via, alusivo à história dos primeiros tempos do Cristianismo. Assim, a conversa que trocamos cingiu-se a essa série de livros. Além disso, o conhecimento que tive de Gales não passou das paisagens que pude ver enquanto viajava de comboio durante as inúmeras viagens que fiz de comboio rápido entre Fishguard e Paddington de manhã cedo ou ao anoitecer. Desde 1921, à exceção dos anos da guerra, viajei desse modo cerca de duas vezes por ano entre Londres e a minha casa, em Co. Cork.

Felizmente para este experimento, a Sr.ª Willett e a família dela não tiveram qualquer ligação com o Sul da Irlanda. Do mesmo modo, eu encontrava-me na mesma posição em relação ao País de Gales. É verdade que durante um número de anos o meu tio, o Professor Lyle Cummins esteve ligado à Universidade de Cardiff e dirigiu uma óptima cruzada contra a tuberculose em Gales. Mas ele era um homem muito ocupado, pelo que os nossos caminhos não se cruzaram exceto por um dia nos anos vinte do século vinte, quando ele de forma eloquente tentou persuadir-me a abandonar por completo a pesquisa psíquica em favor do trabalho literário que eu empreendia.

Os primeiros seis escritos desta série de escritos da Sr.ª Willett, conduzidos por correio pelo Sr. Salter, foram obtidos enquanto eu estava a viver em S. Eire no país em que me encontro atarefada com diversas ocupações ligadas ao meu lar e família.

No escrito 5 Winifred (a Sr.ª Willett) escreveu sobre o trabalho psíquico e sobre Gerald e a sua mulher Betty. Esses dois nomes fizeram-me recordar uma deslocação que eu e a minha amiga Miss Gibbes fizemos a Woking, a pedido da Dame Edith

Lyttelton, num dia de junho de 1939, onde eu fiz a Lord Balfour e à mulher Betty uma sessão. Os comunicadores foram um parente do Lord Balfour e de Lady Constance Lytton, irmã da Lady Betty. Eu viajei para a minha casa no Eire dois ou três dias mais tarde, e, com o começo da guerra, não tivemos oportunidade de nos voltarmos a encontrar para mais sessões conforme proposto por Lord Balfour.

No escrito 5, obtido por mim a 24 de setembro de 57 em Woodville, o comunicador, a Sr.ª Willett descreveu as primeiras sessões que fez e escreveu: 'Insisto que me trate por Sr.ª Wills.' Aquando da estadia, em agosto de 57 em Bantry, com a minha amiga, a Sr.ª Smith. eu tinha visto muito da amiga dela, a Sr.ª Wills. De novo no escrito 5, a Winifred escreve: 'Eu sou a Sr.ª Wills. *Isso não está certo.* Deixe para lá, continue. . .'

Eu comecei a perceber que o apelido da Sr.ª Wills tinha obviamente bloqueado a escrita do nome da Sr.ª Wills. Tive quase a certeza de que a mãe do Major Tennant era a Sr.ªa Willett, pseudónimo de uma escritora notável que tinha feito sessões ao Gerald, Lord Balfour. A informação que me foi transmitida no escrito 6, reforçou a certeza que eu tinha de que a Sr.ª Willett era a Sr.ª Tennant.

Li muito recentemente sobre o trabalho psíquico que ela empreendeu num capítulo do livro *Persoality of Man* de G.N.M. Tyrrel, a única leitura que fiz sobre o tema, para além de uma nreve menção a ele na obra *Evidence of Personal Survival from Cross-Correspondence,* de H. F. Salnarsh. Isso não me trouxe mais nenhuma informação acerca da vida da senhora, já que a sua identidade ainda era um segredo bem guardado, conhecido apenas de algumas pessoas a quem eu não conhecia.

A meados de outubro eu regressei ao meu apartamento em Chelsea, e quando o Sr. Salter me visitou no final de Outubro, eu entendi que o objetivo da sua visita seria o de me pedir para obter mais escritos da parte da Sr.ª Willett para poder enviá-los ao filho dela, o Major Tennant. Eu recusei-me a fazê-lo, uma vez que ia ter um inverno muito ocupado em Londres.

Quando comecei esta série de escritos, o Major Tennant e a família dele eram-me inteiramente desconhecidos. Por conseguinte, jamais ouvira falar das suas iniciais e apelido, o que era toda a informação que o Sr. Salter me tinha dado. Tinham-se feito experimentos em que o apelido fictício de uma pessoa alegadamente falecida tinha sido transmitido a uma médium, e isso levou a médium a tecer uma narrativa fictícia sobre isso. De um modo cínico, e injusto, eu tinha suspeitado que o Sr. Salter pudesse estar a fazer o meso jogo. Tanto melhor, refleti eu. Se o meu subconsciente contador de histórias inventar uma patranha deste género a brincadeira irá acabar após eu ter escrito dois ou três escritos. Como eu tivesses outros afazeres que precisava atender, o experimento foi muito breve no carácter. Não calculei então nem por um

instante que a Sr.ª Willett viesse a comandar o meu tempo a ponto de produzir alguns quarenta e quatro escritos durante os anos seguintes.

Em janeiro de 1958 li um primeiro breve aviso de óbito da Sr.ª Tennant, que me revelou que ela era a Sr.ª Willett. Os poucos fatos revelados nele acerca da sua vida não suscitaram qualquer luz sobre a sua personalidade e família. Mas no começo da primavera de 1959 descobri ter tempo para retomar trabalho nesse caso. Assim, a 14 de fevereiro de 1958, redigi o escrito 7, que enviei por correio ao Sr. Salter.

Será de notar que eu não conheci nenhum dos dois filhos da Sr.ª Willett senão até o escrito 40 ter sido escrito em 23 de novembro de 1959. O primeiro encontro que tive com um filho da Sr.ª Willett teve lugar quando o Major Tennant me visitou em Chelsea no dia 3 de dezembro de 1959. Ele só podia ficar uns quantos minutos uma vez que estava de partida de Londres nessa tarde. Subsequentemente, em fevereiro de 1960, passei um fim de tarde com o irmão mais velho e a mulher para os conhecer.

Todos os escritos Cummins-Willett foram redigidos quando eu me encontrava a sós, e na maior parte dos casos à luz clara do começo da manhã antes de me cruzar com quem quer que fosse. Mas não se precisa considerar em nenhum estudo dos escritos Cummins-Willett que a teoria de que os médiuns obtenham através da telepatia da parte do ou da participante as comunicações verídicas apresentadas numa sessão.

OS TEXTOS

Sessão 1 — 28 de Agosto de 1957

Astor encontra-se aqui. Que tarefa a que me dispensou. Pede-me para encontrar a mãe de um Major Tennant, mas não consigo captar a comprimento de onda de um nome. Ah muito bem! Vou tentar. Espere um pouco e suspenda todo pensamento, exceto o desejo de encontrar essa alma que você diz ter morrido recentemente. É inútil; Não consigo captar nenhuma linha. Mas segure a carta de W.H. Se ele tiver algum contacto com a mãe, mesmo que seja por correspondência, posso, através do seu campo vibratório, ligar-me a ela. Coloque a carta na sua testa.

Ah! Sinto muito pelo W.H. Ele parece ter tido alguma preocupação ou discussão em relação a alguém que tem que ver com escrita e segredos que devem ser reservados. As pessoas não estão de acordo. Tem que ver com coisas que aconteceram há muitos anos. Está uma confusão para mim. Eu não consigo fazer isso de momento. Mas estou noutra linha. Isto é interessante. Há uma senhora que veio até mim, não eu a ela. Ela decidiu que iria procurar uma luz. (1) Ela entende que se ela própria escrever, eles não aceitem o que ela regista, pelo que ela me mostra as suas memórias e abre-me o espírito.

Eu vejo-a como uma mulher muito velha na casa dos 80, muito frágil. Ela perdeu um filho quando ele era jovem. Ele foi morto quando tinha dezanove ou vinte anos, acho eu. Vejo a lembrança daquela notícia agonizante. É como uma cicatriz no espírito. Bem, ela encontrou-o novamente depois de muitos e muitos anos, então não foi na última guerra que ele foi morto; foi na Primeira Guerra Mundial, diz ela. Não se pode ter as ambas as coisas, e ao encontrá-lo perdi outro filho muito querido. É um homem de meia-idade, de quarenta e poucos anos. Acho que ela está a tentar mostrar-me o aspeto dele.

Ele foi muito bom para ela na sua velhice e doença. Ela agora acha que pode ter sido demasiado possessiva no amor que expressou por ele. Mas existia um grande vínculo entre eles. Ele era o mais ovo dela — um garotinho apenas, e foi um grande conforto, uma grande ajuda, quando o outro filho adulto foi morto. Eu vejo a fotografia da mãe a observar o filhinho a brincar e a fixar todo o seu amor nele, e o coração dela reza para que ele nunca tenha que lutar em nenhuma guerra futura. É por causa do choque da perda do primeiro filho dela que ela se apega ao menino.

O espírito dela está agora a repassar essas memórias distantes, e ela mostra-mas. Você pergunta pelo nome. Eu ouço o som Wyn ou Win. . . não consigo obter mais. Depois há alguém ainda no corpo físico. Ela mostra-me o nome — difícil de perceber —

será Henry, ou Harry? Não consigo mais. Está a desvanecer-se. Talvez o nome dela tenha sido Win ou Wyn. Acho que é dela, mas posso estar enganado. Acho melhor contactar-me amanhã. Está cansada. Amanhã, segure nas duas cartas de W.H. e talvez eu consiga chegar mais perto. Foi muito difícil, tão tênue hoje. Acho que a Win ou Wyn estava muito ansiosa. Ela tentou tanto mostrar-me diferentes recordações, mas eu não consegui percebê-las. (2)

(1) Em escritos deste tipo, o comunicador frequentemente fala em ser atraído pelo médium ao perceber uma emanação de luz psíquica da pessoa. Este parágrafo, que Astor considera “uma confusão,” tem um significado real que emerge mais adiante. 'C.H. 'são as iniciais do Sr. William Henry Salter.

(2) Henry Tennant, o filho mais novo da comunicadora, ainda vivo, comenta as declarações de Astor: 'A minha mãe morreu aos 81 anos. O meu irmão, Christopher, foi abatido em ação, em 1917, com dezanove anos.’ Ao encontra-lo, no além, após a sua própria morte, a comunicadora obviamente 'perdeu' o filho vivo, que tem quarenta e quatro anos). O relacionamento que tinha com H.T. em vida, é confirmado por ele como tendo sido descrito corretamente pelo Astor. O amor dela era muito possessivo, mas existia “um vínculo especial” entre eles, segundo a expressão que ela geralmente usava, apesar das diferenças de opinião e temperamento existentes entre eles. Ela costumava dizer como ele era bom para ela. Ele era apenas um garotinho quando o filho adulto foi morto.

As três primeiras letras do seu nome são, conforme declarado, 'Win,' mas ela nunca foi chamada assim. O nome é dado corretamente na íntegra mais tarde.

O nome do filho vivo é Henry, ele nunca foi tratado por Harry, exceto há muito tempo, por uma tia. Em relação a esse erro do Astor, a Srta. Cummins acrescenta a seguinte nota:

‘O meu irmão favorito, Harry, foi morto em Gallipoli. Eu estava a conversar sobre ele com uma velha amiga e a pensar nele. Ele sempre foi tratado por Harry. Daí, sem dúvida, a dificuldade em obter o nome 'Henry

Sessão 2 - 29 de Agosto de 1957

Astor está aqui. Sim, é bem diferente desta vez. Houve muita emoção na última ocasião. Vejo novamente a velha senhora, ou melhor, o seu espírito, e ela mostra-me a letra W. Isso significa que é uma das suas iniciais. Eu uso a palavra senhora em relação a ela no sentido antiquado do termo. Ela era sensível, culta, porém, não instruída e teve um elevado código de honra durante a sua vida, que remonta à era Vitoriana.

Ela cresceu, e as muitas convenções relativas às meninas naquele período levaram-na em parte a ter medo ou retraimento em relação à era atual, na qual as jovens modernas frequentemente não observam convenções. Ela era incapaz de fazer

qualquer coisa de mau gosto. Apesar da sua disposição reservada, ela foi uma mulher do mundo e mesclava-se com facilidade na Sociedade do seu período. (1)

Mas ela era e é muito invulgar num aspeto, razão fundamental de um estado de espírito que a levava por vezes a querer ficar sozinha, a esquivar-se do contacto estreito com os outros espíritos. Isso devia-se ao dom extraordinário que tinha de penetrar nos níveis mais profundos da mente. Para o colocar grosso modo, ela vivia e frequentemente em dois mundos.

Ela conta-me que, quando era criança começou a fazer escrita automática. Mas tinha dúvidas acerca disso e, sendo extremamente sensível, praticava apenas ocasionalmente quando estava sozinha. Mais tarde, anos depois de ela se casar, o poder sofreu um incremento. Ela sentiu que seria melhor obter conselhos sobre isso e conseguiu uma orientação sábia. Ela está muito ansiosa por enviar uma mensagem hoje sobre o trabalho que ela fez no passado. (2)

Agora Win está feliz e animada. Que contraste em relação a ontem, quando ela me revelou uma grande tristeza na sua vida passada. Foi redimida unicamente pelo pequeno. Os outros eram amáveis, mas havia um fardo duplo. O pai estava a sofrer como ela. (3) Aquele garotinho foi a sua salvação, então e pelo resto da sua vida, ele a amou e serviu. Ela sente que não pode escrever agora de tudo o que lhe deve. É um assunto muito íntimo, demasiado privado. (4)

Há outros aqui, hoje. Eles vieram por causa de um assunto que diz respeito a W.H. Existem várias impressões. É bastante confuso. Espere.

Abandonei os tópicos, ou melhor, apenas um me chama a atenção. Vou tentar descrevê-lo. Ele está a permitir-me penetrar-lhe no espírito. No passado, ele possuiu uma capacidade de análise minuciosa, uma paixão metafísica que talvez só se encontre num Escocês. Ele foi parcialmente Escocês, tenho certeza. Isso foi contrabalançado por uma firmeza, uma astúcia, herdadas de ancestrais por parte de mãe. Ela era Inglesa, acho eu. Eram pessoas ilustres de grande competência. Agora estou a ouvir o seu nome — Geraldine. Não, é o equivalente masculino. Sim, eu tenho — Gerald. Gerald diz: 'Gostaria de lhe mostrar o meu antigo aspeto.'

Agora ele ergue-se como o fantasma de Samuel, quando ele apareceu à Bruxa de Endor. Eu vejo Gerald como ele foi nos últimos anos de vida. Ele aparece como um homem muito velho: eu diria que ele estava à beira dos noventa, tão frágil, tão abalado com a notícia da eclosão da guerra. Mas ele era de uma coragem indomável. Ele era um estudioso por natureza. Mas ele veio para Londres e embora tenha tido dificuldade para andar, ele andou por ali, a tentar conseguir trabalho de guerra para fazer. Pelo menos ele pôde aconselhar, falar. É lamentável que ele tentasse fazer o trabalho de

guerra quando estava perto da dissolução. Ele morreu durante a guerra. Agrada-lhe mostrar-me a sua saída do palco da vida terrena. (5)

Agora ele volta-se e conversa com Win. Eles são velhos amigos. Ele chama das sombras um jovem. Vejo o nome Francisco. A mente do jovem é como a dele, erudita. Mas a sua vida foi interrompida em algum desporto. Há um acidente, uma queda. Ele morreu de uma queda, em algum país estrangeiro. Win está tão satisfeita, tão animada por conhecê-lo. "Não me enganei," diz ela. 'Claro que nos conhecíamos muito bem.'

Eu não entendo muito bem a relação existente entre esses dois. Eles encontraram-se e conversaram várias vezes de algumas circunstâncias estranhas e invulgares. (6)

Agora Gerald está a interrompe-los. Eles tiveram consultas sobre algum negócio ou assunto de carácter mundano. Ele diz a Win que ela não deve perder esta oportunidade. Cabe a ela transmitir os desejos, embora sem dúvida eles venham a ser ignorados, mas ele espera que pelo menos não sejam ignorados por W.H. Parece tratar-se de papéis, escrever um livro de memórias a ser publicado, acho eu. Ela sempre impediu a publicação quando estava na terra. Gerald gostaria que pelo menos algumas dessas reminiscências fossem publicadas. Mas ela era uma senhora muito determinada. (7) Ela proibiu. Ele considera que, embora em parte justificado, não tem importância agora. Tudo isso preocupou as pessoas há muito tempo. Ele diz a ela que ela tem uma consciência mórbida.

'Muito bem', diz ela, pois em '*O Progresso do Peregrin*o' o Peregrino deixa cair o fardo pesado. Ah, era cá um peso. Serei insolente, perversa e chocada.'

Bem, aqui está a breve mensagem de Win:

'Caro W.H. Eu suspendo inteiramente a minha proibição. Quer dizer, eu confio em si em absoluto. Você tem liberdade de ação. Publique aquilo de que gostar. Fomos todos esquecidos e, em todo caso, conforme vejo agora, fomos gente de pouca importância durante a nossa passagem pela vida. A minha memória ainda está um tanto em frangalhos, mas parece que me lembro que deixei restrições quanto ao que deveria ser publicado. Desfaça-as. Estou convencida - não, acho que é "interesso-me," W.H.S: - por que as pessoas devam acreditar. (8)

'Chega até mim oriundo da terra um sentimento de opressão, de preocupação, de ansiedade, de medo da morte, e tudo é derivado da descrença. Se eles pudessem perceber metade da glória, até mesmo um fragmento da paz desta vida que agora experimento. Ah! Se eu pudesse ao menos fazê-los aceitar, poderia finalmente haver alguma racionalidade. Os racionalistas são irracionais, e isso provoca tal confusão, gera tanto medo, quando a morte, esse libertador se aproxima.

'Querida Morte. (9)

Sua, Win.'

Astor, eles desapareceram. Não consigo mais nada. Anotei do ditado a mensagem de W.

(1) Henry Tennant: 'Esta imagem convencional é de facto o tipo de impressão que a minha mãe procurava causar nos estranhos.' Ele acrescenta, 'Não é de forma nenhuma incorreto tal como está, mas e em larga medida superficial — quão superficial é mostrado numa passagem posterior na escrita.'

(Ed.) Um dos primeiros diários, 1902, mostra-a decididamente na sociedade Londrina da época. Viajar, competições, jantares, atividades e festas da moda faziam parte da sua vida. Ela não gostava do campo no inverno. Do mesmo diário: 'Como poderá alguém passar voluntariamente um dia no campo da Inglaterra no inverno! É a abominação da desolação. . . Amanhã vou para Londres, graças a Deus!'

(2) Henry Tennant: "A necessidade de solidão da minha mãe era uma característica marcante da sua personalidade. Ela por vezes esquivava-se não apenas de estranhos, mas também de velhos conhecidos. Ela nunca explicou o motivo, pelo menos não a mim.'

O comentário de Astor, 'Ela vivia e muitas vezes viveu em dois mundos', é aceite por H.T. 'A minha mãe costumava dizer isso. Acho que ela usou essa expressão. Mas ela nunca mencionou os poderes psíquicos que tinha.'

Astor afirma: 'Quando ela era criança, começou a aprender a escrever automaticamente.' H.T. não sabe se isso é acertado. Numa sessão anterior, ele menciona que as experiências psíquicas de 'Winifred' começaram na infância dela. Elas foram barbaramente pisoteadas e passaram à clandestinidade.

Henry Tennant comenta: 'Achei que (a escrita automática) se desenvolvera pela primeira vez após a morte da minha irmã Daphne em 1908. Acho muito interessante que nem nesta passagem nem em nenhum outro lugar nos escritos de Geraldine, até agora, haja qualquer menção à Daphne, cuja morte foi a causa ancestral de toda a série de escritos de Willett. Não sei se existirá alguma referência à Daphne no material publicado sobre a Sra. Willett. Se o conhecimento da Geraldine sobre a minha mãe derivar do livro Christopher, onde a morte de Daphne naturalmente recebe menos destaque do que a morte de Christopher, não é de surpreender que Daphne não seja mencionada nos escritos. Mas mesmo que os escritos sejam resultado do contacto direto entre Astor e a minha mãe, ainda não me surpreende que Daphne não seja mencionada.'

"Os diários da minha mãe," continua H.T., "que nem o meu irmão nem eu tínhamos visto até a morte dela, mostram claramente que a morte de Daphne foi um golpe devastador, por causa do qual o carácter da minha mãe virtualmente se desintegrou e foi reconstruído numa forma inteiramente nova. De uma jovem alegre, que gostava das pessoas, Ascot e festas, ela tornou-se, pelo menos na sua vida privada, praticamente uma reclusa.

Agora, se Astor realmente teve permissão para examinar a mente e as memórias da minha mãe, ele dificilmente teria deixado de notar esse ponto de viragem na vida dela; mas uma passagem posterior no escrito sugere que a minha mãe não estava a expor-se à inspeção e, se for assim, acho muito provável que ela não tenha admitido Astor nas memórias de Daphne. A razão que me leva a dizer isso é que ela nunca mencionou essa

crise que sofreu na sua vida ao meu irmão nem a mim. Ela amiúde falava da Daphne, pois sabíamos que a sua perda era uma das tristezas da sua vida, mas nunca imaginamos o efeito profundo que isso teve sobre ela.

Considerando a razão por que a minha mãe nunca mencionou a sua escrita automática a nenhum de nós, ao meu irmão e a mim, chegamos à conclusão de que essa parte da vida dela foi, para usar as palavras da escrita, “uma relação íntima e uma questão muito particular” para ser discutida até mesmo com os próprios filhos. Embora seja, pois, natural que nesta experiência de comunicação ela seja obrigada a referir-se aos seus poderes de escrita automática para introduzir o que se segue, não acho surpreendente que ela tenha dito o mínimo possível sobre as circunstâncias em que que eles desenvolveram.'

(Ed.) Esses comentários não foram dados à automatista até que a série de escritos estivesse quase no fim.

A senhorita Cummins acrescenta a nota de que, numa sessão muito posterior, 'Winifred' escreveu de forma comovente sobre a dor que sofreu pela morte da sua filha, aqui chamada de 'Daff.' Essa abreviação nunca foi usada, mas as automatistas geralmente obtêm apenas parte de um nome. Nessa época, presume-se, ela havia adquirido confiança na sua secretária. Geraldine e acrescenta igualmente: 'Fiquei muito emocionado com a emoção da dor quando este escrito posterior estava a ser escrito.'

Miss Cummins afirma que nunca tinha ouvido falar do livro Christopher, que H.T. menciona como uma fonte possível, mas aqui é claro que se está na presença do argumento de que o subconsciente de uma médium pode recorrer a qualquer fonte registada no mundo, seja em livros ou nas mentes vivas.

(3) Henry Tennant: “Acho que isso é psicologicamente preciso. O meu pai sempre se apoiou fortemente na minha mãe e, numa partilha de sofrimento, ela teria sido mais um apoio para ele do que ele para ela.'

(4) Henry Tennant. observa que o elogio extravagante que a mãe lhe fazia ante estranhos é característico.

(5) 'Gerald' é mais tarde revelado como sendo Gerald, Lorde Balfour. É certo que ele era parcialmente Escocês, que a sua mãe era Inglesa, que os seus ancestrais eram distintos e dotados de grande competência, que ele beirava os noventa anos, um estudioso por natureza, morreu durante a guerra. Possivelmente ele tentou conseguir trabalho durante a guerra.

(6) Gerald Balfour foi um velho amigo de 'Winifred.' O jovem chamado 'Francis' é mais tarde identificado como Francis Balfour, que foi morto jovem ainda numa queda enquanto escalava uma montanha no exterior. ‘Win’ reconhece-o, pois foi comunicador nas Correspondências Cruzadas (página 4), em que ela participou. Isso não era do conhecimento de Miss Cummins, ainda desconhecedora da identidade de 'Winifred'. Astor parece saber apenas que os dois se conheceram e conversaram 'em algumas circunstâncias estranhas.'

(7) ‘Ela era uma senhora muito determinada,’ facto com que concordou H.T. Mais tarde, é revelado num escrito que há uma questão de 'um livro de memórias a ser publicado,'

instado por 'Gerald,' contestado por 'Winifred.' (Isso refere o caso do Domingo de Ramos, não publicado até 1960.)

(8) A passagem em que 'Winifred' suspende a proibição de publicação é considerada por H.T. como 'tão fiel ao estilo de expressão da minha mãe que, ao vê-lo, pareço ver as palavras na sua caligrafia.'

(9) Henry Tennant: 'Menos característica, especialmente a última parte. Mas a minha mãe costumava usar frases ao falar sobre a vida após a morte. "Querida Death" era bastante característica.'

Sessão 3 - 10 de Setembro de 1957

Astor, eu penso que o teu outro caso precisa esperar, já que aqui está congregado um pequeno grupo hoje. Eles foram trazidos pela Lady Win. Ela é muito persistente, e persuadiu estes dois indivíduos a vir e a reforçar o poder dela. Capto os nomes Fred e Win., Não, diz ela, não são os nomes de um homem e uma mulher. Junta esses dois nomes e obterás o meu — Frewin — ela acena afirmativamente com a cabeça. Pois, já percebo, é a Winifred. A Winifred quer escrever por mote próprio. Ela está nervosa com relação a isso, mas demasiado ansiosa por tentar, pelo que a vou ajudar. (1)

Winifred.

Como a hei de tratar? Não consigo recordar. (palavra ilegível).

(Eu disse, Geraldine Cummins.)

Gearldine Cummins, G.C.

'Prezada G. C. Peço-lhe que perdoe a minha intrusão. Só me poderei desculpar dizendo que, à semelhança de si, fui uma automatista durante a minha vida passada. Ah, uma mera amadora, mas constituiu um interesse cativante certa vez. Sentia-me ávida por investigar desde este lado, e agora percebo o quão difícil para nós, pobres almas, consegui-lo. Recebi uma impressão da parte da Sr.ª W.H. de se meter numa busca de si. Foi com um verdadeiro prazer que respondi, mas o nosso primeiro encontro foi infeliz. Isso eu escrevo a fim de explicar, e por gentileza envie a minha explicação ao nosso investigador mútuo. (2).'

(Ei disse que o faria. Geraldine.)

'Obrigado.

Por favor diga à W.H., que a *Seleção Mútua*, (3), é a explicação que resolve o problema. A confusão na minha primeira mensagem através de si deveu-se de uma forma curiosa ao facto de eu ter estado num certo sentido forçada a selecionar de entre as suas memórias enquanto você selecionava das minhas. Estou a expressar

aquilo que quero dizer de uma forma inadequada. Foi como se mergulhasse numa lagoa muito funda — numa memória escura sua. A tristeza que abrigou por uma perda em batalha de um Henry ou Harry da sua parte. A sua velha memória despertou aquilo que aqui o meu amigo G., chama um complexo reprimido meu.

'A sua memória de Harry ou Henry levou-me a ver de novo o meu filho a brincar - o meu Henry ou Harry tão logo após a chegada das notícias da morte do meu filho mais velho em ação. Foi a mesma guerra. Mas o meu Harry ainda vive na terra. Quando ele cresceu foi para o Exército. Você perdeu o seu Harry e essa recordação foi agitou a terrível dor que eu sofri quando perdi o meu George. (4) As nossas duas memórias misturaram-se. Foi-me explicado pelo G., o amigo que qui tenho, que quando sofri a dor da perda, à medida que os anos passaram, eu a esqueci, facto pelo qual não impedi o meu Harry de ir para o Exército. Ele lutou nessa abominável Segunda Grande Guerra, e mais uma vez experimentei o velho temor e ansiedade de ter um filho na frente. Mas isso não vem à questão.

'O que eu quero que W.H. perceba é que ao ver e, bem, sentir a sua recordação de dor pelo seu Harry, abriu-me as comportas, por assim dizer. Eu experimentei a memória que tinha sepultado viva há muitos, muitos anos, o que perfaz o que é designado por complexo, pelo que isto explica a confusão e sem dúvida o fracasso dessa primeira mensagem (5).

'Eu percebo agora como podemos desviar-nos e perdermo-nos nas memórias da automatista quando nós os chamados mortos tentamos comunicar. Este tipo de seleção mútua está fadada a ser o que o meu amigo Gerald chama "grelhado misto." Mas na comunicação da segunda mensagem dirigida à W.H. cuja carta tem a seu lado, eu falei a sério. Fui clara e serena, tão clara como se fosse um magistrado que estivesse no Tribunal a ler-lhe o veredicto. (Nota; pode tratar-se de "ela.") Eu fui uma magistrada, sabe, que teve assento nesse duro banco (6).

'Bem, estou a ficar novamente confusa.

Preciso terminar.

(assinado) 'Winifred.'

'Diga à W.H. que não posso obter êxito daqui. Torna-se tão confuso que esqueço tudo que tento. Só consigo recordar fragmentos.'

(1) O primeiro nome da comunicadora é mencionado corretamente pela primeira vez. Repare-se no artifício de juntar outros dois nomes para perfazer um só. Enquanto automatista que ela foi em vida, Winifred tinha conhecimento da dificuldade de transmitir nomes.

(2) 'A Srª W.H. é a Senhora Salter, a anterior Helen Verral. O 'investigador mútuo' é, claro está, o Sr. W.H. Salter, que, juntamente com H.T deu início a estes escritos. A 'Winifred' comunica agora diretamente e não através do controlador Astor. Menciona o facto de ela própria ter sido automatista, embora amadora, ambos fatos desconhecidos da Geraldine.

(3) 'Seleção Mútua.' A frase e fenómeno são discutidos no "Estudo Balfour dos Aspetos Psicológicos da mediunidade da Srª Willet,' (nos Proceedings da SPR de Maio de 1935, pa. 200). Em 1955 a Geraldine Cummins leu extratos dessa grande obra em dois livros — The Personality of Man, de Tyrrel, e o Cross Correspondences de Saltmarsh — isso foi tudo quanto ela leu acerca do Estudo Balfour. Em nenhum desses extratos o tópico da Selecção Mútua tem lugar. Isso tem relevância aqui, já que a comunicadora se preocupa por a automatista ter hesitado entre Henry e Harry enquanto nome correto do outro filho vivo. O irmão da Srª Cummins, que sempre foi tratado por Harry, foi morto na Primeira Grande Guerra. Tendo essa recordação sido despertada nela, 'ramificou-se' conforme se poderá dizer no espírito da comunicadora, mas a forma errónea do nome foi dada. Uma seleção 'mútua', se involuntária, tomou o seu lugar

(4) Um dos nomes do falecido filho de Winifred era 'George,' só que jamais foi usado. Com muita frequência, numa sessão mediúnica o nome menos usado de uma pessoa é selecionado seja por que razão for.

(5) HenryTennant escreve a dizer que a mãe não reprimiu o pesar, a qual de facto comentara com frequência a perda do filho.

(6) HenryTennant: 'A menção do trabalho da minha mãe de magistrada e aforma como foi introduzido são ambas características. Ela era extremamente orgulhosa com respeito a esse trabalho, e foi-o até ao fim da sua vida. . . Eu estive frequentemente presente quando a minha mãe conhecia estranhos por uma primeira vez e reparava que ela praticamente tirava proveito de uma oportunidade precoce de referir o trabalho que fizera na Magistratura. Com frequência introduzia o assunto de forma abrupta, com lógica, tal como no escrito.'

Esta evidência não era do conhecimento da Geraldine C.

Sessão 4 - 22 de Setembro de 1957

Astor acha-se presente. Esta muito determinada alma tem vindo a conversar comigo. Ele é líder de um grupo e deseja aproveitar a oportunidade para usar, diz ele, a Winifred como um tipo de agente de ligação (1) em várias comunicações resumidas. EBG (2) tem sido consultado e concordou com o experimento se arranjar um tempo. Ela diz que pode confiar na inteligência do Sr. Salter nesta questão. Aqui está o Gerald.

(A caligrafia muda, e apresenta-se muito mais diminuta).

'Gerald:

'Prezada W.H.

'Tomei a liberdade de organizar ou tentar organizar a Srª T. (Winifred). Ela mostra-se muito disposta só que está extremamente nervosa. Sugeri que hoje ela tentasse estabelecer-se escrevendo sobre as suas origens. Numa outra ocasião ela poderá escrever ou esforçar-se por escrever uma mensagem pessoal ao filho dela. A roda descreve o círculo completo. Tal como no caso das pessoas muito velhas ainda no corpo físico, aquelas que experimentaram a extensão plena da vida na terra quando aqui veem recordam facilmente fragmentos de memórias do passado distante e não conseguem recordar lembranças mais chegadas.

Tal como a Srª T. diz e de forma acertada, parecemos nadar no mar da mente subliminar da automatista, e qualquer corrente mais forte pode varrer-nos da memória objetivos que tenhamos em vista, antes de qualquer tentativa de comunicarmos. Assim, nenhum de nós pode garantir a identificação, se alguma houver, que ela possa escrever hoje ou em qualquer outro dia. Seja como for, a automatista acha-se mais isolada dos outros seres humanos nesta quietude do campo do que numa cidade, pelo que é menos provável que a Srª. T deslize na atração forte da maré ou corrente, e dessa forma fracasse no objetivo da sua identificação.'

(A caligrafia volta a apresentar mudança.)

'Astor. Bem, esta outra comunicadora que ainda está muito perto do nível da terra, já que é uma recém-chegada, passará a escrever. Vou esforçar-me por a ajudar a escrever.'

(Mais uma mudança na caligrafia.)

'Winifred.

'Prezada Geraldine C.

'Preste atenção, por favor preste atenção — Ah! O mundo salta para mim. É Morgan. Retenhamos o Morgan. Agora, uma famosa jogadora de cricket, W.G. Grace (3) Eliminemos o Grace. É a W.G que me interessa. Se acrescentarmos o W.G. ao Morgan, ficamos com um nome que poderá parecer não fazer sentido, mas a mim faz sentido. Passei muitos anos adoráveis anos da minha existência a viver em Morganwg. A minha mãe também proveio de lá (4). Isto tem que ver com a origem das espécies. O meu marido e (três últimas palavras entre as linhas) a minha espécie ou raça. Os acontecimentos mais importantes da minha vida ocorreram em Morganwg.

'Quero dizer, aqueles que estiveram relacionados com as origens, o nascimento daquilo que somos, o molde da nossa criação no que diz respeito às influências. Eu conheci o meu marido em Morganwg (5). Há recordações de outros nascimentos, lá. Penso na minha família, nos meus pequenos que se tornaram rapazes. Tantas vezes brincaram ao redor na bela região de floresta de Morganwg. Com nascimento, quero dizer todos os primeiros anos dos meus pequenos, influências na formação, e não só o incidente do próprio nascimento. Isso pode ter lugar em qualquer parte. Mas a alma só gradualmente surge no corpo.

Ela imiscui-se durante os primeiros sete anos. Mas eu própria vivi esses sete anos da minha vida sobretudo noutra parte (6). Isso não significou muito porque, através da minha mãe, que foi a minha principal influência nesses sete anos, eu pertenci a Morgan W.G. Sim, eu fui criada na Inglaterra. Morganwg que não é (nota escrita a lápis pela Geraldine, "Interrupção na escrita, voltou mais tarde," começo de nova página) Inglesa foi a terra da minha adopção. Difere em muitos aspetos da Inglaterra. As pessoas que lá vivem são muito independentes.

Mostram-se mais desorientadas em temperamento e mais imaginativas que os Ingleses, e talvez menos estáveis. É a terra a que pertencem que faz diferença. Tem cadeias de montanhas e vales sombrios em partes do principado, e uma longa costa marinha. O meu marido e a família dele eram de lá, pelo que essa terra se tornou parte de mim. A minha mãe também era de lá e levou-me para lá (Nota a lápis da Geraldine, "Eu, Geraldine C., produzi caligrafia da Winifred").

'Que jornal é esse que me mostra? (7) Ah, pois, o Dia da Homenagem e a Pousada. (8) A Pousada, é claro, desperta recordações. Os muitos anos que passam a correr. Mas, como conseguirei prender essa quantidade de memórias? Elas assemelham-se a fortes pés-de-água. Não podemos separar os pingos de chuva, e apanhá-los u a um. Uma Pousada pode ser qualquer coisa desde um chalé de três quartos até uma mansão. Sugiro que mansão o descreva melhor do que um chalé, neste caso (9).

'Quando visitei essa Pousada, em nova, as pessoas que lá viviam deixaram-me bastante alarmada (10). Sentia-me tão tímida e nervosa. Foi assim que comecei na Pousada. Mal imaginava eu na altura como viria a tornar-se parte de mim. Viveram lá gerações de uma mesma família. Ah, que bonitas que as raparigas dessa família eram, e quão atraentes. Que era eu em comparação — um eu bastante acanhada e pouco atraente, uma imagem de mim que mingava e diminuía a meus próprios olhos. Ah esses velhos pudores da juventude e até mesmo dos anos de maturidade. Mas não devo divagar.

'Não, Cad, Não, agora estou a tentar uma espécie de Cadre, que quer dizer moldura em Francês. Não, por favor, preste atenção. Cadre e O de Ox, junte-as, CadreOx.

Não está bem. Preste atenção. Pois, essa era a moldura do meu marido - a moldura de uma fotografia — do meu futuro marido, Cadox, Cadox Lodge. Era a residência da família do meu marido, onde ele era um pilar. Ela era o laço. Ele era a ligação. Como era amável comigo quando eu estava tímida e nervosa. Mais tarde o laço ligou-me a Cadox.

'Como fomos felizes lá, onde vivemos como marido e mulher, e como as recordações me rodeiam a toda a volta como ecos que ressoam numa passagem de montanha — todos aqueles anos, querida, anos de doçura, tantos acontecimentos e momentos de pesar e de sofrimento, como sucede em todas as vidas. Doença, saúde, festas, horas de alegria e sossego na solidão da tranquilidade em que buscamos e encontramos a nossa alma, coisas a tratar, deveres caseiros — obrigações especiais dos meus rapazes.

Quão repleta se apresenta a nossa vida de detalhes! Como se afigura difícil definir por entre esse montão o que tem significado em termos de recordação. Cadox Lodge apresenta-me todo esse montão. Lá estava a Dorothy, lá estava a Eveleen, e lá estava o Fred. Agora ouço os sinos do casamento, a lua-de-mel, mas mais tarde o retorno a Cadox.

'Tudo gira em torno de Cadox, onde as gerações da família do meu marido viveram e morreram. Quer dizer, foi pelo menos um lar permanente para a minha geração, uma geração passada, e para o meu filho (11) *A confusão não pode aguentar-se. Mas o Cisne repousa num mar de negro, um símbolo e não um emblema, ligado à Winifred Cadox,'* (Sublinhado na escrita.) (12)

(1) Henry Tennant: 'Isto expressa muito bem o que eu tinha em mente quando o experimento foi concebido.'

(Ed.) Muito interessante à luz dos escritos que se prendem com o trabalho do 'grupo' que haveria de se seguir. Mas à Geraldine só foi dado supor que um filho queria uma mensagem da mãe, em cuja contínua existência, todavia, ele realmente não cria.

(2) E.B.G., é a Miss E.B. Gibbes, igualmente conhecida como 'Bea,' cuja devoção pelo trabalho académico que exerceu em associação com a os escritos automáticos da Miss Cummins é bem conhecido. Ela faleceu subitamente a 18 de Dezembro de 1951.

(3) HenryTennant, comenta que a mãe era ignorava em desporto. Todavia, a questão, igualmente mencionada por ele, está em que o nome W.G. Grace é empregue para transmitir um nome Galês de difícil pronúncia.

(Ed.) Num dos seus primeiros diários a Sr. Willett refere uma ida a uma jogada de cricket como parte da vida da terra. E a G.C. adorava o desporto, e jogara muitas partidas com os irmãos.

(4) Morganwg (termo Galês que refere Glamorganshire) foi um local onde a comunicadora passou muitos anos. É correcto que a sua mãe veio do País de Gales.

(5) HenryTennant, comenta que isso poderá ser verdade num sentido figurativo, embora ela tenha conhecido o marido primeiro na Áustria, mas em Morganwg ela tê-lo-á 'conhecido' melhor do que na elegante Londres.

(6) Henry Tennant: 'A minha mãe nasceu em Gloucestershire numa casa que o meu avô vendeu passado pouco tempo. Não estamos muito certos onde ela terá passado os seus primeiros sete anos da sua vida, mas não pensamos que tenha sido no País de Gales'

(7) G. C. evidencia um jornal com a caligrafia da comunicadora nele, em que menciona uma 'Pousada' e uma 'Comemoração.'

(8) Henry Tennant: 'A Pousada mencionado no jornal era a Pousada Provost do Colégio Eton. Não me tinha ocorrido o apropriado que se haveria de revelar a palavra no evocar de memórias dos primeiros anos da vida de casada da minha mãe. (Cadoxton Lodge e Oliver Lodge.)'

(9) Henry Tennant: 'A Pousada Cadoxton era uma casa muito grande.'

(10) Henry Tennant: 'Nenhum dos da família do meu pai viveu em Cadoxton.'

(11) Por volta do final deste escrito, a Winifred procura corrigir a inexatidão da família do marido ter vivido em Cadoxton, depois de ter, de uma forma engenhosa transmitido inicialmente a parte principal do nome esquisito ─ Cadre-Ox. Ela explica que ela e o marido viveram lá, do pondo de vista que ela tem de 'uma geração passada.'

Henry Tennant comenta a observação que ela faz de que a família do marido a alarmara bastante: 'Suponho que a mãe deva ter achado as beldades desbotadas da sociedade como a Dolly e a Evie temíveis, mas eu sempre subentendi que ela tinha uma enorme dose de autoconfiança.'

Ela menciona, corretamente, os nomes das duas cunhadas, e o do cunhado dela, 'Fred', que é Frederic Myers.

H.T. afirma que os pais passaram a maior parte dos seus primeiros tempos de casados em Londres e que não se mudaram de forma permanente para Cadoxton senão em 1908.

(12) HenryTennant: 'Supostamente Swansea que distava cerca de dez milhas de Cadoxton. Quato ao emprego de 'Negro' não entende. Parece não haver razão especial nenhuma para Swansea ser aqui mencionado. Estaria associado com a minha avó, que veio de Derwen Fawr Manor próximo de Swansea, e com o trabalho que a minha mãe de visita de prisão que muito significado tinha para ela.'

(Ed.) Havia também o Canal de Swansea com que a família muito tinha que ver.

Observações de carácter geral no escrito nº4. Henry Tennant afirma que embora o irmão, Alexander Tennant não ache que estes escritos transmitam o estilo da mãe, 'nem o seu conteúdo é de modo algum o que eu chamaria de típico,' ele próprio não concorda por completo, e acrescenta: 'Contém aspetos atípicos, mas muito dele parece-me ser bastante típico, embora em parte nenhuma de forma vívida.'

(Ed.) Também devemos ter presente que a 'Sr.ª Willett' não deixava que os filhos participassem da sua vida secreta. Alexander Tennant diz que, quando, após a morte da mãe, alguém lhe fez menção da 'Sr.ª Willett' ele perguntara quem era a Sr.ª Willett. Henry Tennant foi informado da identidade da Sr.ª Willett em 1944, embora a mãe nunca tenha tido conhecimento disso.

Estes são, é claro, apenas os escritos iniciais. Depois da conclusão da série, Alexander Tennant falou de um escrito especialmente longo, que 'é cem por cento a minha mãe!'

Geraldine Cummins acrescenta: 'Os nomes Morganwg, Derwen, Fawr, Cadoxton, Lodge, assim como os nomes de família e relações são para mim desconhecidos, Quanto à familiaridade que tive com o País de Gales, há uns anos atrás fiquei hospedada uma noite em Swansea com uma senhora que não conhecera previamente; discutimos a pesquisa psíquica e os meus livros, tanto quanto me é dado recordar. O nome dela descobri-o num velho caderno de endereços, e era Lady Edwards, Hendrefoilav, Sketty, Swansea. Há muitos anos atrás fiquei duas noites com um tio em Monmouthshire..'

Sessão 5 - 24 de Setembro de 1957

Astor chega. Trago comigo a senhora do pensamento arrebatador. Ela diz-me que é a Sra. Wills e sorri. Ela está preparada para escrever hoje, pelo que lhe vou passar a 'caneta'. (1)

'Winifred.

(Geraldie Cummins apresenta um papel com a caligrafia de Winifred.)

'Este papel, a minha caligrafia de novo — monumentos — monumento à morte, tão estúpido. (2) Escrita que encerra ideias de morte. Mas quão ignorante, quão insensato, quando tudo é vida, vida um tanto implacável por vezes. George, meu filho (3) está vivo. Por que cismar sobre a decadência e a morte? Perecer, perecer, quando tudo está a ser recriado, e a renascer imediatamente. Isso é o que está a acontecer. Todos seremos transformados num piscar de olhos. São Paulo não disse isso? Mas ainda seremos *nós próprios*, devo acrescentar. Eu sei disso por o experimentar agora.

'Cambridge, sim Cambridge. Essa escrita traz-me à recordação as lembranças da infância de Cambridge, da minha vida lá naquela terra. Cereja, Cerejas. Sim, Cereja. Tente ouvir, por favor. Ah, que estúpido. Quão grande o meu pai me parecia quando eu era tão pequena.'

(G.C. teve que interromper.)

'Winifred.

Sim, eu entendo, uma pausa. Você não podia evitar isso. Agora quero tentar concentrar-me. É importante o que hoje lhes passo. Sou orientada por um grupo aqui

— pessoas que certa vez viveram em Cambridge ou estiveram ligadas a essa cidade. (4) Ah, bom, você captou isso. Eles dizem para eu fazer um esboço geral de mim própria, da minha origem, da origem das espécies (5) primeiro, depois sobre o significado da minha vida. Bem, preciso terminar com as minhas origens e escrever sobre o significado, e depois o — o epílogo. Morganwg *(NT: Nome literário de Edward Williams, pedreiro de profissão, e poeta)* deu-me poder (6) poder para proceder a esta escrita automática, para ouvir, para captar. Era uma espécie de recarga, se é que você me entende, de modo que era principalmente em outro lugar que a energia era usada. Mas devo voltar ao tema de Cambridge.

'Eu amei-a de uma maneira diferente de Morganwg. Afinal de contas, na nossa infância conhecemos a experiência da beleza, da alegria e da dor aguda também — todas as memórias que se aglomeram desse papel na minha direção. Mas muitas vezes voltei a Cambridge na vida adulta. Eu vivi lá com boas amigas. (7) Eu morei em Londres também. Tinha vida social naquela época. Você não conseguiria acreditar como era diferente de hoje — o Império Romano no seu apogeu! Quão orgulhosos eram todos eles, quão insignificantes! Cambridge era muito melhor. Lá eles olhavam para a frente. Pensadores profundos vêm (podem ter vieram) de lá. Cara Alma Mater. (8)

'Agora, por favor, escute — foi-me ocultado da parte do Grupo transmitir esta reminiscência da infância que se segue. Ela esteve muito tempo velada, mas, qual pequeno tesouro, precisa ser retirada e espanada, examinada — embora neste caso possa ferir o titular a quem ela recorda a dor de criança. Houve uma sucessão de eus ao longo da minha vida — unidades psíquicas que se formavam. A aparência externa, a personalidade, variavam, à medida que cada unidade psíquica representa a sua parte no palco, e então passa. Mas por trás dela está o eu real, fundamental, mais grandioso do que a sua personalidade. Isso é o que o Grupo aqui diz que é o que é permanente. (9)

'Agora. Esta pequena Winifred, cujo papel agora represento, era uma sonha. . . uma sonhadora. Eu amava os meus sonhos e, quando m e debatia com ganchos e cabides, por vezes esquecia-me de mim própria e fugia para os meus sonhos. (10) Assim, sucedeu que quando eu andava por lugares celestiais, a minha professora trazia-me de volta. Ainda me lembro da pancada da régua nos nós dos dedos e do choque de dor que me provocava. (Nota: Última frase escrita de forma muito solta.) Depois disso, repreensão, repreensão, e eu ficava aturdida, vaga, não conseguia explicar.

Eu não podia falar dos meus sonhos — tão claros para mim. Devia permanecer em silêncio. (Nota: últimas palavras escritas de forma muito solta.)

(Nota de G.C: 'Por favor, escreva de forma menos frenética.')

Eu tentarei. Sim. Um momento enquanto me recomponho.

'Era punida e repreendida, mas permaneci impenitente. Aparentemente eu não devia, não poderia falar sobre isso. Então a professora reportava que eu estava de mau humor, e isso deixava a minha mãe triste. A tristeza dela magoava-me. (11) Eu tinha receio do que ela poderia dizer sobre os meus sonhos. — Andar em lugares celestiais! Soava a blasfémia ou esquisito, mas ver os meus sonhos calcados aos pés ter-me-ia magoado profundamente. Quão verdadeiro foi o que o poeta escreveu: "Pise suavemente, você pisa nos meus sonhos." Yeats, sim, foi ele quem escreveu isso. Um homem estranho, mas ele entendia o mundo psíquico. (12)

'Mas preciso continuar. Mais tarde na minha infância, quer dizer, quando eu era menina, eu costumava fazer rabiscos de escrita automática. (13) Mas como os meus devaneios eram tão maltratados, não contava isso a ninguém. Além disso tinha dúvidas, pois tinha-me tornado crítico quanto à origem daquilo. Digo isso porque exerceu a sua influência durante toda a minha vida. Semeou na minha alma um receio profundo, e na minha vida adulta colhi o seu resultado. Quando na minha vida de casado comecei novamente a fazer escrita automática, o receio da minha infância de cair em desgraça por causa dos devaneios levou-me a não falar sobre isso a ninguém.

'Ah! Havia outras razões também - as convenções da época. Mas eu gostaria que W.H. (Wiliam Henry Salter) soubesse da verdadeira razão fundamental, a fonte da minha relutância em fazer sessões para as pessoas e, mais tarde, permitir publicações sobre os meus escritos, e só permiti isso de uma forma restrita, e insisti em ser chamada de Sra. Wills em tudo o que fosse impresso sobre o meu trabalho.

— Eu costumava escrever sozinha, é claro. Muitas vezes, o meu querido marido pedia para estar presente mas eu sempre recusava. Era, conforme percebo agora, aquele medo criado na infância que me levava a recuar diante dessa provação. Quando finalmente deixei que o Charles testemunhasse a escrita, acho que o medo se encontrava de tal modo reprimido, conforme o Gerald me disse, que me provocou uma tempestade no pensamento. Provavelmente, G.C., você não irá acreditar em mim. Mas perdi a consciência durante aquela sessão com o meu marido. Você já ficou inconsciente enquanto escrevia? Não, diz-me você. Ah, que sorte. Eu sentia-me tão vulgar, tão esgotada depois disso. Mas Charles era muito amável e compreensivo com respeito a isso. (14)

'Agora devo prosseguir e contar como se desenvolveu. Os meus comunicadores, o grupo Cam pressionava-me para escrever para outros. Eu resisti durante um tempo, por causa daquele receio, que era como um pequeno fantasma sentado no fundo do meu cérebro – um espectro a assombrar-me. Claro que eu não tinha consciência de tudo isso. Era um receio vivo enterrado que me oprimia. Mas acabei consultando uma mulher muito esperta sobre a escrita (automática). Ah, como ela foi igualmente compreensiva. Ela deu-me conselhos sábios e exatamente o que eu precisava —

coragem. A qualidade da misericórdia não é forçada. Ela cai como a chuva suave do céu. Portia, você sabe. Serei sempre grato a Portia, a minha inteligente amiga, pelo encorajamento que me deu. Você, G.C., deve saber como precisamos desse encorajamento misericordioso! W.H. Dê lembranças minhas à filha de Portia. Mas ela já ouviu falar de mim. (15)

'Mais tarde na minha vida, ou melhor, logo depois que eu estive com a Portia, os comunicadores realizaram o seu desejo. Fiz escrita automática para um cientista (16) — fiz uma sessão com ele — quer dizer por vezes falava, outras vezes anotava o que o comunicador me ditava. Por vezes vinha apenas em pedaços. (17) O meu amigo aqui, o Gerald, ficou muito interessado. Ele estava vivo na terra então, e acho que o melhor trabalho que fiz foi para ele.

Ele costumava conversar bastante comigo sobre isso. Aquilo subia-me à cabeça. Ah, tal capacidade de análise! Assim, devo confessar que fingia não me interessar muito pela pesquisa pela qual ele tinha tanta paixão. Mas eu realmente sentia muito interesse. Só que toda aquela conversa era como despedaçar os meus sonhos do outro mundo e, de qualquer forma, ele não conseguia simplificar e usava palavras muito compridas. (18) Por vezes eu não sabia se estava de cabeça para baixo ou sobre os calcanhares quando o escutava. Mas a esposa dele, Betty, era um encanto e um alívio de tão brilhante, tão charmosa e tão crente que era.

'Eu podia revelar-lhe as minhas visões de outros mundos com segurança que ela acreditava em todas. (19) Eu contei-lhas em segredo, e ela respeitou a minha confiança e manteve os meus preciosos segredos até mesmo do conhecimento do Gerald dela, por quem ela era e é devota. Ela zombava dele, na verdade, com amabilidade, mas não tinha o menor ciúme da paixão que ele nutria pela pesquisa, pesquisa e mais pesquisa. Isso deixava-o muito feliz, disse-me ela, e assim ela encorajava-o nisso. Ah! Que esposa sensata ela era. Gerald disse para lhe dizer isso. Ele gosta de rir do eu sério passado que tinha, e como você também é um pesquisador, segundo ele diz, avise-o sobre os seus perigos — - da perda do sentido de humor.

'Agora não devo retê-la mais. Direi apenas o seguinte: Estou a pressioná-la e tenho andado ao seu redor porque logo essas coisas se tornarão conhecidas e, portanto, apenas o que digo agora tem valor. Ignorei todas as sugestões que recebi do nível da terra sobre o que poderia escrever se fosse capaz, através de si.

O grupo aqui ainda se mantém unido e tentei seguir as instruções dele quanto ao que você é capaz de receber. O grupo é formado pelos de Cambridge, que foram meus comunicadores e a esses somaram outros interessados. Entre eles o meu amigo Gerald, e a amiga que chamo de Portia. Eu sou a Sra. Wills. Isso não está certo. Não importa, continue — ouça, O., o cientista também faz parte do grupo.

'Espero ser poupada à experiência de cair no Rio do Esquecimento. Mas existe um outro tipo de esquecimento. Quando conversamos por meio de um médium e com um médium ou automatista nos tornamos, por assim dizer, dependentes dos seus pensamentos, palavras e imagens, e erramos, perdemo-nos nessa maré. Pode ser igualmente um Rio do Esquecimento temporário, para o comunicador que se debate em dificuldades em muitos casos, e pode ser uma mistura; em parte o escritor automático, em parte o comunicador, assim como pode vir em clarões e ser quase verídico.

Digo isso para seu encorajamento, pois vejo o quanto você duvida e tem vontade de acabar com tudo. Eu conheço esses humores. Eu senti-os por vezes. Mas o que sempre foi certo, verdadeiro e maravilhoso para mim foram as minhas outras visões do outro mundo, e essas não eram a minha imaginação. Eu as redescobri desde o meu falecimento, descobri que elas são o que a S.P.R. (Sociedade de Pesquisas Psíquicas) chama de verídicas! (20)

'Winifred'

(1) GC: Há aqui uma tentativa de transmitir o pseudónimo que ela usou, de "Sra. Willett," em todos os seus experimentos de pesquisa psíquica. A revelação da sua identidade foi feita pela primeira vez no Journal for the Psychical Research de Dezembro de 1957, do qual não fui informada senão até Janeiro de 1958, mas esta escrita levou-me a suspeitar disso.

(2) O jornal contém algo sobre um memorial. Alex T. comenta: "Encontrei listas de muitos memoriais para o Christopher, na caligrafia da minha mãe e datilografadas. Acho que ela erigiu-lhe memoriais em todos os lugares onde em sua vida ele passou algum tempo material.'

Henry T. acrescenta: 'O meu irmão menciona que a restauração de um desses memoriais era um de seus desejos mais ardentes no final da sua vida, e que quando ela se encontrava muito doente, ela esforçou-se por ditar cartas sobre isso às enfermeiras.'

(3) Uma outra referência ao filho morto na Primeira Guerra Mundial, a quem foram erguidos os memoriais, agora deplorada pela comunicante. O uso do nome 'George,' segundo o seu filho sente, tende a mostrar que o livro de Lodge, intitulado 'Christopher', não foi tirado dele.

Henry Tennant: A minha mãe certamente não teria usado o nome "George." No entanto, é factualmente correto. Não posso sugerir nenhuma explicação, presumindo a sinceridade de Geraldin Cummiins, exceto uma possível confusão com George Pearce Serocold, o pai da minha mãe.

G. C. acrescenta: 'Em Dezembro de 1959, no meu primeiro encontro com H.T., ele falou de um livro intitulado Christopher, de Sir Oliver Lodge. Eu nunca tinha ouvido falar dele.'

(4) Alexander Tennant: 'A minha mãe sempre teve uma enorme adoração por Cambridge e um grande interesse pela igreja Cherry Hinton, que ela subscreveu para a manutenção geral e reparos feitos nos últimos anos. Ela havia, é claro, ficado em

Leckhampton House, Cambridge, com Frederic W.H. Myers e a sua cunhada (a irmã do marido dela Charles, chamada Eveleen), e lá pela primeira vez ela travou conhecimento com o mundo académico, em relação ao qual ela teve uma toda a vida um enorme respeito.' A.T. acrescenta que mais tarde ela ficou em Cambridge. O pai dela nasceu lá. Na juventude, ao explorar Queensland, Austrália, ele chamou vários lugares de Cherryhinton.

(Ed.) No diário de 1899, Winifred menciona que 'Passamos uma semana em Cambridge em Abril. . . fui a Cherryhinton, onde prestei a devida homenagem aos túmulos dos meus antepassados.

A comunicadora afirma ainda que é orientada por um grupo aqui, gente que já residiu em Cambridge.' Dada essa pista, mais os nomes 'Gerald' e 'Betty' (ver página 3), a automatista supôs que Mrs. Wills e Mrs. Willett (pseudónimo de uma senhora que tomara parte na Correspondência Cruzada, um experimento em que diversos automatistas, independentemente uns dos outros, receberam da parte de supostos comunicadores detalhes de quebra-cabeças literários, que só faziam sentido quando interligados pelo experimentador responsável. (Veja 'Zoar' de W.H. Salter, para melhor relato dessa experiência mais significativa.) Essa dedução da Srta. Cummins obviamente não lhe disse nada sobre a vida da mãe do Major Henry Tennant.

(5) Ela usa uma frase bem conhecida para garantir que os médiuns entendam a palavra 'origem' como ela quer que seja usada.

(6) A.T. comenta: 'Isso eu acho que é muito verídico. Uma vez perguntei à minha mãe como ela havia aprendido a arte de falar em público. Ela disse-me que de repente descobrira o poder - no País de Gales, durante a Primeira Guerra Mundial. Ela precisou falar sobre alguns assuntos e de repente descobriu que conseguia fazê-lo sem esforço.

(7) Ver nota 4.

(8) A.T.: 'A minha mãe e o meu pai viveram principalmente em Londres durante os primeiros anos do seu casamento. A minha mãe sempre disse que a sociedade londrina era “orgulhosa,” “baixa,” comparada com os pensadores que ela conhecera – G.H.B. (Balfour), Lodge, Sidgwick, A.J.B. (Balfour), etc. O termo “Querida Alma Mater” é particularmente característico.'

(9) Na página 149 do Estudo de Balfour, (NT: Intitulado ‘A Study of the Psychological Aspects of Mrs Willett’s Mediumship’, a extasiada Sra. Willett é citada como tendo falado de 'uma cadeia de eus,' e nos comentários de Gerald Balfour (página 150-1) ele fala de 'unidades psíquicas' e considera a sua cooperação na formação de um eu primário ou 'verdadeiro.' Nos escritos de Cummins-Willett, essas ideias são expressas em algumas frases, como uma senhora inteligente, mas não académica poderia tê-las mencionado, e como supostamente é Gerald Balfour, que (mais tarde) admite que está a conduzir esse experimento do 'outro lado,' é provável que as suas preocupações surgissem, especialmente por essas observações serem relevantes para o que se segue sobre a 'unidade psíquica' da Sra. Willett na infância.

A.T. comenta: 'A verdade do evangelho — muito típico — realmente a chave para o carácter da mãe.'

(10) Andar por lugares celestiais,' uma frase usada no Estudo de Balfour pela Sra. Willet para descrever a sua experiência pessoal quando em transe.

(11) A.T.: 'A experiência de criança pequena — absolutamente verdadeira, eu acho — confirmada por algumas das coisas que Mabel me contou anos atrás.' (Mabel, tia da Sra. Willett, filha de George Serocold no seu primeiro casamento.)

(12) H.T.: 'A minha mãe tinha um interesse particular em W.B. Yeats, e estudou e refletiu muito sobre a poesia dele. Esta citação em particular era uma das suas favoritas.'

(13) H.T.: 'Não sabemos de nada que confirme isso.' No Estudo de Balfour (p.49), ele afirma que 'no início da infância, a Sra. Willett descobrira que possuía o dom da escrita automática. . .'

(14) H.T.: 'Esta história soa verdadeira ao meu irmão, e tenho a sensação de que já li ou ouvi falar dela.'

(Ed.) Na página 75 do Estudo de Balfour, a Sra. Willett nota que passou praticamente ao estado de inconsciência quando tentara escrever na presença do marido.

(15) (Ed.) 'Portia'. Aqui a Senhora Willett parece carregar o hábito dos casos de correspondência cruzada de usar nomes simbólicos para velar a identidade. Dois anos depois, G.C. adivinhou corretamente que Portia era a Sra. Verrall, a mãe da Sra. Salter. O poder 'judicial' dessa senhora foi mencionado pela Sra. Willett em outras partes destes escritos e é possivelmente a razão do nome.

(16) Mais tarde identificado por G.C. como Sir Oliver Lodge. Correto.

(17) O Estudo de Balfour (página 230-1), menciona os escritos desconexos' que a Sra. Willett começou a produzir (parte do esquema das Correspondências Cruzadas) e em relação aos quais Sir Oliver questionou os comunicadores. 'Pedaços e recortes' como a Sra. Willett os designa nos escritos Cummins provavelmente seria uma expressão mais natural para ela.

(18) No Estudo de Balfour, a Sra. Willett reclamou das palavras longas e obscuras frequentemente usadas pelos comunicadores. A.T. comenta que se lembra da sua mãe se "queixar a mim das palavras longas e obscuras que Balfour costumava usar."

Assim ela era pressionada tanto pelo comunicador quanto pelo participante.

(19) A.T.: 'Acho que a mãe era mais próxima de Gerald William Balfour e confiava nele, mas na verdade tinha exatamente o relacionamento descrito com a Betty. Tudo isso me parece absolutamente verídico.

H.T.: 'O meu irmão considera isso muito característico e típico em todos os sentidos. "Isso carrega o selo da verdade – e é verdadeiramente notável." - Eu próprio não deveria ter elegido isso como especialmente característico.

(Ed.) Neste aspeto dos escritos, Geraldine Cummins suspeitava fortemente que a Sra. Willett estivesse a comunicar fatos sobre Gerald Balfour e a sua esposa Betty, porque em Junho de 1939 Geraldine Cummins havia dado uma sessão para Lord Balfour e a esposa. (Ver o capítulo intitulado 'O começo das Sessões Cummins-Willett', página 3 assim como as páginas 83-4 na obra de Geraldine Cummins 'Unseen Adventures,' onde isso é descrito ao pormenor.)

(20) H.T.: 'A minha mãe costumava usar essa palavra em conversas que tinha com ela (verídico), sobre a evidência da sobrevivência da personalidade. Ela usava-a, por assim dizer, entre aspas, e a impressão com que fico é a de que ela a considerava um termo técnico da S.P.R. (Sociedade de Pesquisas Psíquicas). Lembro-me de uma discussão sobre o modo como a palavra deveria ser escrita, que eu defendi que deveria ser "verídico."

Em geral, H.T. resume: 'O meu irmão ficou consideravelmente impressionado com este escrito. Ele sente que tem o tom da verdade e que é preciso em muitos aspetos, e sobre os detalhes que ele não vê como a G. Cummins poderia ter conhecimento de outras fontes. Ele escreve: "Ler e estudar este último escrito levou-me a mudar consideravelmente os pontos de vista que defendia. Eu sinto que este escrito realmente nos enterneceu imenso.

Tentei os escritos junto da J. (sua esposa) e fiz muito poucos comentários, e ela é inteiramente defensora da minha maneira de pensar. Concordo com ela em achar que é uma grande pena querer encerrar estas comunicações, justamente no momento em que elas estão a tornar-se realmente interessantes. Duvido que Geraldine C. venha a querer cortar material que possa surgir-lhe, pois ela refere-se a Winifred como uma forte influência. G. C., sintonizada agora, está realmente a conseguir algo - e agora estou muito impressionado com a 'extrema prontidão' que evidencia, que tornou isso possível.

H.T. continua: "No geral, concordo, embora encontre que haja várias coisas incomuns no escrito. A descrição do incidente em que o meu pai supostamente esteve presente numa sessão soa a diversas notas falsas, embora eu não tenha motivos para duvidar que isso tenha acontecido. A referência a Winifred como sendo nervosa e não confiando em si própria (o que também ocorre em alguns dos outros escritos) parece-me inadequada. A minha mãe era fisicamente tímida, mas era completamente autoconfiante em tudo que exigia principalmente esforço mental e tomada de decisões.

Não reconheço a minha mãe na "senhora da mente arrebatadora." Nem acho que ela provavelmente "não esteja certa" de poder confiar à G. C. uma mensagem pessoal dirigida a mim. No entanto, concordo inteiramente que o experimento deve ser continuado, e estou muito interessado em ver o que G. C. produz na forma de uma mensagem pessoal a mim dirigida, pois aqui, se em algum outro lugar, alguém pode esperar encontrar material probatório.'

G. C.: 'O comunicador poderia ter sido autoconfiante em todos os assuntos que exigiam principalmente esforço mental, mas não inteiramente confiante no papel da automatista Sra. Willet, já que nesse papel era necessária uma suspensão do esforço mental. Essa é a minha própria atitude psicológica. Geralmente fico nervosa antes de uma sessão garantida. Mas tenho autoconfiança em questões que requeiram esforço mental consciente e tomada de decisões.'

(Ed.) No Esudo de Balfour «, a Sra. Willett é frequentemente apresentada como tímida na sua mediunidade.

O AMOR POSSESSIVO DA TIA DE HENRY, EVELEEN, COM RELAÇÃO AO MARIDO MYERS E AO FILHO LEOPOLD

Sessão 6 - 26 de Setembro de 1957

Astor está aqui. Winifred pediu permissão para escrever mais uma carta ao filho. Ela conta-me que se esforçou por comunicar por outros médiuns desde o seu falecimento, e que bateu à porta da Sra. Leonard (1) e que também procurou a Sra. W. H. Ela diz que acha muito difícil nem sempre saber o que é captado e o que é perdido. Até que ponto a médium terá captado o que pode ser comparado a sinais de radar.

(Mudança de redação.)

'Winifred T.

'Meu querido H.

'Quero que esta seja uma nota pessoal e expressar-te nela minha pequena confissão. Desejo mais do que tudo convencer-te de que estou viva e não sou mais a velhinha cansativa, mas Winifred no seu auge. Para tal fim, o meu amigo Gerald Balfour aconselhou-me a apresentar fatos gerais sobre a família e sobre mim própria desta maneira. Mas hoje escreverei em termos mais íntimos.

'Três filhos tive eu, mas interrogo-me se falhei para com algum quando eles estavam a crescer. Estou bastante preocupada com isso. O meu filho mais velho, George. Sentia um misto de orgulho e amor no que sentia por ele. O orgulho era, penso eu, uma falha no meu carácter. Talvez por isso a sua perda na guerra foi um golpe tão profundo para mim. O meu orgulho, assim como o amor que sentia, foi ferido de forma abominável por isso. Assim, sendo mais velho do que tu, Alex era mais independente e autónomo. Mas tu eras tão pequeno, tão completamente meu, uma criação minha. A visão de te ver a brincar de algum modo ajudou-me a regressar à vida. Mas neste momento não devo alongar-me, pois quero fazer a minha confissão.

'Sinto que durante o período em que vocês os três estavam a crescer naqueles primeiros anos importantes da vossa vida de catraios, eu não tenha estado o suficiente convosco e, quando estava com os meus filhos, expressava muito pouco do amor profundo que sentia por eles. Fui vítima de vários receios. Vou escrever sobre um desses receios em particular. Quando vocês eram crianças, eu tinha medo de ser demasiado possessiva no amor que sentia por vós. O amor possessivo de uma mãe pode prejudicar mais o carácter de um filho do que qualquer outra coisa que ela possa causar-lhe.

'Tive diante de mim o exemplo de alguns membros da família do teu pai. Uma foi o da tua tia Eveleen. Ela herdou de um ancestral, o financista, um instinto terrivelmente possessivo. Ele satisfez esse instinto adquirindo bens, ganhando muito dinheiro. Mas Eveleen satisfez o mesmo instinto amando de forma possessiva. Ela costumava ser tão ciumenta caso o marido prestasse atenção a qualquer mulher em particular. Ele era um santo, e ela não conseguiu prejudicá-lo com o seu amor possessivo. Porém, no caso do filho dela, Leopold, quando ele era menino, foi diferente.

'Agora, nesta vida, ela percebeu lenta e dolorosamente o quanto prejudicou Leopold nos seus primeiros anos por meio do amor possessivo que expressou por ele. De facto, foi o seu purgatório ver o quanto ela contribuiu para a ruína da sua vida na terra e quão infelizes foram as consequências para ele após a sua morte. O seu suicídio levou-o a mergulhar na escuridão e no isolamento aqui por muito tempo. Leopold herdou igualmente a instabilidade da possessividade anormal da sua mãe.

Não se expressava no desejo de propriedade, de dinheiro, mas de outras formas, e num egocentrismo. Mas não posso entrar nesses detalhes agora. Basta dizer que o amor possessivo da tua tia Evellen até a levou subtilmente a antagonizar o menino Leopold contra o pai, Myers. O pai era um idealista, dedicado às coisas espirituais, logo Leopold, que não gostava do pai em grande parte devido à influência ciumenta da mãe, tornou-se um materialista na maturidade.

'Mais tarde na vida, ele desenvolveu uma paixão por uma mulher casada muito bonita, que também tinha uma mente espiritual e, claro, rejeitou seu amor apaixonado e possessivo. Tudo isso — a espiritualidade dela, a espiritualidade do seu pai, o fracasso em possuir essa mulher, levou-o à descrença e produziu nele uma mente torturada. Eventualmente, ele começou a entregar-se às drogas e, como tu sabes, suicidou-se. Isso é um pecado mortal.

Ele trouxe para esta vida o ego bruto que odiava sem parar, e negava o amor. Então ele sofreu muito. A pobre Eveleen algum tempo depois de vir para cá teve que perceber, como todos nós, as consequências decorrentes da sua vida na terra. Ela tem sido muito corajosa em relação ao sucedido e, embora a receção que tenha tido da parte de Leopold tenha sido sombria, ela procurou-o e tentou ajudá-lo a sair do inferno, criação dele e dela. Ela fez muito por melhorar as coisas para ele.

'Mas agora poderás interrogar-te, por que estou contar-te tudo isto sobre a Eveleen e o Leopold, seu filho? É para explicar as coisas no próprio contexto comigo do que comigo está relacionado. Há muito tempo, muito cedo, percebi intuitivamente mais do que pela razão o mal que Eveleen estava a fazer com o seu amor possessivo. Assim, quando vocês eram crianças, tentei evitar possuí-los, tentei fazer de vós três pequenos mortais independentes. Mas posso ter passado ao outro extremo e não ter

demonstrado o suficiente do amor profundo que sentia por vós. Assim, perdoa-me, por favor, se falhei contigo no amor que te expressei quando eras garotinho.

'Eu sinto-me grata pelo teu pai não ter herdado desse ancestral, conforme aconteceu com a infeliz da Eveleen. Mas tem sempre em mente que o perigo na família Tennant é esse instinto possessivo. Se estiver presente, há de ser uma força que poderá ser usada tanto para o bem quanto para o mal.

'St. Paulo estava tão certo quando disse: "Somos membros uns dos outros." Não podemos viver um dia na terra sem afetarmos por qualquer modo alguma pessoa do nosso círculo. O pouco com o passar do tempo transforma-se em muito, e a nossa influência pode precipitar a queda de alguma outra alma, pelo acúmulo do pouco, pela acumulação dos tijolos do tempo.

'E, de facto, pode haver muita má construção, com acabamentos ruins, paredes finas que se transformem em ruínas.

Bem, já preguei quanto baste, meu querido, para ti. Mas posso não ter outra oportunidade de escrever sobre essas coisas e elas são importantes.

'Gerald B. tem sido tão bom para mim, e tem-me ajudado a entender tudo isto pelo que poderás entender.

'Não preciso enviar o meu amor, pois sempre está contigo.

'Winifred T.

"G. C., por favor, dê isto a W. H. da parte do meu filho.'

(Observação: o escrito é endossado da seguinte forma: 'Este escrito foi escrito em Woodville, Glanmire, Co. Cork, em 26.09.57

Iris A. Cummins.')

(1) 'A Sra. L.' é a Sra. Gladys Davis Leonard, uma das médiuns profissionais mais conhecidas e estimadas. Após a morte do seu filho na Primeira Guerra Mundial, a Sra. Willet teve várias sessões com a Sra. Leonard. (O editor viu os informes.) Quem tomou as notas foi Sir Oliver Lodge.

'A Sra. W. H.' é a Sra. Salter, a ex-Helen Verral. Ela era, claro, conhecida da Sra. Willet.

(Ed.) Será lembrado que na sua anotação do escrito 5, Henry Tennant se interrogou quanto ao que G. Cummins poderia produzir por meio de uma mensagem pessoal. O escrito 6 é com efeito pessoal. Também está correto. Não parece correto mencionar os nomes completos das pessoas, mas seus nomes próprios são os reais e a situação descrita, bem como a tragédia dela resultante, são factuais e não eram do conhecimento da automatista.

Eis um dos principais temas destes escritos; o desejo de reparar o que o comunicador considera uma desadequação da sua parte no seu relacionamento com os filhos, junto com o desejo fervoroso de convencer esses filhos da sua existência continuada.

Sessão 7 - 14 de Fevereiro de 1958

Astor acha-se presente. Acho que se você segurar na carta da W. H. (senhora Salter), poderei encontrá-la. Espere. Aqui está Winifred. Ela está encantada por ser solicitada, mas duvida da sua capacidade de anotar o que ela tem a dizer, pois diz que você só consegue coisas dela em remendos. É como uma colcha de retalhos. Os pedaços são dela e os outros remendos são seus. Segure nessa carta na mão esquerda e mantenha-a ao seu lado, que eu a ajudarei a escrever, e assim podemos conseguir melhor.

'Winifred T.

'Obrigado, G. C., por ter solicitado a minha presenta.

'Por favor, ouça atentamente.

Prezados Sr. e Sra. W. H. (Salter)

'Vocês são relíquias diletas da nossa era. Estou encantada por escrever para vós. Tanta coisa a contar, tão pouca oportunidade.

'Nesta vida, tive a sorte de ser bem recebida por muitos. Além do meu filho, George, pelo Charles, por parentes, amigos, pela querida Sra. V., pelo Gurney, pelo Fred e pelos vossos seus professores, que tanto fizeram por fazer com que nós, mulheres estúpidas, lhes déssemos atenção.

Eu digo 'vossos,' porquanto só você e a Helen (1) têm algum apreço real por eles agora. Mas nem G. C., como chamo esta automatista, nem eu, somos experientes o suficiente para tecer o antigo padrão, para tentar a correspondência cruzada como vocês gostariam. (2) Além disso, estou a organizar as memórias como se organiza o conteúdo de velhos armários - o prazer de flores, fotos, a maravilha de uma jovem que viaja para o exterior pela primeira vez *(Palavra ilegível.)* Assim como aborrecimentos, pequenas brigas, a mesquinhez das pessoas. Quanto amontoado de pequenos prazeres, pequenos triunfos ocasionais, vexames e erros, não compõe os meandros da vida!

'Muitas das memórias perderam a forma — são como trajes velhos em farrapos. Mas eis aqui um episódio que surgiu recentemente com bastante clareza. Digo-lhe isso por este contacto por carta com W. H. despertar isso. W. H., de qualquer forma, gostaria de conhecer a minha opinião póstuma sobre isso.

A recordação

'Há alguns anos, passei uma hora estranha numa sala na posição de parte de um trio. Estávamos a escutar boa música. Tudo estava tranquilo. Mas a música não me levou a sentir arrebatada. Ela povoou a sala com os mortos invisíveis. Mas a princípio senti mais do que percebi a sua presença. Conforme agora apuro, fiquei ligada ao terceiro elemento do trio, à mente profunda de um homem vivo, que estava a descansar e relaxado e parecia meio adormecido.

E de repente senti que as presenças dos mortos se tornaram uma presença invisível da outra vida. Nada vi de fantasmagórico. Era tão real para mim quanto a minha mão — simplesmente uma mulher num traje antiquado. Ela era de outro período. Mas eu quero que você perceba que foi o terceiro do trio — esse velho de oitenta anos mais ou menos — quem me deu o poder de uma forma curiosa de ver essa jovem tão atraente, a personificação da juventude — com raios de um sol oculto, por assim dizer a emanar-lhe do corpo, enquanto ela o contemplava.

'Para mim, o efeito era inteiramente estranho, não humano, mas na aparência ela era completamente humana, com cabelos espessos e bonitos. Naquele período as mulheres valorizavam os seus cabelos compridos, claro, ela mostrava o ar assim antiquado com aquele vestido que usava. Mas o velho tinha idade para ser seu avô, contudo ele era seu contemporâneo e eu senti por aquela iluminação que ela lançava sobre ele que ela o amava não como alguém ama um avô, mas como uma mulher ama bastante um homem da sua própria geração.

Ele tão velho e ela tão jovem, mas eles tinham sido jovens uma vez juntos. Eis um enigma para si! Mas mais tarde soube que tinha visto e descrito ao meu companheiro, o segundo do trio, uma falecida havia muitos anos. Que essa minha visão tenha significado tanto para esse velho que estava deitado a descansar, alheio a essa visitante. Ela era da sua juventude, e não houve outra na sua longa vida! Incrível, dirá você. Mas quando o conheci, ele era frio e austero, e fiquei maravilhada com o seu admirável intelecto. Ele disciplinou-se, puniu-se que nem um santo flagelado, e assim se manteve imaculado para ela.

'Aquela cena que descrevi cobrou o seu preço. Como aquela que você irá chamar de fantasma apareceu ao lado do velho, eu senti-me escorregar, desaparecer, entrar no sono do transe. Ah! Sempre tivera medo de perder o controlo, de ser banida. Eu quis dizer que podia incapacitar-me para o meu trabalho na vida, que me era muito caro. Assim, lutei freneticamente para manter o meu controlo sobre mim própria. Voltei, mas isso significava que o fantasma se tinha ido.

'O meu companheiro soube da minha parte o que havia acontecido e comunicou a minha experiência ao velho. Para mim, então, aquilo removeu-lhe as máscaras.

Observei-o ao nível da alma e percebi por trás da maneira indiferente que havia calidez e ótimos sentimentos de humanidade; não eram de forma alguma apenas intelecto e cortesia de modos.

Assim, aquela memória que tirei do armário ainda estava cheia de vida, por causa das emoções suscitadas pela chegada da dama à minha vida percetiva. Ah! Quão fortes eram as emoções dela! O homem mais jovem era dedicado ao homem mais velho e sentiu-se comovido por ele ter ficado comovido com a minha apresentação da presença.

'Irmãos raramente são tão ligados. Mas eles eram. (3)

(1) 'Charles' é o marido dela. A Sra. V.' é a Sra. Verrall, 'Fred' é F.W.H. Myers. 'Helen' é a Sra. WH Salter.

(2) Foi sugerido pelos experimentadores que informações sobre as correspondências cruzadas poderiam ser fornecidas.

(3) Na página 85 do Estudo de Balfour, há um relato de Gerald Balfour sobre uma visita da Sra. Willett, que se transformou numa sessão espontânea. É datado de 16 de Outubro de 1929. Ela descreve ter visto 'um fantasma,' 'uma senhora com um vestido antiquado, jovem e com cabelos grossos e bonitos.' Ela estava de pé ao lado do sofá, com uma luz brilhante a fluir ao redor e de toda a sua figura. . .' A Sra. Willett acrescenta que ela escapou por pouco de entrar em transe. Também é mencionado que 'outra pessoa se encontrava na sala, deitada num sofá, igualmente a escutar música e sem prestar atenção a nós'.

O acima referido é toda a informação dada. Mesmo isso não era do conhecimento de Miss Cummins. Não até a publicação em Fevereiro de 1960, do Caso de Domingo de Ramos' (Anais da Sociedade de Pesquisa Pasíquica, Volume 52, parte 189) terem sido revelados os mesmos fatos declarados em 'A Recordação' da presente escrita Cummins-Willett, a saber que "o fantasma" era o de uma jovem por quem Arthur James Balfour estivera apaixonado e que morrera jovem. Ele nunca casou. Na escrita de Cummins foi afirmado correctamente que os dois homens eram irmãos. Tratava-se de Gerald Balfour e de Arthur James Balfour.

G.C.: 'Cerca de um ano depois eu conheci H.T., e ele disse-me que na altura em que a ecrita7 foi feita, o Sr. e a Sra. Salter estavam a ler um relato de 'A Recordação.'

~ ~

(Nota do Tradutor: Acerca do caso de 'Domingo de Ramos', incluo aqui uma passagem provenientesde uma outra fonte:

Arthur James Balfour é recordado mais como estadista Britânico, principalmente como primeiro-ministro do Reino Unido de 1902 a 1905, mas é igualmente lembrado por uma das histórias de amor mais intrigantes já registadas, documentada no chamado Caso 'Domingo de Ramos'. A outra metade da história de amor foi Mary Catherine Lyttelton, que dava pelo nome de May. Arthur e May conheceram-se num baile no castelo Hawarden, a casa de William Gladstone, então primeiro-ministro do Reino Unido, na

época do Natal de 1871. O noivo de May tinha morrido recentemente de tuberculose e, embora Arthur se tenha sentido imediatamente atraído por ela, ele hesitou em se intrometer na sua dor. No entanto, eles tornaram-se amigos íntimos, e partilharam muitos interesses durante os três anos seguintes. Foi só por volta de janeiro de 1875 que Arthur declarou o amor que sentia por May.

Ele fazia planos de lhe propor casamento na visita seguinte, quando entretanto ela morreu de tifo em 21 de Março de 1875, Domingo de Ramos, aos 24 anos. Conquanto Arthur tenha vivido mais 55 anos, e atingido em 1930 a idade de 83 anos, ele nunca se casou e diz-se que passava todos os Domingos de Ramos em visita a Lavinia, irmã de May, e ao marido num gesto de lembrança.

Segundo a cunhada, Dame Edith Lyttelton, ela, “Não era de uma beleza estonteante, mas emanava amor e simpatia. Ela era uma daquelas pessoas que dão vida ao ambiente quando aparecem.”

Foi no Domingo de Ramos de 1912, 37 anos após a morte de May, que Winifred Coombe-Tennant, uma médium de transe de escrita automática, recebeu uma mensagem a dar conta de que May estava a tentar dar a conhecer a Arthur da sua existência. (Como magistrada no seu condado e mais tarde como delegada britânica na Liga das Nações, Coombe-Tennant manteve a sua mediunidade em segredo de quase todas a gente, usando o pseudónimo de "Sra. Willett" nos empreendimentos de escrita automática.)

A "inteligência" comunicante escrita pela sua mão revelou que May havia tentado, sem sucesso, contactar Arthur por meio de diversas outras médiuns, já em 1901. Os outros médiuns incluíam aqueles bem conhecidos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas e a investigação dos pesquisadores da S.P.R. resultou no chamado Caso do Domingo de Ramos, caso esse em que fragmentos de informações veiculadas através de sete médiuns diferentes foram reunidos, e apontando todos para tentativas empreendidas por Mary Catherine Lyttelton, conhecida como a “Donzela Palma,” por comunicar com Arthur James Balfour, conhecido como o “Cavaleiro.”

A maior parte da comunicação espiritual veio de pesquisadores falecidos, incluindo Frederic Myers, Edmund Gurney e Henry Sidgwick, os três creditados como fundadores da S.P.R., no que ficou conhecido como “correspondências cruzadas” – diversas mensagens que, quando reunidas, resultaram numa mensagem completa e sensata. O propósito disso, foi explicado, era oferecer evidências que superassem a telepatia e as teorias super-psi frequentemente sugeridas para derrotar a comunicação espiritual. May cooperava com eles no experimentomas achara difícil estabelecer um contacto directo por participar nas sessões da Sra. Willett e ficou muito cético.

No entanto, por insistência do seu irmão, Gerald, ele visitou a Sra. Willett e convenceu-se de que era realmente May quem estava a comunicar por meio dela. Uma evidência especial foi a menção, dada por May, de uma caixa de prata que Arthur havia mandado fazer para guardar uma mecha do seu cabelo. May até citou a inscrição na caixa, tirada da passagem de 1Coríntios, sobre o aspeto mortal se revestir da imortalidade. Também foi feita referência a uma foto de May a segurar um castiçal que Arthur valorizava. Arthur considerou altamente improvável que a Sra. Willett soubesse alguma coisa sobre a caixa de prata ou a foto.

Astor. Sim, ela está por perto e gostaria de terminar a carta que começou.

'Winifred T.

'Ainda sou uma criança nesta vida (1), e estou a aprender o tempo todo. Vocês dois — Helen e W. H. Salter — que tanto estudaram os fantasmas e as aparições, das suas aparições repentinas, consideram-nos, penso eu, como projeções da mente individual do homem ou da mulher. Posso garantir-lhes agora que as almas humanas nascidas neste mundo após a morte, em muitos casos, passam para um nível diferente, onde a sua aparência é de um tipo desconhecido de qualquer ser humano na terra.

'Eles movem-se não só num ritmo diferente; eles viajam numa escala diferente. Nessa escala e nota alterada, eles são desligados da terra. Somente quando essas almas descem de volta à escala e ao ritmo e sequência (frequência?) mais lentos próximo do físico, elas podem projetar ou assumir a semelhança de si próprios conforme eram na Terra, de modo que ela ou ele se mostra tão íntegro quanto a visão interior os percebe ou às suas imagens projetadas.

Ou então, naquela escala e tonalidade mais baixas, transmitem comunicações fragmentárias à mente subliminar de uma médium hábil. Mas 'médium' é um termo incorreto. Elas deveriam ser chamadas de intérpretes, e péssimos, quanto a isso! Muitas vezes há erros de tradução. Elas captam talvez o que o comunicador enfatiza e então completam-no com o seu próprio material subconsciente.

'Ah, os lamentáveis erros de tradução! E esses após um bom começo — algumas palavras corretas. Alguns apenas leem memórias errantes sem que haja inteligência comunicante que se expresse. Com isto refiro-me a sessões de procuração no seu melhor, e a algumas provas excelentes com um participante, muitas vezes dito ser telepatia de uma mente encarnada.

Na minha vida pública, tive certa vez muita experiência com intérpretes e sei como eles são falhos no idioma, como podem danificar o sentido essencial, a forma das observações do orador numa outra língua, ou se dão o sentido, são as visões, o idioma da personalidade que se perde. Portanto, não existem médiuns, existem apenas intérpretes, e na sua maioria são extremamente ineficientes. Se a comunicação passar pelo crivo da mente subliminar do intérprete, o cérebro pode causar-lhe estragos. Então, por favor, tratem de abolir o termo 'médium' e em vez disso, empreguem o termo 'intérprete'. Estes são fatos que colhi do Fred e de outros. (2)

'Uma das primeiras experiências por que passei, depois que deixei para trás os meus ossos antigos e me tornei uma mente elevada, foi conhecer e ser saudado pela graciosa jovem senhora com o vestido antiquado. Ela deliberadamente adotou a casca

descartada (o velho aspeto), envergou o traje e a aparência antigos para se reapresentar e me agradecer por transmitir fé no seu eu ressuscitado àquele homem cansado, entediado e apreensivo que descrevi na cena terrena do trio que escutava a música trinta ou mais anos atrás.

'As palavras comumente usadas têm significados tão diferentes para as pessoas. Há a antiga definição de homem — espírito e corpo. Prefiro chamar o composto que influencia espiritualmente o homem para o mal ou para o bem de 'anti-eu', por não ser egocêntrico, não estar literalmente encarnado. Está fora do ser humano e revela-se-lhe apenas por lampejos. Pode ser inspiração, intuição, profecia, até sabedoria, e esses lampejos são usados para o mal ou para o bem pelo ser humano recetor.

'Talvez você não saiba, mas existe bisbilhotice nesta vida. Por isso vou bisbilhotar agora.

'Encontrei a amiga de Arthur James Balfour. Sou livre para lhe falar da sua unidade inviolável intrínseca. Eles partilharam daquele 'anti-eu', embora conscientemente separados pela sua morte prematura. Tantos anos se separaram depois da sua morte. Para ele seguiu-se um vazio, uma insatisfação contínua, destituída de alegria. Ele simplesmente dedicou tempo ao trabalho mental árduo e diversificado. Tanta fidelidade, tanta espera paciente.

Então, finalmente, depois de sessenta ou cinquenta anos pelo calendário, o encontro no outro lado da morte, quando a sua velhice se desprendeu dele como uma roupa esfarrapada. Mas, ah! Valeu a pena esperar tanto por esse evento. Se eles não se tivessem separado com a morte dela, ele nunca teria trabalhado com aquela diligência, aquele brilhantismo que lhe trouxe reputação. O trabalho era sua fuga da memória intolerável. Ah! Ele era tão ocioso antes de ela morrer. . .!

'Se ela tivesse vivido, ela teria sido a sua companheira absorvente, a vida brilhante ao sol de uma mera existência, em vez de ação, em vez de um caminho difícil e de luta que cada qual seguiu sozinho e, no caso dele, de excelentes realizações.

'Mas o dela também foi igualmente bom; dizem-me que ela ficou à espera, à esperando na fronteira por ele, voltou do nível superior, com que sacrifício! Com um mundo tão tentador a acenar-lhe, mas ela ignorou-o. Ela afastou tudo isso para vir ao encontro da alma de um velho. Portanto, preciso não será dizer que ela foi a primeira a saudar e acolher A. J. Balfour quando ele voltou para o lar para ela. Um homem solitário ao longo da sua vida até então. Eles foram para aquele outro nível juntos. Felicidade incomparável para eles; de vez em quando, segundo me disseram, eles voltam, pois ele ainda sente uma responsabilidade pela Grã-Bretanha. (3)

'Agora eu não consigo continuar.

(1) Nas mensagens mediúnicas dos recém-falecidos, eles frequentemente referem a si próprios como crianças no seu desenvolvimento.

(2) Na página 182 de “The Road to Immortality”, de Miss Cummins, que consiste em escritos que lhe foram transmitidos por Myers, um médium é descrito por Myers como 'uma intérprete.’ É uma interpretação, não uma declaração literal que é transmitida por seu intermédio…Deviam estudar a médium e, se perceberem algum preconceito muito forte expresso, saberão que vem do transbordo do subconsciente e não da pobre sombra que carrega com a máxima dificuldade ao se debater com quaisquer ideias fixas na mente mais profunda da médium.'

De observar como a Sra. Willett elabora uma ideia semelhante no seu próprio estilo, ilustrando-a a partir das suas próprias experiências com intérpretes na Liga das Nações.

(3) A história de amor de A.J. Balfour é novamente mencionada, e agora as suas iniciais são apresentadas. Está correto, mas a história não se tornou pública, conforme mencionado, senão alguns anos depois em ‘O Caso do Domingo de Ramos.'

(Nota do tradutor: Henry viveu sob o fardo de duas grandes expectativas - a declarada, de intensa possessividade e de ambição arrebatadora por ele, por parte da mãe e a secreta daa espectativas utópicas do mundo dos "espíritos." (May Lyttelton, amiga de Winifred, para além de Mrs. Holland, irmã de Rudyard Kipling, Margaret Verrall, e Leonora Piper, foi uma das escritoras automáticas que tomou parte na correspondência cruzada que lhe traçou, quando ele estava com dezoito anos, pistas sobre o seu futuro destino.)

Pois, de maneiras não claramente explícitas, mas repetidas em diversas ocasiões e numa série de escritos no enorme projeto de correspondência cruzada de 1901-1936, Henry, ou possivelmente Henry em conexão com diversas outras crianças notáveis, haveria de dar uma grande contribuição para a paz mundial talvez tão significativo quanto o do seu homónimo, o Imperador Augusto.

No prefácio que escreveu aos últimos escritos em transe da Sra. Coombe-Tennant, Gerald Balfour afirmou que ele e J.G. Piddington, avaliadores dos escritos posteriores, ainda acreditavam que o material seria melhor interpretado como sugerindo que os comunicadores "são realmente o que afirmam ser e que realmente se empenharam num esforço por provocar o nascimento de um filho de ordem messiânica,' mas que não havia nenhuma prova conclusiva disso.

Henry deve ter percebido, conforme referido, algo sobre isso, e que possivelmente ele era o produto de uma longa e apaixonada ligação entre Winifred e Gerald Balfour, que se desenvolveu depois que ele começou a estudar a mediunidade dela em 1911. Parte do material que apoia a tese ‘messiânica’ surgiu nos primeiros escritos de Margaret Verrall (mãe de Helen Salter) em 1901, muito antes de a Sra. Coombe-Tennant se envolver.

WINIFRED FALA DAS EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU IMEDIATAMENTE APÓS A MORTE

Sessão 9 - 16 de Fevereiro de 1958

(Geraldine C. recebeu a sua primeira carta do filho de Winifred, Henry. Ele escreve que ele e a sua mãe discordavam sobre a questão da sobrevivência. Ele acredita na extinção após a morte.)

Astor chega. Sim, segure na carta do Henry. Ela vai querer analisá-la, lê-la. Há força no autor da carta, um homem de vontade forte e carácter independente. Ele jamais lisonjearia. A sua franqueza pode fazer-lhe inimigos. A sinceridade de fala não ajuda a ambição. Mas acho que ele está a aprender ou aprendeu a ficar calado quando não é prudente falar. Aqui agora temos a dama finória. Ela ainda está a desenvolver-se, a emergir e a tornar-se mais coerente do que quando escreveu pela primeira vez.

'Winifred Tennant.

'Ah! A carta do meu filho Henry. Isso mexe com tanto. Como é bom ver e sentir a sua presença mais uma vez. Firme, firme. Deixe-me sentir-lhe o conteúdo. (Escreve de uma maneira violenta e ampla.)

'Ah querido, ah querido, um Daniel que vem a julgamento!

'Estou confusa - preciso recompor-me. O que me diz esta querida carta? O magistrado é o prisioneiro no banco dos réus e o seu filho é o juiz e o júri. Ele deve enunciar um veredicto num caso legal incomum. Acho que não há precedente. De qualquer forma, nenhum magistrado jamais foi julgado antes num tribunal com o seu filho na qualidade de juiz para decidir a questão. Resumidamente, qual é o problema, meu Senhor?

'A prisioneira existe ou não?

'Essa é a questão - uma questão séria. Quando há tantos túmulos, tantos enterros. Merece muita consideração. Mas será que o juiz vai colocar a capa preta e decidir-se pela aniquilação total? Ou será misericordioso para com a criminosa, e levará em consideração toda a sua incompetência para pleitear, a sua total inexperiência? Por favor, Senhor meu, suspenda o julgamento e pelo menos dê tempo à prisioneira para preparar o seu caso contra a decapitação e a aniquilação!

'G.C. - Faça uma pausa. Chame-me daqui a meia hora. Estou tão emocionada, tão satisfeita com esta carta que preciso recompor-me antes de lhe responder.

(Pausa)

'Winifred Tennant.

'Meu caro Senhor.

'Gostaria de tentar contar-lhe algo sobre as primeiras experiências por que passei nesta outra vida. Não pretendo fazer de missionária. Longe de mim querer convertê-lo à crença de que um vestígio da sua mãe ainda vive confortavelmente, sem incómodos nem dores. Mais tarde posso explicar por que provavelmente será muito melhor que mantenha a sua crença na minha aniquilação. Mas acho uma felicidade receber a sua carta, escrever-lhe de novo e contar histórias dos viajantes.

'Depois que acordei do sono da morte, e a seguir aos seus sonhos inquietos, alguns agradáveis, outros pesadelos, o meu pai e a minha mãe apareceram a receber-me. Então o teu pai e a minha irmã apareceram. Mas o meu fim foi o meu começo. Fiquei porventura radiante por ter tido um vislumbre do George, teu irmão, e então o meu pai e a minha mãe acalmaram-me, aliviaram-me, tomaram conta de mim e ajudaram-me no sentido de localidade e ambiente.

'Foi tudo bastante gradual - um tempo de esquecimento e inconsciência, seguido desses dois ali a meu lado - os meus pais quase como um médico e uma enfermeira, guiaram-me rumo à consciência real.

'Aqui temos um movimento livre no espaço-tempo, pois temos o nosso próprio tipo de espaço e sucessão de eventos. Não achei estranho voltar a um tempo antes do meu casamento, reviver na memória cenas familiares, talvez ouvindo o meu pai tratar a minha mãe por "Mary" e ela tratá-lo por "querido George." (1) Entende que os atuais Mary e George costumam viver num nível mais elevado do que aquele em que eu me encontro atualmente. Nesse nível, se eu pudesse alcançá-lo, eles haveriam de me parecer praticamente irreconhecíveis. Mas por altura da minha passagem eles desceram ao meu nível, adotaram a sua aparência mortal tal como eu os lembrava, para me saudar.

'Para me dar confiança no meu começo, para reunir os meus pensamentos, por assim dizer, a minha mãe levou-me através de algumas das minhas memórias mais antigas que me tinham causado impacto e se acham todas retratadas aqui. Vi de novo uma visita à casa dela, Derwen House. (2) Lá estava eu, uma criança travessa. Este filme foi um pouco obscuro, mas comovente. Esta era (palavra ilegível) casa. Quando ela era uma garotinha e eu ouvi novamente o som de vozes Galesas e senti novamente a empolgação da criança que fui uma vez numa visita a um nova terra, ao País de Galês, sei que me disseram que era um país diferente da Inglaterra. A minha primeira instrução no nacionalismo Galês. Então as imagens que voltavam no tempo.

'Percebi Cambridge e os arredores de Cherryhinting (Cherryhinton) (3) - no meu começo de vida - até mesmo o bebé no carrinho, a minha ama, o estranho vestido antiquado das senhoras quando a garotinha que eu era passeava e aceitava toda aquela chapelaria, aqueles vestidos largos como algo natural.

'Depois em casa, eu, a mais nova, a brincar com as minhas irmãs mais velhas. (4) A nossa casa de bonecas, a minha querida boneca. O meu pai, tão grande, tão grandioso para mim. Lá estava eu, a velhinha feita espectadora do meu pequeno eu infantil, a penetrar nas emoções dela, a latejar com as lágrimas dela, a sentir-se exaltada com as suas pequenas alegrias. Esses pequenos dramas representados pelo meu eu infantil passado foram todos reconfortantes para mim, espectadora, após a passagem solitária da morte.

De alguma forma, senti o que deveria ter sido a experiência de tudo se encontrar morto, e em decomposição, nada estava morto, nada estava perdido. Ali estava o comovente espetáculo da infância nesse filme que se desenrolava — mais, é claro, a aprendizagem das minhas letras, das lições, a juventude, o treino social da minha época, as minhas irmãs a lançar-se na vida. E depois a minha saída, os cabelos presos, os vestidos compridos, a timidez, a falta de jeito, o grotesco, os figurinos históricos — uma passagem de modelos!

'*As minhas ambições*. Certa vez, sonhara em tornar-me artista. Adorava a cor e a forma. (5) Desenhei, tentei pintar. Mas (havia) muitas outras atrações e eu não tinha nenhum talento efetivo. Li muita poesia e secretamente tentei escrever o que eram uns pobres versos, aquele eu romântico há tanto tempo morto que era eu deu-me vontade de rir. Era ótimo que as pessoas enquanto pessoas me interessassem, mas fiquei presa na vida social da época.

Nota geral de Henry Tennant: Além de uma ou duas notas discordantes, este escrito parece verídico tanto ao meu irmão quanto a mim. Acho que não é característico da minha mãe apresentar o material neste e nos dois escritos seguintes de forma dramática, como uma defesa num tribunal, e o tom satírico de parte do conteúdo também é característico da reação que evidenciava quando pensou que eu estava a ser ponderoso e severo.'

(1) Os nomes de Mary e George estão corretos, e não eram do conhecimento da Geraldine Cummins.

(2) Alexander Tennant escreve: 'A minha mãe sempre me falava de Derwen Fawr, que eu acho que era a casa do avô dela. Ela contou-me sobre as panelas de leite com creme levedado da leitaria anexa à casa e do velho cocheiro que tinha sido tão amável com ela. Sei que ela foi muito feliz lá.

(3) Deve ser Cherryhinton.

(4) É um facto, desconhecido da Geraldine Cummins, que a Sra. Willett (nome usado por Winifred enquanto médium) tinha irmãs, meias-irmãs, pois o pai dela havia sido casado antes.

(5) A.T. escreve: Eu sei que a mãe ansiava por pintar e me disse que em menina ela tentara desenhar e pintar, mas que não tinha qualquer talento.

Sessão 10 - 17 de Fevereiro de 1958

Astor. Sim, lá vem ela.

'Aqui vem a incrível Winifred! Ou será melhor chamar-lhe Margaret, um nome mais credível e menos sugestivo de imitação ao enfrentar o seu rígido juiz? (1)

'"O que haverá num nome?"' diz Shakespeare. Tudo quando caímos na paixão. A minha não foi uma queda súbita, célere. Foi uma imagem em câmara lenta neste filme da memória. Quando o Charles chegou a figurar na minha vida, quanta a timidez que sentia dele! Ele parecia demasiado velho para mim (2). Eu tivera experiência com universitários que eram de longe muito mais novos. Costumava sentir-me lisonjeada com a atenção que me dispensava, mas não cria que passasse de gentileza pata com a garota "deslocada."

Mas estranhamente persistiu, só que era uma atenção evasiva. Por outras palavras, ele era prudente e, conforme mais tarde eu compreendi, sentia-se apreensivo quanto às críticas da parte das mulheres do lado dele. Pobre Charles, ele estava dirigido para a família então; Creio que me sinto grata, Henry, por tu estares livre nesse sentido. Aquilo que é chamado família unida é um fenómeno incomum. Um Inglês que discuta com a família segue um instinto natural salutar. Não importa o que ou quem tenha iniciado o conflito, obedece à lei natural ao se rejeitarem mutuamente.

'Também me sentia bastante nervosa, e por conseguinte, bastante esquiva durante esse namoro. Mas tornou-se-me divertido e conferiu-me autoconfiança. Quando o Charles começou a arranjar a que nos encontrássemos por subterfúgios, conquanto me ignorasse quase a ponto da rudeza enquanto estivéssemos na companhia de outros, inicialmente tomei aquilo tudo levianamente. Mas depois ele ficou sério, ardente. Não conseguiu mais ocultar de mim o profundo sentimento e subitamente o amor irrompeu. Ele deixou a jovem arrebatada.

A mulher velha pode somente escrever sobre isso agora por ter estado a observá-lo, cena a cena, e a viver de novo as diversas emoções, as ansiedades agudas, a admiração palpitante, os seus medos, as suas esperanças, e ainda assim equidistante, qual espectadora na bancada. Ah, meu querido, tu não conheces a tua mãe (3) ou melhor, só

conheces um aspeto dela, o papel que desempenhou de mãe na tua vida, e o de uma mulher muito ocupada também.

'A família não gostou da escolha do seu Charles. Eveleen e Dorothy eram nitidamente desdenhosas, paternalistas (4). Eram mulheres casadas modernas. Eu era uma jovem 'zé-ninguém.' O meu futuro M. em L. alarmou-me de forma absurda inicialmente. Eu, a velha Dama sofisticada examinei esta da comédia da memória reencenada, vi como a atitude das parentes femininas dele estimulou o Charles, enquanto tentavam com tal veemência levá-lo a desistir. Fiquei deslumbrada, encantada, exaltada com a sua crescente devoção. E embora muito magoada, estava determinada a mostrar por todos os meios à família que não era zé-ninguém nenhuma.

'Tudo parece tão insignificante agora nestes dias de Bem-estar ou Estado de Providência. No entanto a atitude delas era bastante compreensível nesse período. E eu na verdade era bastante rude, conforme me vejo agora. A Dorothy era muito admirada, e o marido, famoso pelas explorações que fazia pelas Áfricas (5). Eveleen era a beldade de Londres e da sociedade de Cambridge. Mas a Dorothy era uma pessoa verdadeiramente encantadora, quando a cheguei a conhecer melhor.

'Durante algum tempo a minha sogra fez-me sentir muito nervosa. Só o nome dela, Gertrude, inspirava dignidade. À medida que os anos foram passando é claro que a inquietação que sentia desapareceu, é claro, e ela também mudou. Mas creio que fiquei com um sentimento um pouco apreensivo com relação a ela, conforme vejo a minha memória agora, até ao dia da sua morte. Mesmo antes dos Sinos da Vitória badalarem, ela foi-se, e a cortina da tristeza foi cerrada, em alívio com relação ao massacre da juventude.

A Gertrude desvaneceu-se em silêncio em meio à serenidade, a velha a seguir o jovem - a seguir ao meu George ainda nem um ano entre a sua partida de ambos, a dele de forma violenta, a dela em paz. Essa fase da minha vida foi quase um clímax trágico do final de um ato numa peça. Ao examiná-lo de novo, vejo que estava profundamente presa nas emoções conflituantes que encerrava. Mas espectadora, podia perceber a mudança que isso e a guerra produziram na minha personalidade. Houve uma mudança antes dessa em 1908, na minha primeira grave perda por meio da morte (6). Mas na realidade tornei-me sensível com relação à grande alteração em mim própria em 1918 (7).

Então, tais perdas pela morte de quase todos que eu conhecia tornaram-se cumulativas, e conduziram-me de volta do pó e das cinzas à vida pública, ávida por conseguir um mundo melhor. A minha alma ansiava pelo contacto com trabalhadores pelas pessoas. Quão era grandiosa a ambição que tinha de trabalhar pelos vivos e pela sua salvaguarda, e quão diminuta, se é que havia, a minha realização (8).

'Terei negligenciado o meu marido e os meus dois filhos então, nessa busca de vida, de trabalho em comités? (9) Eu, a espectadora desse ponto de viragem em 1918, vi que estava numa tal ocupação instintivamente a esconder-me da morte em massa de milhões, em busca de vida, mais vida, ao trabalhar pelo bem-público, e, conforme creio, a servi-lo.

'Querido Henry, antes dessa mudança que a minha personalidade sofreu tu eras um bebé e depois um catraio pequeno, na verdade eras tão novo que não conhecias a personalidade que tinha antes da guerra. Eu era sentimental, mais flexível, mais retirada então. O meu novo eu era mais duro, mais satírico, mais endurecido pela guerra. Realço isto, Senhor meu, para mostrar como, na nossa vida terrena, a personalidade humana pode e com efeito perece várias vezes numa só vida, e dá lugar a uma nova ou a uma muito mais alterada, e continua a muitos títulos diferente.

Uma parte de nós é sepultada, fica a apodrecer, e dá-se uma recreação, um acrescento a nós próprios ou uma atenuação ou endurecimento ou embrutecimento ou assim. Como nós, ou a nossa personalidade humana podemos desse modo perecer diversas vezes enquanto o nosso corpo físico continua numa mesma vida, também a morte provoca uma grande mudança na personalidade e, Senhor meu, posso ver pela carta que escreveu que considera que eu seja uma mãe que já está a desintegrar-se, e que ruma célere para uma dissolução final.

'Um número sempre hei de recordar - 8 -. Momentos decisivos ou mortes da minha personalidade pareciam suceder por oitos, no meu caso - senão estuda-os - 1908 - 1918 - 19128 - 1938.

'1938, um outro ponto de viragem, o começo de uma nova personalidade humana de uma mulher de idade desiludida que via uma outra guerra a aproximar-se de forma inevitável e muito breve. Claro que procurei brincar às escondidas com isso. Ninguém tinha conhecimento, penso eu, da guerra de remorsos que me pesava na alma. Tinha trabalhado tanto pelas graciosas artes da paz — as artes no País de Gales (11). Eu tinha no meu tempo falado tanto naquele clube de discussão em Genebra. Tudo em vão. E o aspeto pessoal.

Tu acabarias por ir para a guerra, da mesma forma que o meu George foi. Máscaras de gás, treino de defesa, aulas da Cruz Vermelha. Que mudança comparado com as encantadoras artes da paz! O que é surpreendente é que eu tenha criado uma personalidade nova — uma dissimulada tanto quanto possível, mas que se tornou evidente, pelo menos para mim própria, à medida que os messes se sucediam.

'1928 - esse outro ponto de viragem. Não posso continuar agora. Hei de prosseguir com a minha súplica, Excelência. Não, talvez devesse dizer a Vossa Excelência, amanhã.

Henry Tennant: 'Geral: Este escrito impressionou tanto o meu irmão como a mim pela notável precisão que demonstra. Contém muito que já apareceu noutros escritos.'

(1) 'Margaret' era o segundo nome da Sr.ª Willett.

(2) O marido era onze anos mais velha do que ela.

(3) Frase habitualmente usada pela Sr.ª Willett. Alexander Tennant.

(4) Os nomes de família estão correctos conforme mencionado anteriormente. A atitude paternalista delas é referida nos diários da Sr.ª Willett

(5) Façanhas conseguidas em África, está correto. Tratava-se de Henry Morton Stanley. (NT: Marido de Dorothy, que ficou famoso pela busca que empreendeu de David Livingstone.)

(6) A perda da filha ainda bebé deu-se em 1908.

(7) Alexander Tennant crê que a grande mudança que se seguiu à morte do Christopher em Setembro de 1917, pode não ter sido sentida pela mãe dele senão em 1918.

(8) Isto refere-se ao trabalho que ela empreendeu enquanto delegada da Liga das Nações.

(9) O Alexander Tennant disse à Geraldine Cummins que, quando ele e o Henry ainda estavam na escola e eram pequenos o pai estava em definitivo mais com eles do que a atarefada mãe deles, que habitualmente estava empenhada no trabalho público.

(10) Correcto. Em 1928 o marido dela faleceu. A mudança que sofreu na personalidade em 1938 não pode ser confirmada, mas o escrito alega que o dissimulara na medida do possível.

(11) Alexander Tennant diz que a mãe comprara quadros Franceses e os enviava em exibições a título de empréstimo por todo o País de Gales. Ela comprava quadros em prol da Galeria de Arte de Swansea e de outras galerias Galesas. No meio-tempo das interrupções dos concertos, ela falava habitualmente em capelas sobre a vida de Bach e outros bem-conhecidos músicos.

Sessão 11 - 18 de Fevereiro de 1958

Astor. A senhora mercúrio mostra-se por vezes bastante arrogante e depois noutras vezes persuasiva. Creio que em vida terá gostado de conseguir o seu próprio modo. Ela foi subtil e muito intuitiva. Era capaz de ter pé no coração das pessoas por meio da simpatia e era por vezes toda delicadeza, amabilidade, e fascinava as pessoas que conhecia. Mas podia ser satírica e mostrava impaciência para com a estupidez. Revelava uma profunda reserva, e era por natureza discreta. Dava-se melhor com os homens do que com mulheres. Uma coisa ela possuiu, que foi persistência. Ela mostra-se muito persistente agora, mas ainda acha difícil conseguir escrever. Tentarei ajudá-

la na medida em que o permitir. Ligada de um modo demasiado frouxo, devido à aguda sensibilidade psíquica. Não é uma comunicadora talentosa (1).

(A caligrafia muda.)

'"Ah, pobre Yorick!" Ah, pobre Winifred! Ela surge de novo ante o seu Juiz da Corte Suprema na questão da morte eterna ou de uma débil continuidade da vida.

'Gente velha e coisas que passam. Terão desaparecido para todo o sempre? Não, Senhor meu, eu contesto isso.

'Onde ia eu na minha defesa? Ah, pois, eu estava a discutir os oitos.

'Fiquei viúva em 1928. Que ano mais cansativo que foi! Quão repleta de medos eu estava. A morte acaba mais do que com a vida daquele que parte desta vida. Quer dizer para aquela (ela) que foi íntima uma morte para si própria. Quer dizer um vazio, um trabalho de parto para ela numa outra vida que precisa ser organizada, arranjada em todos os seus detalhes penosos. Se ela quiser sobreviver mentalmente de modo adequado, muitas recordações de aos transatos terão que ser impedidos à porta fechada.

Porque agora ela é a janela em vez da esposa. Para a Winifred a preocupação mais triste e aflitiva foi um filho chamado Henry, estudante no colégio Eton (2) Eton, Windsor, tudo isso está associado com esse ano. Como se irá sair ele? Ele é o seu único cuidado agora. E com respeito ao Alex? Ah, ele era mais velho, diferente, e não tinha a sensibilidade do Henry nem aquele laço especial com a mãe.

'Excelência, estou preparada para admitir que à medida que a personalidade humana perece - e isso no meu caso sucedeu - a cada dez anos numa vida longa, também a personalidade humana perece por vezes apenas de forma gradual após a grande mudança da morte.

'Mas da Winifred permanece o ser interior, o meu âmago, com algumas das características, meras guarnições da personalidade passada. Elas continuam permanentemente num estado desencarnado. Eventualmente essas guarnições definharão. (Nota: As duas últimas palavras rabiscadas e "separadas" escritas por cima). Mas ela, Winifred, é eterna, já que continua a amar as personalidades em mudança do filho pequeno.

'"O Augustus era um garoto rechonchudo," conforme a cantiga de ninar, aluno no Eton. "Envergando roupas demasiado finas em dias de inverno." Não deves usar sobretudos. Ainda não terminou.

'Terceira personalidade, o jovem em Cambridge. Alma mater, a Varsity (Universidade) (3). Está a adotar uma linha independente. Nenhum antepassado na

sucessão masculina alguma vez foi soldado. Afinal vieram do coração do Yorkshire. Comércio, negócios, finanças era o seu ofício. Mas distante do comércio está a decisão deste jovem original. A Winifred está contente e aprova a personalidade nova que emerge. O amor é reforçado nela. Aqui está o jovem tenente independente a servir na Guarda do seu país, e lá vai o velho soldado que ganhou a sua cruz.

Precisarei continuar a enumerar as personalidades em mudança do meu filho? Não o abandonei por o gorducho Augustos ter morrido, e ter sido substituído pelo estudante do Eton, um estranho à primeira vista, mas por dentro o mesmo. Do mesmo modo seguiu-se-lhe o licenciado, o Tenente no seu primeiro uniforme. A Guerra. Veterano, mais velho, outra vez mudado, em casa por fim (4).

'Todos tiveram personalidades diferentes, aspetos diferentes. Eram diferentes no exterior e na conversação. Mas nas profundas raízes do ser eu conhecia-os como os mesmos, e congregava-os no coração da memória.

'Conforme ele a informa nesta carta, Geraldine C., o meu filho e eu jamais concordamos numa questão. Ele não acreditava nem acredita na sobrevivência. Mas agora eu suplico, Excelência, que possamos chegar a acordo. A personalidade Humana não sobrevive à morte, mas a alma ou mente real sobrevive. Por mais que mude a máscara da personalidade humana, quaisquer que tenham sido os mal-entendidos que por vezes tenham surgido entre a personalidade da mãe e do filho, existe unidade lá bem no fundo e por detrás das suas máscaras.

'As memórias persistem quais folhas da árvore, da consciência *o eu vivo ou pessoa rejeita-as*. Mas tudo o que é profundo e melhor ou pior continua após e antes da morte.

'Neste outro estado a alma humana continua a viver, a expandir-se ou a contrair. Descreve-me a alma, dizes tu. É algo de essencial, raramente expresso de forma reconhecida, exceto nos altamente desenvolvidos, por entre os aparatos externos durante o tempo de existência na terra.

'Aqui o âmago do Eu ri do episódio da morte do aspeto mortal e procura descobrir vida, mais vida.

'Excelência, poderá sentenciar a mãe á aniquilação, mas algures no íntimo do filho está sepultada a inquietante suspeita de que um fragmento dela continua a viver e a amá-lo. Ele não consegue aniquilá-la de todo, por mais que diga que o faz, por mais que por décadas da sua presente vida ele a desterre da memória e vida consciente (5).

'Sim, henry, meu querido, eu sobrevivi, e não sobrevivi à morte. A minha personalidade humana sofreu certamente um atrofiamento! De modo que por fim, através do acordo, creio que possamos concordar nesta questão de vida ou extinção.

Graças a Deus que a minha personalidade de mulher idosa está extinta! Excelência, para a defesa o caso está agora encerrado.

'Será que a prisioneira no banco do réu existe ou não? Eu, Winifred Margaret, aguardo o seu veredicto com tranquilidade.'

Henry Tennant: 'Geral: O estilo é bastante característico. O Alexandre está verdadeiramente impressionado com este escrito.

(1) Henry Tennant: 'A análise que o Astor faz, tanto quanto pode, é inteiramente acertada.'

(2) Henry Tennant: 'A minha mãe abrigou, e com certa razão, ansiedade com respeito ao meu desenvolvimento em Eton, em especial em 1929 e em 1930.'

(3) Henry Tennant: '" Alma Mater" era uma expressão favorita, mas nunca ouvi a minha mãe referir "a Varsity."'

(4) Henry Tennant: 'É verdade que fui o primeiro soldado na família e que os Tennants vieram do Yorkshire. Os detalhes biográficos no resto do parágrafo correspondem.'

(5) Henry Tennant: 'O parágrafo que começa, "Excelência, pode sentenciar a mãe à aniquilação" impressiona-me por ser altamente característico.'

Sessão 12 - 1 de Março de 1958

Astor, Sim, Winifred é como um pássaro pousado num galho, a observar curiosa o ser humano. Creio que ela se aproximará num instante. Ela adorou os pássaros, flores a cor e a vida. Mas disse-me que se recusara a sentimentalizar isso, como tantos Ingleses fazem. Com respeito aos seres humanos, ela estava ocasionalmente inclinada a ser demasiado impulsiva caso lhe conquistassem a simpatia. Esse foi igualmente o caso com respeito às causas, pelo que teve os seus desapontamentos na vida.

Ela está a apreciar-nos agora, por ter aprendido a ter cautela. Ah! Aproxima-se e decidiu transmitir uma mensagem. Você pode pegar nas cartas do filho num momento.

'Winifred Tennant.

'Cara Geraldine Cummins, creio que posso agora assinar-lhe aas mensagens com o meu nome completo. O trabalho que empreendi na sede do magistério ensinou-me a ser cautelosa com respeito ao emprego do apelido, pelo que tive cuidado e deixei-o de fora quando lhe ditei. Os apelidos comprometem. Os nomes de batismo não o fazem na mesma medida na escrita à mão.

(Editor: A carta do filho, em que é dirigido um parecer à mãe quanto à escolha da carreira é produzida, o que não deixa de ser bastante curioso, por vir do filho que não

acredita na sobrevivência à morte. A mãe discute, corretamente, certas mudanças no apelido da família, e demonstra um conhecimento acertado de acontecimentos na vida do filho. Dois nomes desconhecidos da automatista são mencionados, nomes esses que têm relevo para o problema de uma carreira, e é demonstrado um conhecimento correto sobre propriedade obtida em África por um membro da família. Várias carreiras possíveis são calma e judiciosamente ventiladas, e de forma nenhuma sugestões absurdas.)

Neste escrito surgem diversos indicadores de preconceito contra o Partido Trabalhista.

Henry Tennant comenta:' Esses não são comentários característicos das perspetivas políticas da minha mãe, por ela as costumar expressar no fim da vida. De facto Aneurin Bevan ("o querido Nye") foi um dos seus heróis.

Alexander Tennant: 'A mãe foi uma verdadeira Liberal. Ela era uma anti-ditatorial fanática quer o autoritarismo viesse da esquerda ou da direita.'

(Ed.) Como as perspetivas políticas da automatista convergiam para o Conservadorismo, poderá suceder o caso da comunicadora se ver incapaz de remar contra a maré da mente da médium, facto de que a Winifred por vezes se queixa. Ela ficou hospedada em Chequers como convidada de Lloyd George em 1922, já que redigiu uma brilhante narrativa do sucedido, aparentemente unicamente para sua própria satisfação.

Nessa altura parece ter visto despertar no Winston Churchill um ditador, de quem ela dizia: "Não passa de um rufião e de um militarista. Excessivamente pesado, mal constituído, envelhecido ainda jovem, com cara de pastel, cara de buldogue, careca; ele tem um aspeto inchado e insalubre, dotado de pobre musculatura. . . falou durante uma hora - com um discurso astuto, satírico, não comovedor.'

Sessão 13 - 2 de Março de 1958

Astor. Sim. Aqui está a senhora ansiosa por continuar.

— Winifred Tennant.

'Caro Henry,

(A mãe prossegue discutindo possíveis carreiras, ainda com relevância para a atualidade.)

(Mais tarde) 'Agora, quanto ao elemento humano e pessoal na tua vida, talvez eu não seja quem te possa aconselhar. De qualquer forma, eu olho para trás de forma

bastante pessimista sobre os meus fracassos ocasionais em estabelecer uma amizade íntima com mulheres. Eu devia ter sido capaz de me dar bem a esse respeito com ambos os sexos. Mas eu não entendia suficientemente as mulheres. Eu podia dar-me bem com conhecidas, mas certamente recordo que falhei na intimidade de um companheirismo estreito, uma partilha da vida quotidiana com uma mulher.

'Lembras-te da Sra. R., e de como, conhecendo eu tão bem os L., fui viver com a Sra. L. em Y. Lembro-me que no início debati com ela a questão das brigas e citei as linhas de Pope:

"O perdão ao ferido pertence
Pois ele nunca perdoa quem fez o mal."

'A Sra. R. disse reverentemente. "Que bonito! Quão verdadeiro! Quão acertado! Precisamos lembrar-nos disso, que isso porá fim a qualquer divergência que possamos ter."'

'"Ah, não," respondi, acho que Pope deu um péssimo conselho com essa rima. Em qualquer briga, se a parte ofendida decidir no final perdoar, ela deve levar muito tempo para isso. É essencial que a parte lesada permaneça inflexível até que, e a menos que o ofensor já tenha feito uma concessão e uma abordagem. Então ela deverá, se for Cristã, propor termos generosos.

'Bem, conforme sabes, eu vivi com a Sra. R. durante um tempo em Y. Mas a coisa acabou num desastre. Separamo-nos. Na verdade, fui dispensada e tive que deixá-la.

'Mas a questão é que agora percebo que a Sra. R. foi a parte prejudicada na briga. Essa é pelo menos a visão óbvia que nem sempre é a visão correta a ser tomada. Não sou particularmente inteligente, mas possuía um nível de inteligência superior ao da Sra. R. Tornei-me um tanto satírica sobre com respeito à sua estupidez. Ela exasperava-me. Ela reagia com muito exagero às minhas críticas. Admiti mais tarde, quando tivemos um confronto, que havia sido demasiado franca, mas foi tudo muito bem-intencionado.

'Felizmente para mim, a Sra. R. não recordou aquelas linhas do Pope, que ela havia descrito como "tão bonitas, tão verdadeiras, tão acertadas." Embora eu me tenha tornado abjeta, prometi reformar-me, nunca mais ser crítica e sugerir um novo juízo da minha pessoa, mas ela rejeitou juízo, e insistiu na minha saída. E assim eu saí.

'Agora, embora a Sra. R. fosse estúpida, o instinto dela a esse respeito foi sensato. Eu teria contido a língua se ela me tivesse perdoado e eu tivesse permanecido lá. Mas isso iria contra a minha própria natureza e não seria uma solução satisfatória para o problema. O facto era que a Sra. R. e eu éramos inteiramente inadequadas para um

companheirismo íntimo de partilha da mesma residência. Estávamos em diferentes níveis de inteligência ou imaginação, e ela não suportava uma crítica frequente. Ela fechava-se e sentia-se magoada. (1)

'Meu querido Henry, quando compartilhamos a nossa vida com alguém, é muito importante que haja dar e receber, liberdade para ambos os parceiros criticarem um ao outro. Envelhecer numa vida de solteiro torna-se solitário, a menos que estejamos inteiramente ocupados. A parceria na vida pode proporcionar uma felicidade extraordinária se for baseada em princípios democráticos. Não deve haver totalitarismo. O exercício da liberdade de expressão é essencial. A Sra. R. tinha um aspeto totalitário, embora sempre fosse irritantemente educada comigo antes da briga. Ela não permitia que eu expressasse livremente as minhas opiniões sem dúvida indelicadas.

'Caro Henry. Na vida, faças o que fizeres, certifica-te de que o direito à liberdade de expressão seja respeitado, (é) a lei em qualquer colaboração de negócios ou da personalidade. Com o reconhecimento desse direito, devemos ter a capacidade de o adotar, caso a crítica injusta ou aparentemente injusta nos for lançada à cara. Numa colaboração, não deve haver rompimento sumário de toda a relação por causa de críticas quando alguém está talvez de mau humor ou a sentir-se mal.

'O que são as palavras afinal? Elas nunca expressam adequadamente, exceto talvez numa poesia grandiosa, os sentimentos de afeto duradouro e fiel, que não é totalitário.

'Nos anos que se seguirão, em qualquer parceria com homem ou mulher, insiste nos direitos de liberdade de expressão e acrescenta que precisa haver reconhecimento de que os nossos corpos vis ou as nossas mentes estão enfermas, quando a crítica prejudicial injusta for feita no dar e receber da vida quotidiana.

'Ah, a necessidade de tolerância de parte a parte! Acima de tudo, é preciso que os dois estejam no mesmo nível de inteligência e tenham capacidade de partilhar os mesmos interesses. A paixão sexual é enganosa, falaciosa, não pode durar muito, deve estagnar entre um homem e uma mulher. Mas a paixão mental da imaginação entre um homem e uma mulher podem preservar permanentemente a unidade, podem produzir a devoção de uma vida inteira e a mais feliz das vidas. Assim, muito mais importante do que a escolha de uma carreira, é a escolha de um parceiro que possa realizar plenamente na imaginação as necessidades do outro. Mas o encorajamento também é necessário quando a crítica é feita.

'O pior de tudo é que tantas vezes a dissimulação da natureza cruel impede uma escolha sensata. Assim, poderá parecer melhor, especialmente nos dias de hoje, que um homem permaneça solteiro. (2) Mas eu nego inteiramente que seja o melhor. E

mesmo que ele faça uma escolha errada de um parceiro, ele pode corrigi-la mais tarde. Sempre há uma segunda oportunidade.

'Neste mundo fundamentalmente mental em que me encontro agora, vejo quão sem importância é a atração sexual e a paixão transitória na terra entre os seres humanos, quão vitalmente importante é uma rica imaginação na qual duas mentes se encontrem no mesmo nível. Portanto, a parceria aqui perdura mesmo quando os dois viajam para horizontes mais vastos, se houver imaginação suficiente.

'Sem dúvida que hás de dizer que fui sentimental com o que acabei de escrever sobre o relacionamento pessoal. Mas agora vejo isso claramente como mais importante do que qualquer sucesso ou fama mundana.

'Por favor, não penses que qualquer culpa deva ser atribuída à Sra. R. pela nossa zanga. Ela era essencialmente feminina e é claro que eu podia ser um desafio. Mas os homens, com moderação, até gostavam, caso eu o exibisse. Isso mentia-os interessados numa mulher, quando a sua mansa docilidade falhasse. Acima de tudo, lembrava-lhes ao inconsciente a mãe quando, nos seus primeiros dias, ela lhes iniciara o treino. Assim, a mãe continua a ser a influência subjacente básica na vida da maioria dos homens.

'Espero, querido filho, que isso não te provoque arrepios!

'Como sempre tua. (3)

'Winifred T.'

(1) Henry Tennant: “De longe, a parte mais impressionante deste escrito é aquela relacionada com a briga com a “Sra. R.” Em Abril de 1942, a minha mãe foi viver como hóspede pagante com a Sra. R. em Y… e a minha mãe viveu lá durante quase quatro anos.

‘A minha mãe era, por temperamento, incapaz de conseguir êxito no relacionamento íntimo prolongado com uma mulher. Tais associações sempre davam errado mais cedo ou mais tarde, e a vida com a Sra. R. não foi exceção, tendo sido marcada, contudo, por uma medida invulgar de rancor. A briga, claro, não foi segredo naquele lugar, onde, segundo a minha mãe, a Sra. R. costumava referir-se a ela como a “Peste de Aluguer.” Não posso dizer se os incidentes descritos no escrito realmente tenham ocorrido, e a Sra. R. faleceu recentemente, pelo que não pode ser consultada. Podemos encontrar a confirmação do episódio da poesia nos diários.

(Ed. Não encontrei.) Em todo caso, esta parte do escrito é inteiramente convincente para mim e o meu irmão. Na frente do diário de minha mãe de 1945 está um recorte do Daily Telegraph de 12/01/45, no qual um psiquiatra descreve um paciente como “padecendo de uma condição psicopática constitucional, instabilidade emocional e uma explosão de agressividade sádica primitiva.” Abaixo do recorte, a minha mãe escreveu: “Depois de mais de dois anos e meio de observação, sei que este é um diagnóstico

completo e preciso da condição mental da Sra. R." (cf. página 53 do escrito: "Ela tinha o aspeto de uma totalitária.")

'Também encontramos uma carta da Sra. R. entre os papéis da minha mãe, após a sua morte, que era uma tentativa de compensar pela zanga. A sua autora apontava que nenhuma das duas estava a ficar mais jovem e sugeria que deveriam fazer as pazes enquanto ainda havia tempo. A minha mãe havia avalizado o envelope desta carta com as seguintes palavras ou semelhantes: "Carta ridícula da Sra. R. a implorar perdão." Acho que também havia uma nota a dar conta de que ela não pretendia responder. Isso também corrobora a parte da página 52 do escrito. A. T. comenta que os diários da minha mãe estão cheios de referências à zanga que teve com a Sra. R., e sei que isso a impressionou profundamente.'

O termo "Sra. R." abrange referência à senhora em questão, tanto pelo nome Cristão correto quanto pela letra inicial correta do seu sobrenome. O nome do local também está correto.'

(2) Henry T. era solteiro, facto que não era do conhecimento da G. Cummins.

(3) H.T.: "A parte no final do escrito sobre os homens gostarem de ser provocados é característica, assim como a frase com que começa: "Espero, querido filho. . ." Já "Como sempre tua" não é característica.

Sessão 14 - 22 de Março de 1958

(Geraldine Cummins a dirigir-se ao Astor: Por favor, pergunte à Winifred, se conseguir encontrá-la, para escrever acerca do processo de comunicação (1).)

Astor: Aguarda uns minutos, por favor. Vou informá-la do teu pedido.

'Winifred Tennant.

'Ah, minha cara! O Processo de Comunicação! Nesse caso esta carta deveria seguir a anterior dirigida O Sr. e à Sr.ª Salter, que são juntamente juízes nomeados da Corte Suprema em conjugação com o Henry Tennant, devido ao facto de ramificações de uma conspiração terem que ser reveladas. Uma segunda acusação de carácter grava tem agora entrada no caso da Winifred, a prisioneira que está a ser julgada pela sua própria existência.

'Por instigação de um certo Gurney e o seu cúmplice, Gerald Balfour, ela torna-se uma vez mais sua intermediária - uma intérprete terrivelmente indiferente da conceção geral que eles têm do que constitui o Homo Sapiens. Pelo melhor de que ela foi capaz ela apresentou a presente perspetiva que tem, ilustrada pelas memórias errantes que tem, na última apelação que moveu, mas a habilidade dela não foi adequada. Porquê, pois, poder-se-á perguntar, teve ela permissão para apelar; porque não terão o Gurney e o Gerald B. sido apontados como Conselheiro em defesa dela? É por não terem sido convidados, nem desejados como comunicadores.

'O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO'

'A compreensão da pessoa do comunicador depende em grande medida do reconhecimento da sua realidade por parte do automatista e da assunção do reconhecimento dele da parte do investigador.

'Teve que haver cooperação do seu lado. O Sr. Salter é um investigador competente, e ele antecipou com tal habilidade teatral mensagens da parte da Winifred T. Ela captou o pedido dele, e por meio do desejo do Sr. Salter ela obteve o poder orientador necessário que não só a conduziu à descoberta desta automatista mas lhe permitiu continuar a escrever. Se o desejo do Sr. Salter fracassar - e o Eclesiastes diz-nos que o desejo frequentemente fracassa — então a Winifred fracassará na escriva posterior escrita por esta mão.

'Com respeito ao êxito de um experimento, o investigador é frequentemente de maior importância do que o médium. As almas sobreviventes, a quem chamarei de "mortos-vivos," precisam igualmente desejar comunicar. Reciprocidade ou um desejo recíproco entre o investigador e o morto-vivo, ainda que temporária assunção da realidade dos dois conversadores induz resultados comprovativos nas sessões (2).

'Desnecessário será dizer que ansiei por deixar que o meu juiz cético, o meu filho, saber que eu não estava meramente morta, mas que estava igualmente viva. Ele poderá, em resultado destas comunicações da minha parte, enterrar todo o meu ser num pequeno caixão embelezado mas pelo menos o meu desejo ainda não fracassou até agora. Mas, seja como for, conforme o poeta escreveu: "Um homem derrotado sempre o haverá de ser" -- no que é necessária liberdade poética. Mesmo que eu saia derrotada e o meu filho não acredite na realidade da minha existência contínua, alguém mais que descubra a minha narrativa poderá encontrar um vestígio de realidade nesta "história."

'*Recíproco.* Essa é a palavra necessária. Quando a alma de um recém-falecido procura voltar, ela tem uma sensação de isolamento paralisante. Ela fracassa, caso nenhum ser humano vivo a convidar e não lhe estender as boas-vindas. Nas minhas tímidas tentativas iniciais a automatista, Geraldine Cummins e o Sr. Salter fizeram isso por mim, deram as boas-vindas à convidada deles.

E o que não deixa de ser estranho, apesar do meu filho se ater firmemente à crença de que eu não mais continuava a existir, ele enviou-me uma baforada de desejo. O afeto que temporariamente sentiu por mim, maldosamente superou as faculdades intelectuais dele. Qual não foi a alegria que senti quando percebi que ele estava preparado para ser um juiz e considerar a evidência, caso alguma existisse! Ah, como isso estimulou a prisioneira paralisada no banco dos réus.

'Correspondência Cruzada

'Processo de Comunicação

'Em casos bastante raros, comunicadores de alta inteligência, gente excecional dotada de propósito ou alguma advertência a ser dada a um ser humano, algum erro a retificar ou algo de errado a ser corrigido, poderá, mesmo que não haja qualquer desejo, nem convite que lhe seja estendido, irromper da solidez dos mortos, e transmitir uma comunicação bastante inesperada a uma médium, automatista ou sensitiva. As inúmeras aparições de recém-falecidos, a anunciar com a sua aparição a um amigo ou parente a sua partida da terra, muita vez provém de pessoas não dotadas. Isso deve-se ao facto de que, com a súbita perceção da sua própria morte, elas se vejam consumidas do desejo de anunciar que estão vivas.

'Muitas vezes é o seu único comunicador, já que não conseguem manter essa fúria branca do desejo, e são igualmente incapazes de estabelecer uma comunicação adicional tão logo a sua existência é coordenada num nível superior, especialmente se nenhum sinal de radar do desejo lhes for feito da parte de amigo ou parente ainda residente no corpo físico.

'Quando uso o termo 'desejo', refiro, conforme o Fred me diz, a emoção desejosa, a ânsia, que tem imaginação por fonte, e ele diz que a imaginação é a faculdade mental e emocional que forma imagens ideais ou combinações de imagens. Atingir o ideal significa alcançar um nível pessoal de perfeição. O que brota da imaginação é o desejo do explorador de conhecer sequer um fragmento de uma terra desconhecida, ou estado de ser, caso diga respeito ao reino sobrenatural (as palavras que se seguem foram aparentemente acrescentadas mais tarde) ou simplesmente a exploração da mente inconsciente do homem em face do ser humano que busca.

'O caso da correspondência cruzada prosseguiu por cerca de trinta anos. Eu fui participante nele na qualidade de automatista. A minha morte, suponho eu, despertou a imaginação curiosa do explorador William Henry Salter e o desejo que tinha de que eu, Winifred, conhecida como Sr.ª Willett, enviasse um sinal, chegou-me como um apelo, e deu-me a oportunidade que desejava e buscava (4). Desse modo se verificou a reciprocidade entre mim e W. H., ação mútua que me habilitou a escrever, por intermédio da Geraldine Cummins, uma estranha, que a Sr.ª Tennant era a Sr.ª Willett ou pelo menos a Sr.ª Wills, a automatista que desempenhara a sua pequena parte naquela monumental correspondência que foi edificada (3). A nossa — Geraldine Cummins, William Henry e eu formamos um trio, não um dueto, e cada membro desse trio estava dotado de suficiente imaginação para produzir as condições necessárias para o registo do que é chamado evidência ou Perceção Extrassensorial.

'O caso do Grupo da Correspondência Cruzada pode ser comparado ao desempenho perfeito de uma orquestra. Os diversos comunicadores eram académicos que tinham o intelecto em conjugação com imaginações que acalentavam uma imagem ideal de perfeição científica na evidência que transmitiram.

Os investigadores e as médiuns tiveram imaginação suficiente para conceber a imagem ideal, o objetivo da perfeição. Desse modo o profundo apelou ao profundo num desejo em uníssono. Uma orquestra deve executar como um só se quiserem que a atuação alcance a perfeição com algum êxito objetivo. Todos os atores se achavam desprendidos, e buscavam somente a imagem real. Foi desse modo que o elevado padrão de evidência foi mantido durante um período de trinta anos no caso da correspondência cruzada.

'Será que isso responderá à sua questão, designadamente, "Como terá esse elevado padrão de evidência mantido por tanto tempo, quando na maioria dos outros casos isolados parece esgotar-se passado um tempo?

'Devo, porém, acrescentar que neste caso único, o grupo dos académicos falecidos foi principalmente responsável pelo elevado padrão dos resultados. Eles selecionaram com sagaz sabedoria os atores humanos, os investigadores e as automatistas. Eles não deverão agora ser descobertos na terra, por o desejo humano que brota da imaginação ter fracassado. Por isso um outro grupo de evidências deste género não poderá ser transmitido.

'Investigadores. É quando o desejo imaginativo fracassa da parte dos seres humanos que de outro modo seriam adaptados para a tarefa que os "casos se esgotam," conforme descreve este processo. Presentemente a imaginação acha-se completamente subserviente entre as pessoas cultas. O domínio do intelecto produz esterilidade no campo da imaginação.

Essa gente é, por conseguinte, inteiramente incompetente enquanto investigadora; está fadada, caso investigue, a deparar-se somente com resultados negativos. Mas ateístas ou agnósticos que não subjugam o desejo imaginativo da vontade do explorador, caso sejam garantidas outras condições, como uma médium experiente, etc., obtêm resultados frutíferos. Se o desejo estiver presente, o dom também há de estar. Existem diversas outras causas para o êxito do caso da correspondência cruzada. Eu só incluí aqui a causa primária ou essencial.

'Descanse e sonhe agora, e depois escute.

(Uma pausa. Retomado mais tarde.)

'Está com sono.

'Pegue na caneta agora, Geraldine, e escute.

'Sabe que o título da maior mulher na história da religião é o da Virgem Maria. Não, a Virgem Maria não está presente mas o seu homónimo está. Mas depois há um outro, o do nosso Rei do Oriente, Artur. Uma vez mais, remova o título, e ficamos com Artur e Mary.

'Exatamente. Captou o sentido da coisa. Acrescente a isso o fiel Gerald. Os meus três companheiros, três dos 'mortos-vivos.' Deverão as pessoas na terra viver sem esperança? Não. Com certeza que a resposta passa por um Não.

'Uma aliança, devido à cautela e à dilação dele, não foi apresentada. Ah, infinito arrependimento! Ela não estava lá. Ela tinha partido quando ele chegou. Enterra-a, enterra-a com ela na terra e diga Adeus para sempre. Isso foi o que ele fez. Mas só a razão dele disse "Adeus para sempre," porque o coração, a imaginação dele, não o fez. Uma vez por ano ele regressava e questionava-se, meditava, junto à sepultura. Que quererá dizer pó para o pó e terra para a terra tão somente?

'O Rei Artur e os seus cavaleiros. Alguma vez encontraram a Santo Gral? Isso encerra um mistério para si, mais uma interrogação para toda a humanidade.

'Mas o meu quadro aqui, anteriormente mencionado, representa esta alma do século vinte, o Artur. A sua personalidade humana, o seu aspeto são do homem do século dezanove que ele foi, na idade dos trinta ou assim. Na presença do Gerald, esse Artur apresenta a rapariga Mary com uma aliança que ele estava demasiado atrasado para oferecer quando ele viveu na terra. esse quadro era objetivo, ou é objetivo, um acontecimento que na verdade ocorreu num reino sobrenatural em anos recentes pelo tempo do vosso relógio (4).

(Uma pausa aqui.)

'Ah, ah, Miss Cummins, eu espreito-lhe o pensamento. Vejo que pensa que o que acabei de escrever não passa de ficção sentimental ou mito. Sim, consigo distinguir tal veredicto na sua mente (5). Mas até mesmo uma solteirona como você consegue compreender que um mito é por vezes portador de uma verdade suprema.

'De todas as lendas contadas sobre a Busca do Santo Gral, você havia de apreciar a original e antiga história ancestral de toda a lenda Arturiana.

'Trata-se do conto Galês de Peredur (Persival, no ciclo das lendas Arturianas). Nessa lenda não existe nenhum Gral, mas somente a Busca ou Jornada!'

(1) Os investigadores pediram à Geraldine Cummins para colocar uma questão à Winifred sobre o 'processo de comunicação.' Esse tópico fora amplamente abordado no Estudo Balfour, quando ela própria desempenhava o papel de médium. Alguns dos presentes comentários dela, feitos por intermédio da Geraldine, encontra a sua equivalente nesse estudo, o qual, conforme mencionado, a Geraldine não tinha lido, à exceção de fragmentos citados por Tyrrell, e por Saltmarsh. Não se tratou de uma citação literal. Os escritos Cummins-Willett apresentam algumas das ideias idênticas, só que num estilo muita vez mais coloquial, assim como adaptado à situação, isto é, à incredulidade do filho dela quanto à continuidade da sua existência.

(2) Estudo Balfour, pág. 182: '. . .crença na personalidade dos comunicadores "faz parte absolutamente vital das condições que nos tornam fácil o trabalho," idem na pág. 183: '"Tem-se uma sensação paralisante de isolamento na experiência da volta. . . precisamos de algo recíproco."'

(3) 'Na autobiografia de G. Cummins, *Unseen Adventures* (1951) é referido, na página 133, que para obter uma boa evidência uma médium requer não só um comunicador que saiba comunicar, mas um que tenha uma ânsia emocional por o fazer, para além de um participante que esteja em simpatia. Ver igualmente no 'Caso do Domingo de Ramos,' páginas 108 e 109, a descrição dos três grupos de cooperantes necessários para uma boa comprovação.

(4) Não foi antes da publicação do "Caso de Domingo de Ramos," cerca de dois anos mais tarde que este escrito, que algumas três ou quatro pessoas tiveram conhecimento da verdadeira história aqui reportada, a história do amor de A.J. Balfour e Mary Lyttelton. Na página 1115, o Rei Artur de *Os Idílios do Rei* é um símbolo do Arthur Balfour. Na página 93, por vontade de Arthur J. Balfour, é descrito como a aliança foi colocada no dedo dela para ser enterrada com ela.'

(5) Que a Geraldine duvidara da história é provado por uma carta endereçada ao editor em que lhe disse que tinha acabado de redigir um escrito com uma histórica romântica que provavelmente não passava de uma ficção inconsciente. Mas o anel foi enterrado na sepultura, e Arthur. J. Balfour regressou uma vez por ano.

(ED.) Este escrito foi obtido no dia 22 de Março mas não foi de imediato entregue ao Major Tenente para anotação, já que a Miss Cummins estava interessada na parte do 'processo de comunicação' e queria uma cópia e não tinha tempo para o copiar, pelo que o pôs de parte.

A 30 de Março foi a um chá com a Sr.ª S., e elas falaram da amiga dela, a poeta Irlandesa AE, assim como a respeito de Yeats. A Miss Cummins disse que na opinião dela a cabeça de Yeats sempre lhe dominava o coração em toda a sua poesia lírica sobre Maud Ginne. A Sr.ª S. corou isso com uma história a fim de mostrar como o coração pode dominar a cabeça, até mesmo no caso de uma pessoa intelectual.

Ela disse que Arthur Balfour tinha estado apaixonado por uma rapariga que falecera enquanto ele estava para o estrangeiro. Ele acorreu ao país para lhe oferecer um anel de noivado, mas foi demasiado tarde. A senhora S. não mencionou o seu nome. Isso foi tudo quanto foi dito a respeito. A Miss Cummins prossegue: 'A caminho de casa a história dela impressionou-me pela semelhança àquela do escrito de 22 de Março. Mas não a consegui encontrar senão a 4 de Abril. Então contei-a à Mrs. Gay (membro do Concelho

da SPR) e fiquei a interrogar-me se deveria destruir o escrito devido à similitude. Ela disse-me para o não fazer. Visitei-a e levei-lhe o escrito para ler, e também lhe mostrei a minha agenda que continha a data da sessão da "Winifred" e a visita que fiz à Srª. S.'

'Tendo a Sr.ª Gay falado nisso ao Sr. Salter, ele escreveu à Miss Cummins a 9 de Maio de 1958, a pedir-lhe veementemente para não destruir o escrito. 'Ninguém duvidaria da sua palavra de que foi escrito antes do encontro do Domingo de Ramos com a Sr.ª S., pelo que não foi influenciado de forma nenhuma por nada que ela lhe tenha dito. . . Estou seguro de que o Major T. teria interesse em ver esse escrito, tal como eu próprio estaria. Os seus escritos situar-se-ão entre os mais interessantes desenvolvimentos em pesquisa psíquica durante muitos anos.'

Sessão 15 - 12 de Abril de 1958

Astor. Sim, vou informá-la da carta.

'Winifred Tennant.

'Estou muito interessada em ouvir a mensagem endereçada a mim na carta do Sr. Salter. Por favor, leia-a.'

(A mensagem diz o seguinte: 'Vejo que a Winifred escreve: Se o desejo do Sr. Salter falhasse — e o Eclesiastes diz-nos que com frequência isso sucede. . ." Quando se encontrar com ela da próxima vez, diga-lhe o quão me sinto grato por saber que o meu nome é mencionado nas Sagradas Escrituras!'

'Fico encantada por ouvir da gratificação do Sr. Salter. Mas receio que ele não conheça o Eclesiastes tão bem quanto eu! É claro que os dias da catequese dele se situam um tanto longe no tempo. No meu caso, devido à beleza do Eclesiastes, aprendi por prazer a maior parte dele de memória. Era indicado para o humor cinzento dos dias de chuva da juventude.

'Agora o meu comentário. Não existe uma mera menção ao nome do Sr. Salter no Eclesiastes. Na realidade o Eclesiastes é-lhe dirigido. Peço que repare numa afirmação num dos primeiros versos em que o Pregador diz que vê o que é bom para os filhos dos homens e o que todos deveriam fazer todos os dias da sua vida. No final desse encantador e instrutivo poema, o poeta reverte do geral para o particular, isto é, para o Sr. Salter, e escreve. "Meu filho, sê advertido." Espero que o Sr. Salter seja adequadamente advertido! Ele é o homem comum ou nas palavras do Pregador, "meu filho."

'Pode ser certamente gratificante que esta obra-prima entre os sermões seja unicamente endereçado aos membros masculinos da raça humana. É percetível que as mulheres são deixadas de fora, como se não existissem! Mas aqui para nossa

segurança, eu posso referir que o Eclesiastes está enquadrado com os Cantos de Salomão, em todo o caso por parte dos inspirados tradutores da Bíblia do Rei James.

'Nos anos da minha adolescência, fiquei espantada por esses dois poemas se destinarem obviamente como instrução para as filhas das mulheres. Mas para mim quando eu era rapariga, Os Cânticos de Salomão eram informativos em vez de instrutivos. Que perspetiva terá a Helen? Serão esses dois poemas gémeos, um para instrução de todo homem, e o outro para instrução de toda mulher?

'Entretanto, W. Henry volte aos seus dias de catequese e busque instrução da parte do catequista com respeito a esses dois poemas (1).

(1) A relevância, se alguma existe, do escrito 15 ainda não foi descoberto, mas está plasmado no estilo da Sr.ª Willett.

Sessão 16 - 13 de Abril de 1958

(Um dia claro - obtive o seguinte escrito.)

'Astor. Sim, ela está aqui e muito impaciente.

'Winifred Tennant.

'Bom, preciso voltar a coisas sérias.

'Tive uma visão de uma cena na terra que lentamente se aproximou de mim. Pareceu-me uma velha mansão. Depois subitamente pareceu-me estar a pairar o seu interior, e eu percebi o Sr. e a Sr.ª Salter a examinar papeis. Recebi a impressão de que eles estavam a estudar registos passados em que eu tomara parte. A coisa estabilizou toda numa imagem desses dois numa velha casa Isabelina, com prateleiras e prateleiras de livros. Ah, tantos livros!' (1).

'Causou-me uma pequena mágoa ver a Helen tão parecida com a mãe quando encarnada, assim como o William Henry, ambos a estudar. Eles eram o remanescente de um adorno que está rapidamente a desvanecer-se da vida Inglesa — académico e uma tradição cultural tão diferente da sua primitiva era desagradável de recordes de velocidade, carros e aviões e bombas.

'Mas não devo entregar-me ao sentimentalismo. Só quero repetir que podem publicar dos registos aquilo que considerarem adequado no que a mim pessoalmente diga respeito.

'Um dos atrativos do morrer é a sensação de se escapar das responsabilidades terrenas. Não é que eu seja um ser humano inteiramente irresponsável. Mas é que vejo que atribuí uma importância exagerada às convenções.

'Seja como for, a informação nova dos registos não tem importância agora, já que o ceifeiro esteve tão ocupado com a sua segadeira.

'Através dos meus receios eu depositei restrições no relatório das aventuras da alma, o que, mesmo que diminutas em si mesmas, caso sejam conhecidas poderão ajudar a transmitir a maior esperança a alguma gente que pensa. Não estou só nesta crença. O grupo, o Fred, o professor V., o Gerald (2), e outros exortam a tal publicação que a Helen e o W. H consideram de valor.

'Nós estamos todos tão mortos quanto o Dodo para os seres humanos, por mais vivos que estejamos neste estado superior. Aqueles relacionados que vêm depois de nós permanecem no seu próprio mérito. Eles não são responsáveis pelo desempenho dos seus ancestrais na terra. Se eles se sentem feridos com as revelações, então será somente dor da vaidade. . . uma qualidade repreensível.

'Não estou certa se a Helen captou impressões que o meu outro eu lhe endereçou. Elas foram despachadas quando eu não estava a estudá-la e ao W.H. na sua residência como quando se coloca um quadro numa galeria de quadros.

'A sua casa é rica em memórias. Sem dúvida devido à idade e aos seus residentes. Isso e a minha tensão emocional numa matéria sobre que pensei muito responde pela perceção que tenho do que pode ou não pode ter sido recebido de modo confuso.

'O Gerald tinha razão em acreditar que o ser humano consiste numa quantidade de Eus ou aspetos dotados de um Eu primário, o total de uma soma em aritmética. Deste estado aqui, um aspeto de mim busca o contacto com a Helen, e outro aspeto busca o contacto com a Geraldine Cummins.

'Só nos tornamos unificados em espírito ou no outro Eu no nível superior.

'Quando comunico, fundo-me com a automatista no sentido de que dependo em parte da memória dela e do padrão de inteligência dela para encontrar palavras por que possa expressar as minhas ideias. Ocasionalmente a mente subliminar dela penetra na minha mente, e saca uma ideia ou memória. Não se trata de um tráfico de sentido único.

'Depois, é claro a mente dela pode inserir por remendos a sua própria interpretação errónea. Malabarismos sobrenaturais e infernais podem ocorrer (3).

'Estou a perder o contacto agora.

'Winifred?

(1) Em carta endereçada à Geraldine C. (23.4.58), W.H. Salter escreve: 'As referências que ela (Winifred) faz à casa são de interesse. Ela escreve disso como uma Isabelina, o que pode estar certo, já que a casa certamente é um bom bocado mais velha que a idade que conta no pórtico, que é 1692. Isso foi quando consideráveis alterações foram feitas e a presente frente ornamentada foi acrescentada. A Coroa e as rosas que figuram nas decorações supõe-se tradicionalmente que sejam em comemoração de uma visita da parte de Isabel. Temos uma imensa quantidade de livros, porém, imagino, tantos quantos a Winifred tinha na sua própria casa.'

A Geraldine C. acrescenta: 'Por tudo quanto sei a casa pode ter sido uma vivenda moderna.'

(2) (Ed.) Provavelmente ela refere-se à proposta publicação de 'O caso do Domingo de Ramos.'

(3) O Estudo Balfour, página 299-300, contém a mesma ideia em subtileza de detalhes, e de muitas tecnicalidades, supostamente transmitida por Edmund Gurney a G.W. Balfour. Este último diz, na página 300, 'Se os escritos em questão não são o produto de inspiração da parte de uma inteligência externa, tal como uma atividade mental subliminal, sou levado a concluir que o subliminal neste caso exibiu uma subtileza de pensamento especulativo decididamente muito além de tudo quanto creio que a Sr.ª Willett, com quem estou intimamente familiarizado, seria capaz. A própria Sr.ª Willett, a quem as produções de transe foram agora mostradas por uma primeira vez, garante-me que se lhe parecem tão "Grego", e deixam-na completamente perplexa e *enfadada*.

Sessão 17, 19 de Abril de 1958

Astor está aqui. Sim, esta alma diz estar ansiosa por prosseguir com as suas memórias hoje. Ela expressa a esperança de que você seja toda atenção e não interprete mal aquilo que deseja transmitir.

'Winifred Tennant.

'Oh, em que me vou empenhar hoje ao assinar este documento?

'Bem, Excelências, meus juízes, falarei das influências que moldaram uma porção da minha prolongada vida. Elas poderão mostrar que a Winifred ainda existe, a despeito do facto de ela ter abandonado o seu antigo saco de ossos.

'Fragmentos de memórias perpassam por mim como as folhas no outono do ano. Não foi unicamente a Grande Guerra que gradualmente me alterou a perspetiva que tinha e inspirou em mim um zelo missionário pretensioso por reformar a humanidade. Digo pretensioso por raramente ser possível reformar quem quer que seja. Somente as experiências amargas o poderão conseguir.

'Houve uma influência que a certa altura na minha vida ajudou a fermentar o caroço chamado Winifred. Tive o privilégio de conhecer uma família notável. Vou dotá-los do apelido Lob de forma a poder escrever com maior liberdade acerca deles.

- Geraldine Cummins, você deve saber de onde provém essa palavra - pois, críquete (1).

'Lob é um pseudónimo bastante adequado, já que os homens desse clã eram brilhantes no desempenho no jogo sério do cricket. Na busca mais insignificante da política, alguns deles ocuparam altos cargos. Mas nesse campo o desempenho deles era mediano, e eles não atingiram nenhum limite. Lob descreve melhor o seu jogo político.

'Um outro da família Lob alcançou o que era considerado nessa era como uma das mais elevadas posições educativas da terra. Afinal, ele mereceu-a, já que era um ótimo jogador de críquete na estima do que era chamado a classe governante da época. Eu estava espantada com ele mas não gostei dele na ocasião em que o meu marido e eu depositamos o nosso filho no estabelecimento educativo em que ele reinou durante um tempo. O George era um rapaz nervoso.

'Depois havia um outro irmão. Um Lob casado com a Edith. Ele tinha uma personalidade atraente. A Edith com a sua seriedade, suspeito bem, temperava um tanto o brilho dele, mas conferia-lhe impulso, propósito. Ela era uma influência de estabilidade com respeito à sua concentração num objetivo em vez de diversos. Ele era um homem versátil. Chegou a trabalhar no campo político e a conseguir uma importante posição (2) nele, que se prendia com os nossos domínios longínquos - a nossa Bretanha mais vasta. O orgulho que a Edith não tinha dele!

'A família Lob era maioritariamente composta por homens - uma quantidade de filhos. Um Lob casou com uma outra Edith. Duas cunhadas chamadas Edith eram difíceis e inconvenientes, pelo que a Sr.ª Lob era geralmente conhecida por D. Que contraste não formavam essas duas cunhadas! A Edith era culta, era dotada de grande habilidade prática, era uma administrativa redimida por uma capacidade de uma afeição profunda e leal, muito fidedigna, mas, Ah, era tão séria! A D. era animada, musicista e nem um pouco séria, atraente. Era uma excelente pianista, uma boa acompanhante, e ao piano melhorava eu era uma perfeição.

'O pai de D., é claro, catava de forma divina, cantou para tantos. . . está a captar. . . cantou. . .

'A música confere permanência às memórias passageiras. Não vou esquecer facilmente a Sr.ª Bob. Mas a música é, conforme eu recentemente descobri, uma arte mais do outro mundo do que qualquer outra arte' (3).

(1) Geraldine C.: 'Terá a Sr.ª Willett tentado ocultar de mim a identidade dos Lytteltons com o nome Lob? Mas na minha juventude ouvi falar dos irmãos Lyttelton, das suas façanhas no críquete e êxito na política, pelo que em breve calculei quem os Lytteltons eram. A "Edith" referida é obviamente a Dame Edith Lyttelton. O George foi para o Colégio Winchester, e não o Eton. A Sr.ª Willett corrige este erro na sessão 26. O Alexander e o Henry Tennant foram para o Colégio Eton. Um dos "Lob" era director no Colégio Eton.

(2) Geraldine C.: Um dos Lob casou-se com a Edith. Trata-se com toda a clareza de Dame Edith Lyttelton. O marido dela foi Ministro de Estado.'

(3) Geraldine C.: 'Duas cunhadas chamadas Edith eram difíceis e inconvenientes, pelo que Sr.ª Bob era geralmente conhecida por "D." Fiquei a saber da parte da Sr.ª Heywood que a Dama Edith era conhecida como "D.D.," pelo que isto soa a erro da parte da comunicadora. Por outro lado, toda a informação relativa à Sr.ª Bob que consta é correta Isso fiquei eu a saber quando, após o término dos escritos, conheci uma senhora, a Sr.ª Willis, na ilha de Jersey. Ela disse que a Sr.ª Bob era atraente, muito animada, além de uma excelente pianista capaz de tocar de improviso. O pai fora um cantor chamado Sanger ou Sangster.'

Sessão 18 - 20 de Abril de 1958

Astor. Sim, aqui está a Winifred.

'Winifred Tennant. Que foi que eu disse por último? Ah, pois.

'Bem, a Edith e a D. discordavam numa quantidade de tópicos, mas mostravam concordância no interesse que tinham pela pesquisa psíquica. A D. poderá ser mais corretamente descrita como intermitentemente interessada pelo maravilhoso e o sobrenatural. Ah, ela tinha uma mente que brilhava e não permanecia — exceto talvez em questão de música - na onda de ocupação nenhuma. Nisso eramos parecidas. Os interesses que eu alimentava eram múltiplos.

'É claro que quaisquer experimentos psíquicos constituíam coisa bastante privada. Secretismo inviolável com respeito a elas foi enfatizado quando fui convidada para me juntar ao círculo. Foi acordado que nem uma palavra se deveria deixar escapar a ninguém. As carreiras precisavam ser protegidas (1).

'Um certo estadista sem reputação que tinha sido visitante frequente ao clã dos Lob era um amigo. Ele passou a interessar-se nas sessões que elas faziam. Uma perda pela morte tinha-lhe voltado a atenção para a questão da existência ou não de um mundo sobrenatural.

'Posso agora dizer que era recipiente de certas mensagens que impressionavam esse Escocês intelectual e metafísico. Racialmente, ele era meio-Inglês, e isso tornou-o inicialmente muito crítico. A personalidade dele intrigava-me e impressionava-me. Eu

sentia-me curiosidade e tinha vontade de sondar as profundezas e de ficar atrás da máscara.

'Charmoso e altivo por natureza e inclinação, académico e metafísico, e ainda assim controlado de modo a trabalhar na monótona política. Por herança e influência familiar e do lado materno da família levaram-no a tornar-se membro do Parlamento e num ótimo orador. Tem que ser lembrado que ele era uma figura de proa na política mundial.

'Eu não ligava ao charme dele quando ele o exercia. Tudo aquilo era repelente para mim, por não ser a sua verdadeira natureza. Mas uma vez nos primeiros dias do nosso conhecimento ele fez-me um comentário que jamais esqueci:

"Os caminhos do pensamento claro conduzem direto ao vale do misticismo." Aquilo era contrário à minha pequena experiência mística no sentido de que eu gostava disso num crescendo até ao empíreo. (NT: Residência dos deuses.)

'Mas sem dúvida que essa noção que eu tinha estava, conforme agora o percebo, enraizada na crença de criança de que o céu ficava situado algures por trás do céu azul de verão. De qualquer modo o comentário dele levou-me a relacionar-me pela primeira vez com a verdadeira natureza dele, ao revelar-ma. Por trás da máscara que envergava, por trás da ambição da parte de Inglês dele, estava o potencial místico Escocês.

Uma das causas da infelicidade desse homem devia-se à ambição que abrigava de servir o país, a influência exercida nele pelos parentes, levaram-no a transformar-se num político esforçado. Tal vida impelia-o a esmagar a natureza mística de que era dotado, a desterrar a sua verdadeira natureza. A mulher que amara compreendia e arrancou-lhe essa outra natureza, conforme já tive ocasião de descrever. Mas ela tinha-se desvanecido.

'Claro que os meus encontros com ele eram relativamente raros - quer dizer, em casa dos Lob. Mas mais tarde pude vislumbrar mais dele na sua velhice (2).

'Todavia, a questão a que desejo chegar é que os Lob e esse estadista me influenciaram. Ajudaram a encorajar em mim um ideal de serviço de alguma forma na vida pública. Ah, as conversas tão boas que não escutei na casa dos Lob. Quão céleres os homens não eram! Quão mesquinha e feminina não me senti ao escutá-las!

'Com respeito à minha carreira.

'No sentido político eu era, conforme rapidamente cheguei a aferir, um abjeto fracasso, e que também através de um trabalho político raramente se torna possível reformar quem quer que seja, tal como naquele clube de discussão que dá pelo nome

de Liga das Nações. Mas que por um do meu tipo, dotado de mais ardor do que de inteligência, é possível de uma pequena forma, melhorar as vidas banais das pessoas, animá-las, conferir-lhes um certo interesse e um pouco de beleza, e no País de Gales eu trabalhei nessa linha de assistência-social.

'Os Galeses nunca foram devidamente compreendidos; são uma gente de mentalidade muito independente. O puritanismo primitivo floresceu no País de Gales, e o renascimento do Metodismo que lá teve lugar no século dezanove indicou a perspetiva que eles tinham. Por trás de uma maneira um tanto rude, as suas gentes de trabalho mostrava cordialidade e amabilidade e sentimento religioso.

'As Igrejas Presbiterianas preservaram a língua Galesa sob o Cymanfa Gyfredinol (NT: Festival de Canto de Hinos). Mesmo assim, imperava um certo aspeto sinistro, aridez, poderia dizer fealdade nos serviços religiosos e igrejas da maioria. Eu, que vivera em Itália, e a adorara, queria levar um pouco da sua beleza à vida das pessoas. Tentei encorajar a arte, quer a pintura como a música. Ah, o quão não trabalhei em comités com esse objetivo em mente. Participei e ajudei nos festivais musicais e nas exibições de quadros (3).

'Dirá que sinto um peso na consciência, razão por que estarei a tentar justificar a minha existência terrena com tal bazófia. Mas atividades como as que mencionei davam-me um verdadeiro prazer. Devia ter adorado ser artista, mas não tinha verdadeiro talento (4). Assim, procurei tentar encorajar potencial Galês de um tipo artístico. Além disso, os detalhes da vida pública ajudavam a manter-me equilibrada. Eu tinha bastante receio do lado psíquico ou onírico da minha natureza. Podia inclinar demais o vaivém, por a natureza que tinha ser dupla. Tal como o estadista que tanto admirara, cuja tendência inclinava para o misticismo e a metafísica enquanto político, também eu suprimira e creio que com vantagem, o lado de sonhar, de buscar outros mundos elevados. Somente ocasionalmente me transformava na Sr.ª Wills.

'Tudo isto sobre mim poderá parecer enfadonho. Mas se eu quiser parecer real ante os meus juízes será necessário que mostre motivos para quaisquer ações, e como fui moldada numa personalidade definida. É claro que o que era fundamental me foi concedido em criança pequena.

'Mary Richardson criou o aspeto fundamental. A ela creio eu dever o poder Celta Galês de me habilitava a viajar por mundos invisíveis (5). Do lado dela, não dele, veio, embora nenhum dos dois o possuísse. Não consigo continuar.

'W.T.'

(1) Geraldine C.: 'A senhora Wills disse-me que a Sr.ª Bob primeiro despertara o interesse que tinha pela pesquisa psíquica. Além disso, que a Sr.ª Bob era dotada de uma mente veloz, apropriada para uma quantidade de coisas, em especial música. A Sr.ª Willis também me disse que os experimentos psíquicos levados a cabo pelos Lytteltons eram mantidos em segredo, já que os homens enveredavam pela política.'

(2) Geraldine C.: 'A Winifred, na sessão 18 refere A.J. Balfour como o "Escocês Metafísico" que assistia a tais sessões. Correcto. A.J.B. participara em sessões com a Sr.ª Willett em casa dos Lyttelton, após a morte de May Lyttelton. Consultar o 'Caso do Domingo de Ramos.'

(3) Consultar sessão 10, nota 11.

(4) Consultar sessão 9,nota 5.

(5) (Ed.) Aqui ela atribui os seus dons psíquicos `mãe Galesa que teve, Mary Richardson, e diz que veio do lado dela e não do pai, George Serocold. Dos diários dela torna-se claro que ela confidenciava as experiências psíquicas à mãe, mas está equivocada quanto ao pai, ou pelo menos a 'personalidade da escrita' recorda incorretamente.

O pai dela escreveu uma autobiografia, em cuja página 82 refere que em criança, ela tivera uma visão de uma tia na noite em que ela faleceu, e que enquanto jovem a bordo de um barco rumo a Hong Kong, ele tivera uma visão em plena luz do dia do pai a surgir na cabine no próprio dia em que o pai falecera na Inglaterra. Na página 103 da autobiografia descreve como, numa expedição de retaliação pela Austrália, ele viu os bosquímanos a ser alvejados e os viu cair, e depois erguer-se e continuar a correr, só que com os corpos ainda inanimados no solo. Ele refere que pensava terem sido os seus 'corpos psíquicos' que tinham continuado a correr.

Assim, é evidente, conforme sucede muita vez, que a Winifred herdara o notável dom psíquico que tinha.

Sessão 19 - 3 de Maio de 1958

Astor está aqui. Sim. A Winifred está ansiosa por escrever e está premente, hoje.

'Winifred Tennant.

'Ainda estou em busca dos motivos e influências que me moldaram a vida., Por isso, Geraldine, peço-lhe que seja toda ouvidos e não interprete mal o que vou tentar transmitir-lhe.

'Da última vez que escrevi mencionei o estadista A. Balfour. As opiniões políticas dele não eram as minhas nos velhos dias. Já lhe disse, creio bem, que a personalidade superficial, as maneiras perfeitas dele, o desapego frio e exasperante ao falar com respeito aos desastres e crueldades que se verificavam no mundo (1) me desagradavam imenso. Na realidade ele era como um jogador num tabuleiro de

xadrez, que exibe uma calma extrema quando os seus peões são fortemente pressionados, e a sua Rainha ameaçada.

'Foi somente quando por fim eu penetrei por trás da fachada e fui sucintamente esclarecida quanto à sua real natureza de Escocês que fui afetada e influenciada por ele e comovida pelo conflito que imperava na sua natureza. Mas, Lloyd George era o meu herói político nos dias longínquos em que os Liberais depuseram Arthur Balfour e então L. George se tornou proeminente e durante algum tempo antes também. Ele representava a minha adorada Gales por mim, entende.

'Depois, naqueles, para mim, encantadores anos das reformas Liberais na House of Commons, antes da guerra irromper, foi a eloquência Celta desse Galês, a qualidade imaginativa da sua oratória, a alegação de defesa que fez pela causa dos pobres, que me arrastou. Olhando para trás para a minha personalidade anterior, acho que aquilo que o adversário chamava de "limehousing" (NT: Discurso do Orçamento em prol dos pobres feito em Limehouse, uma região pobre de Londres) nos discursos dele, fizeram de mim uma fervente Radical. Eu era bastante vulgar nesses dias. O meu herói tombou do seu pedestal mais tarde (2).

'É estranho como esqueço tanto e logo encontro algum velho amigo aqui, e isso força uma abertura no tempo terreno passado, e desenterramos alguma pepita da memória. Encontrei prezados amigos — Pry — Pryse. Estúpida. Preste atenção. Eu costumava ficar com eles na sua adorável casa de campo, há muito, muito tempo (3). Que dias mais felizes. Eles lembraram-me do único desacordo que tivemos, a política, e de como ficaram perturbados por causa das minhas perspetivas extremas Radicais e adoração do mago de Gales (3). Concordei com eles que nenhum homem estava apto para ser colocado num pedestal e da pouca importância que a política do *sturm und drung (drang)** desse período agora tem! Mas, ah, foi bom encontrar esses velhos amigos e entrar no jogo de seguir as pistas da memória. Mas eu tive um outro encontro. Senti-me demasiado dorida a respeito para o ter mencionado previamente. Foi um tipo de desapontamento desintegrador.

"Tu, Henry, não compreenderias o que essa perda significou para mim, mas quando a minha filha morreu, não parei de chorar (4). Logo após a minha partida da terra estive com ela de novo. A longa separação não deveria ter feito tal diferença. Mas ela estava muito mudada, e comportou-se comigo como uma estranha. O teu pai é *tudo* para ela (5). Talvez afinal toda a associação que tive com ela tenha sido apenas através do laço maternal, mas quão potente ele pode ser. Pranteei profundamente a sua morte. Ah, eu estava fora de mim quando ela me deixou. Vejo, claro, que não é o laço físico maternal mas o laço permanente da alma que conta quando nos encontramos no mundo celeste. Claro que posso ainda não estar preparada. Poderei estabelecer laços com ela mais tarde.

'Que é que diz? Uma carta do meu filho. Por favor pegue-lhe de modo a eu poder perceber o conteúdo.'

(Pausa. A Geraldine pegou na carta endereçada pelo Henry Tennant.)

'Foi a perda que sofri pelo súbito roubo na estrada da morte que me levou a começar a minha escrita automática de novo.

'Com que então, devo escrever sobre "o começo do meu trabalho na pele da Sr.ª Willett".

'"Começo"? Ah, meu querido Henry, que termo mais desajeitado de se empregar com respeito àquelas horas de dor em que perdi o que então era mais precioso para mim! Saqueada pela morte cruel, e tão ansiosa por notícias. Ah, a solidão!

'Perdoa-me. A recordação de momento fez-me reviver a emoção pungente dessa época.

'Eventualmente fui resgatada dela. Eventualmente encontrei uma pessoa que num escrito anterior chamei de Portia (6). No desespero em que me sentia escrevi-lhe, e recebi a mais amável das cartas da sua parte em resposta. Trouxe-me estabilidade, tranquilidade, tornou-me de novo racional. Trocamos mais correspondência. A V. Portia tinha elevado discernimento. Ela levou-me a ler um impresso ou análise da evidência da sobrevivência recebida por um estranho. Se bem me lembro, a senhora era esposa de um juiz na Índia e era automatista (7) *(NT: Trata-se potencialmente de Alice Mcdonald Fleming).* Não exprime o que significou. O impresso que discutia a escrita dela foi encorajador para mim e trouxe-me confiança. Avassalada pelo medo e ainda emocionalmente desfeita, procurei pôr-me à escuta e obter escrita automática para mim própria.

'A princípio fiquei desconfiada ou talvez demasiado ansiosa. Só saiam uns rabiscos. Depois fiz um enorme esforço, consegui acalmar-me, desaparecer na quietude de um dia sossegado de outono. A sua paz deu-me paz. Peguei na minha caneta, e a escrita saiu veloz e coerente. Ah, no início fiquei felicíssima quando li o que escrevera, e mais tarde dois ou três outros escritos sucederam com a mesma velocidade. Pressenti a identidade do meu comunicador - o meu cunhado (Frederic Myers).

Ele trouxe-me boas-novas formidáveis. Tudo estava bem, tudo era felicidade para os meus amados mortos. Mas uma manhã após despertar abateu-se sobre mim uma reflecção calma. Voltei a ler o conselho da Portia. Ela tinha-me dito para ser crítica, para ponderar e avaliar cada escrito que pudesse obter. Revi as circunstâncias da escrita. Notei que as palavras pareciam formar-se no meu cérebro antes de serem escritas, mas não o sentido das frases que eram escritas. Ainda assim, as palavras que me chegavam antecipadamente não me pareciam como deviam ser, como se se

tratasse de uma comunicação do Fred ou de alguém mais. A mão era diferente da minha própria escrita, mas depois conheci o carácter da escrita do meu cunhado e a outra (ilegível) mão.

'Não seria tudo, pois, mera invenção, invenção de uma parte oculta da minha mente? Pois, parecia que as notícias nesses escritos eram demasiado boas para ser verdade, embora aqui e ali eu encontrasse algo de inesperado, que não se assemelhava a nenhum desejo meu, diferente de mim.

'Foram escritas palavras que não tinham sentido para mim, embora pudessem fazer sentido para outros. Fui instada pelo Fred, a alegada fonte, a continuar com esses escritos. Mas a faculdade do meu espírito crítico, então alerta, levou-me a sentir que o Fred não estava a ditar. De modo que num acesso de desapontamento, rasguei todos esses escritos e queimei-os. Esquecemos muito, mas não esquecemos facilmente as emoções geradas pelo desapontamento e frustração. Essa foi uma má manhã para mim. Fiquei extremamente deprimida.

'A aproximação do inverno afeiçoava-se sombria, ofuscada por essa perda, ensombrada pelas dúvidas que me assaltavam quanto à existência de algum futuro, e a existir, qual, para a minha querida. Eu não pedi notícias dos Bem-aventurados a lançar as suas coroas de ouro diante do mar vítreo. Só almejava um pequeno murmúrio, um sinal certo de cima. Até então fora-me negado.

'Esse Natal não foi certamente uma época festiva para mim pessoalmente. Tentei andar animada pelo bem do meu filho George. O pobrezinho ia voltar para a escola em breve. Depois caiu doente e esteve realmente adoentado durante a maior parte desse tempo. Se a morte arrebata do que foi uma vida familiar feliz alguém querido, subitamente e de modo terrível, torna-se-nos impossível não ficar apreensivos. Eu estava com os nervos tensos.

Absurdamente de mau humor imaginei se a morte não viria e me arrebataria o meu George também. Houve um dia em que ele me pareceu tão adoentado que só pude acreditar que fosse acontecer o pior, mas fui instada a ocultar o pavor que sentia de todos. Então ao me sentar à mesa de jantar essa nuvem estranhamente desapareceu por meio de uma irritação ativa.

'Senti alguém invisível reprovador perto de mim a falar, a dar-me um sermão. Logo apurei com certeza que se tratava do Fred a repreender-me por causa do medo insano que estava a alimentar com relação ao George. Ah, foi tão premente exortação que me fez para ter fé e deixar de ser pessimista e estar na ansiedade. Eu devia tentar escrever se tivesse a menor dúvida quanto a isso. Bem, eu quase deixei a mesa naquele exato momento, mas recompus-me e até fiz que comia com vontade, mas durante alguns minutos não fui capaz de falar. Ah, não me entreguei. Mas a impressão foi

forte. Nenhum médico conseguiria ter sido para mim tão enfático quanto o Fred foi então. Foi a primeira vez, aparte as tentativas que fizera de escrita automática, que tive a sensação direta da presença dos ditos mortos e da fala urgente de um que conhecera bem.

'Após o jantar, quando já estava a sós, obtive umas linhas de escrita oriundas do F. Myers, a garantir-me que não havia necessidade para estar com ansiedade e que o George poderia voltar à escola. Conforme acabou por suceder, ele tinha razão. Ah, o alívio que não senti com essa experiência.

'Você poderá, Geraldine, pensar que eu fosse uma pessoa tola, crédula, que tivesse imaginado tudo aquilo. Mas não pode compreender o sentimento de uma mãe e o humor desesperado que então se apossara de mim. Transformou-se num completo sentimento de confiança e esperança. Só lhe falo deste episódio da minha vida por ter sido um momento decisivo para mim. Depois disso tive confiança na minha escrita automática e em certas impressões que me foram transmitidas mentalmente e por vezes de forma inesperada. De modo que, se mais tarde um participante estivesse presente, umas vezes eu falava, outras escrevia as mensagens.

'O Alex não nasceu no ano da tragédia. Ele nasceu no ano seguinte, em 1909. Foi o meu segundo filho, e aquele bebé foi uma alegria para mim. Quisera saber, Geraldine, por que razão me inspira e me leva a sacar da memória todas as coisas esquecidas tão reprimidas por desejos emocionais e receios, e a noção da vida após a morte. Em 1909 deu à luz o Alex e levei a minha faculdade psíquica a um renascimento (8) Que ano e tanto!'

(1) Da explicação de um manuscrito da autoria de Winifred, de uma visita a Whittingehame aos Balfour em 1923: 'Arthur é um Grand Seigneur típico que foi protegido do atrito e da ofensa - as circunstâncias dele trouxeram-lhe grandes troféus às custas de um esforço muito menor que a maioria dos homens - as ideias do "Rebanho comum" não se acham unicamente escondidas dele, mas - imprevisíveis como são - postas à parte como triviais e sem importância.

O Arthur era incapaz de indignação moral, nem para aquela compaixão imaginativa que faz da tragédia da vida humana aquilo que ela é e deve ser num mundo como este, um sofrimento pessoal e real para nós. . . ele só deixa de ser um grande homem em razão da falta que tem de humanidade e imaginação. De facto creio ser a falta de capacidade imaginativa que está na raiz do vazio que sente.'

(2) Lloyd George e descrito pela Winifred em anotações feitas por ela numa estadia em casa dele em Churt, Dezembro de 1922, como 'Certamente a mais vívida, vital, dinâmica criatura que alguma vez conheci.' Foi evidentemente ele que fez dela delegada da Liga das Nações. Ele disse-lhe, em Outubro de 1922, 'O Balfour diz que se saiu

extraordinariamente bem.' Ela admirava-o imenso, mas nesta série notável de notas sobre as diversas visitas que fez à casa dele também o analisou com um olhar crítico.

(2) Quando no escrito se lê, 'O meu herói tombou do pedestal mais tarde,' isso foi definitivamente corroborado por uma entrada do dia 1 de Março de 1946 no diário dela:

'Escutei a transmissão de rádio do Lloyd G.. . . no final interroguei-me - Como pode ele - como pode ele abandonar tudo quanto defendeu e fenecer na degradação de um Renegado. . . e tornar-se nobre!!'

Ela parece ter esquecido uma nota que fez aquando da estadia em Churt, em Fevereiro de 1925. Lloyd George perguntou-lhe: 'Se pudesse cruzar-se com um personagem na história, quem seria?' A Winifred disse: 'Socrates.' Lloyd G. disse: 'Morgan o bucaneiro acima de tudo.'

(3) Geraldine C. 'Desde que estes escritos foram feitos fiquei a saber por parte da Srª. Douglas Fawcett que a Winifred costumava hospedar-se em casa dos pais dela em Gales, quando ela própria era jovem e a Winifred recém-casada. Um extrato de carta da Sr.ª Fawcett, de 30 de Junho de 34: 'O meu nome de solteira foi Pryce. . . a forma original era Prys (filho de Rys). . . A Winifred Tennant periodicamente vinha hospedar-se em Gumley e invariavelmente travava confrontos (acirrados) como meu pai, um Conservador absoluto que não gostava do Lloyd George, por ele ter introduzido o Formulário 4, uma medida que afectou enormemente os proprietários de terra de modo adverso financeiramente.'"

*(NT: *Tempestade e Ímpeto*, ou *Tumulto e Violência*, como ficou conhecido o grupo de jovens escritores Alemães, entre os quais Schiller, Herder e Goethe que ficou caracterizado por um apelo ao *nacionalista* ao regresso às raízes da germanidade.)

(4) Após a morte da sua filha bebé Daphne, Winifred escreveu no seu diário que a 'vida acabou para ela' e que 'cada dia a leva para mais perto do Lar.'

(5) No manuscrito em memória de Daphne, escrito por Winifred, ela menciona o grande amor que o pai de Daphne tinha por ela, as brincadeiras que tinha com ela, e como ela estava sempre perto da cadeira dele, em Margate.

(6) O Henry Tennant agora pede que lhe fale 'do começo do trabalho dela como Mrs. Willett.' Por palavras comoventes ela reconta o que é dito no Estudo Balfour, pag. 49-53. Os dois relatos complementam-se embora lidem com a mesma matéria e em certas passagens usem palavras idênticas.

(7) A Winifred refere-se à 'Sr.ª Holland,' irmã de Rudyard Kippling, o nome é um pseudónimo; ela foi esposa de um comandante do Exército Britânico na Índia.

(8) Correcto, o filho dela, Alex T., nasceu em Novembro de 1909.

Sessão 20 - 4 de Maio de 1958

Astor. Aqui está a obstinada e encantadora.

'Winifred Tennant.

'Noto, divertida, que na carta que o meu filho lhe endereçou, Geraldine, ele coloca "Winifred" e o meu pseudónimo, "Sra. Willett," assim, entre aspas. Caro "Henry Augustus," eu retribuo o elogio. (1)

'A tua pontuação curiosa sugere dúvida, dúvida contínua, pelo que também registo dúvida quanto à tua existência real com pontuação retaliatória. Será o "Henry Augustus" um mito ou lenda, ou um sonho que sonhei na minha infância há muito tempo? Sonho ou realidade, ainda assim adoro-o — tanto que agora continuarei a resposta ao seu pedido para escrever sobre o "Início" do trabalho de "Winifred" enquanto "Sra. Willett."'

'Por favor, dispense-me a máxima atenção, Geraldine. Preciso agora retornar a um período relativamente inicial da minha vida, considerando a extensão da sua duração.

'Eu costumava, quando era jovem, pensar que a oração do nosso livro de orações para nos livrar da morte súbita era uma súplica estranha e equivocada. Foi uma em que nunca participei (2) pois parecia-me uma morte salutar escapar do corpo num momento ou num período muito breve. Salutar porque, além talvez de alguns momentos de *dor* desagregante, a consciência não foi torturada por uma doença longa e aviltante antes do trânsito de um nível de existência para o outro. Mas a morte repentina da minha querida filha em 1908 provocou-me tal dor mental, tal choque, que posteriormente sempre me juntei a essa súplica para nos livrar da morte súbita.

'No entanto, a perda do meu tesouro também acabou por se tornar num grande ganho para mim. Levou-me pela primeira vez a ser uma pessoa que pensa, a ponderar seriamente, e eu tinha tempo, a ler sobre o mistério da vida e da morte. A minha leitura não me levou a lugar nenhum, mas V. Portia levou-me. Ela fez de mim uma exploradora ansiosa, tão ansiosa quanto qualquer participante dos antigos mistérios Gregos. Não que me tenha entregado a nenhuma prática ou preparação elaborada. Como poderia? Eu tinha vários deveres, um marido, um filho, uma casa para cuidar. E carregava uma criança no ventre em 1909 (3)

'E agora vou escrever algo que tu "Henry" não irás aceitar ou de forma alguma acreditar. A partir dessa data, em Janeiro, o teu tio Fred aliviou-me a mente em relação ao George; eu estava convencida de que ele e outro queriam que eu escrevesse, ditando-me. Ah, eles forçaram-me, persuadiram-ma e intimidaram-me mais tarde. Mas a princípio, de vez em quando, dava-me conta da sua presença. Nessa altura obtive ditados do Fred, coisa que nem contei à Portia. Eles eram muito

reservados. Mas posso dizer que Fred e Gurney se tornaram muito insistentes, e que insistiram para que eu não receasse a interferência da minha "mente" subliminar nessa escrita. Eles podiam conseguir muito, segundo criam, comigo, se eu ao menos lhes desse oportunidade de comunicação. No que tu, "Henry," não vais acreditar é que Fred e Gurney estavam vivos em 1909, e ao se comunicar Fred era o mesmo de sempre, e exibia a sua impaciência e ansiedade características. Ele ficou muito irritado comigo, e depois tão triste e sério, quando, por malícia, ameacei não prosseguir com a escrita.' (4)

(G.C. Senti uma explosão emocional.)

'Depois disso, certamente não coloquei o nome dele entre aspas. Ele era real, estava ao meu lado, apesar de invisível aos meus olhos. Embora as minhas memórias sejam fragmentárias, nunca esqueci aquele ponto alto na minha vida. A pressão do outro lado das presenças invisíveis era mais contínua do que jamais ousei admitir a alguém. Vê bem, quando Fred realmente queria uma coisa, ele empregava uma enorme persistência. E nessa ocasião ele era bastante a personalidade terrena na sua ânsia que expressava de fazer o seu tipo de trabalho missionário para converter um mundo mundano.

'Nesse ano também recebi declarações particulares e pessoais relacionadas com os problemas da família dele que me explicaram muita coisa. Tais mensagens não são de interesse público. Mas para mim elas foram inteiramente convincentes e saturadas da sua personalidade. Em anos anteriores, tinha amado uma mulher profundamente. Mas ela foi-lhe tirada. Infelizmente para ele e para a Eveleen. A lealdade do coração foi-lhe irrevogavelmente dada a ela. Embora ele fosse amável e bondoso para com a Eveleen e por vezes lhe mostrasse, segundo creio, um amor apaixonado, isso era em grande parte físico, e daí superficial.

Ela não podia deixar de saber que o dela era um lugar secundário na vida dele. Pobre alma! A princípio, grande foi o seu sofrimento. Mas ela pareceu superar isso durante um tempo. De qualquer forma, ela se orgulhava-se e alegrava-se com o facto de que o brilhante Frederic Myers, tão admirado, era posse sua. Ela murou-o com os ciúmes e o receio que tinha das mulheres vivas levava-a a estar sempre alerta e por vezes muito desconfiada. Ah, havia ocasiões em que a Eveleen o deixava muito infeliz. Ele era-lhe fiel, mas embora fosse um marido fiel, não era dela.

Ela podia sugerir que ele prestara demasiada atenção a alguma mulher viva. Mas com todos os seus instintos ela sabia que ao nível da alma ele estava casado com aquele primeiro amor. Essa mulher era mais formidável ainda pelo facto de estar morta e, curiosamente, anos depois, ela causou muito aborrecimento e problemas.

'Agora Eveleen era a bela da sociedade na Londres do seu tempo. Ela tinha tudo que o mundo lhe podia dar, mas não tinha nada. Pois, tão possessiva, ela não possuía a alma do marido, o seu amor permanente. Pobre Eveleen, embora fosse Fred quem mais sofria com os acessos de raiva dela.

'Naquela época do início do meu trabalho enquanto Sra. Willett, Fred fez referências à situação da sua vida de casado. (5) A sua própria morte não alterou a Eveleen. Ela ainda sentia ciúme. (6) Ele permaneceu o seu bem mais precioso. Assim, Fred aconselhou que eu usasse um pseudónimo. Ele instou comigo, ou pelo menos sigilo, se, como ele profetizou, eu viesse a realizar um trabalho importante para ele.

'Portanto, aqui estava a principal razão para o meu sigilo sobre as minhas experiências sublimes durante o meu trabalho nos anos que se passaram com Gerald e outros. Claro que havia igualmente outras razões para o meu anonimato. Mas essa advertência naquele período inicial impressionou-me profundamente. Um automatista geralmente é supersensível e precisa resguardar-se dos pensamentos ruins e apaixonados dos demais. Os pensamentos são mais perigosos do que qualquer briga cara a cara, como você sem dúvida entenderá, Geraldine.

'Naturalmente, não informei a Sra. V. Portia sobre o que chamei de sessões familiares, que tinham que ver principalmente com o Fred e a Eveleen. Mesmo agora, não consigo contar tudo sobre eles.

(1) O primeiro nome de Henry T., e não o segundo, é Augustus.

(2) Alexander T. lembra-se de que a sua mãe lhe disse que costumava omitir essa oração.

(3) Correcto. Ela estava grávida de Alexander.

(4) No seu diário, no 1º de Novembro de 1904, Winifred escrevera: 'O novo livro de Fred foi lançado. . . ele era um homem estranho com uma brusquidão e irritabilidade de temperamento que desconcertava. . .'

(5) Um relato correcto do amor secreto de Myers. Não tornado público até alguns anos depois desta sessão. Consultar artigo com W.H. Salter nas 'Actas' da S.P.R. vol. 52.

(6) 'Eveleen ainda sentia ciúme.' Geraldine cita carta de W.H. Salter de (25.01.58) que 'Quando ela (Winifred) começou a receber comunicações de Myers, Eveleen se comportou muito mal com ela, assim como com outros automatistas do grupo da S.P.R." Quando a Sra. Verrall, a sogra do Sr. Salter recebeu comunicações de Myers logo após a sua morte, e pensou em agradar a Eveleen mostrando-as a ela, aconteceu exatamente o oposto.

Astor. Sim, ela está ansiosa por continuar enquanto as condições se revelam favoráveis.

'Winifred Tennant.

'Claro que o cidadão comum rejeitará a declaração que escrevi na última ocasião sobre "o início" do meu trabalho. Ele dirá que o luto levou "Winifred" a ficar temporariamente insana. Mas, ao contrário dos loucos, não escutei nenhuma voz nem vozes com os meus ouvidos quando Fred, no momento embaraçoso em que eu estava a jantar, se dirigiu a mim com veemência tão convincente.

'Mas tenho notícias ainda mais escandalosas a relatar sobre Winifred T., a magistrada.

'Conversas impressionantes com o Gurney, com o Fred e ocasionalmente dois ou três outros ocorreram isoladamente em intervalos ao longo dos anos seguintes. No entanto, durante esse período, comportei-me com uma sanidade medíocre normal no meu trabalho público e privado. As observações que fiz quando me sentei no Banco do Magistrado mais tarde foram tratadas com respeito como as declarações de uma mulher madura e experiente. (1)

'Mas eu tinha que me proteger contra a alegação de insanidade, e esse foi outro motivo para adotar o pseudónimo de Willett.

'Mas, para ser precisa, querido mítico "Henry," algum tempo depois da surpreendente descoberta de Fred, Gurney entrou furtivamente no campo da minha atenção. Aqui estava outra abordagem da impressão. O método dele era o mesmo adotado por Fred, mas, ah! Muito diferente! Não sentia nenhum sentimento de impaciência, de urgência. Tudo estava calmo. No entanto, senti a proximidade de Gurney, embora não o visse.

'Ele era tão completamente real quanto deveria ser para uma mulher cega a quem ele estivesse a fazer uma visita vespertina. (2)

'No entanto, ele informou-me que sempre estivera muito próximo de mim, em contacto comigo. (3) Foi um tanto surpreendente para mim apurar que o visitante invisível não era um visitante, mas um companheiro permanente. Mais tarde, pensando bem, pareceu-me uma afirmação completamente falsa. Pois eu não tinha noção da sua proximidade, da sua presença durante o dia ou a noite em geral. Durante algum tempo, as visitas impressionais foram raras.

'Agora sei que a declaração dele era verdadeira. O eu a que Gurney se referia não era a Winifred consciente, que seguia a rotina diária da sua vida. Era a sua mente

subliminar. Tanto Gurney quanto Fred assombraram aquela parte inconsciente da minha mente, a prepará-la, a treiná-la para a fundação de palavras eruditas que não se achavam presentes na minha memória consciente. (4) Podia ser comparado ao treino de um Retriever no sentido de se sentar e ir apanhar a caça quando os donos estão a atirar.

"Por regra, o comunicador depende em grande medida do centro de memória do automatista para palavras e frases. As palavras que não tiverem lugar nele só podem ser registadas para criar familiaridade com elas na sua mente subliminar ou subjacente. Gurney e Fred o treinaram-na no sentido de, em certos momentos, tomar posse completa da minha mente consciente. Uma enorme tensão para mim e para eles. (5) Assim, em certas ocasiões, eles transmitiram palavras desconhecidas, enunciadas ou registadas por mim. A maior parte a minha mente subliminar não conseguiu recuperar das profundezas e empurrar trazer para a superfície.

'Para colocar a coisa de forma nua e crua, a palavra ou palavras desconhecidas, o sobrenome desconhecido do nome Cristão vem na forma de imagens sonoras para a audição interior de uma médium.

'Ela é como um repórter de um jornal. É extremamente difícil para um repórter anotar palavras numa língua estrangeira desconhecida dele. Para uma médium é-o ainda mais.

'Mas voltemos à mensagem de Gurney em tom de conversa naquela primeira ocasião. Esse Gurney convidou-me a pegar na caneta e a escrever o que me viesse à cabeça. Duvidosa e a interrogar-me eu obedeci. Praticamente nada foi escrito. Larguei a caneta. Então tive aquela impressão de visita da tarde. Uma conversa animada entre nós passou-se na minha mente. Eu juro-te, "Henry," eu estava no meu eu normal, não estava nem um pouco animada e estava inteiramente acordada.

'Mais tarde, Fred através da escrita automática informou-me que eu deveria vir a ter mais dessas impressões inesperadas. Seria preparatório e alguns delas poderiam surgir mais tarde na minha escrita automática. Geraldine, esse é o método que adotei consigo.

'Na verdade, estive em contacto estreito consigo sempre que estava sozinha. Não consigo manter o contacto adequadamente quando você está com pessoas no seu próprio nível. Tentei transmitir ao seu subliminar de antemão o que pretendia escrever. E isso foi difícil.

'Interrogo-me se você de vez em quando não terá tido um lampejo ou melhor, um sentido de palavras, algumas das quais depois apareceram na nossa escrita automática combinada.

(Geraldine Cummins. Sim, e eu interroguei-me se a maior parte disso seria invenção da minha subconsciente. A minha faculdade de contar histórias em ação.)

'Bem, os seres humanos são todos contadores de histórias e por vezes produzem alguma ficção execrável com relação a si próprios e, com toda a sinceridade, gostaria que você estivesse menos calada, para me responder.

(G.C. Eu estava tão interessado em si que não queria falar.)

'Completa tolice! Precisa haver dar e receber, se quisermos ter uma boa conversa. Tive muitas conversas jamais gravadas com os poucos escolhidos que me honraram com a sua presença pessoal na morada da minha mente. Eu, passado o primeiro nervosismo, fiz com que o visitante me ouvisse e obtive o controlo da situação.

'Quando os seres humanos inteligentes forem menos primitivos, conquistarão o meu método e frequentemente terão conversas via telepatia com seres humanos distantes ou, em condições mais raras, com os seus falecidos. Neste último caso, isso requer solidão e tranquilidade para a concentração profunda necessária para captar com precisão o que o visitante está a dizer.

'Há mais coisas que eu poderia contar, Geraldine, sobre o meu trabalho em diferentes estratos ou níveis mentais. Esforcei-me hoje por responder apenas à pergunta do meu filho descrita como o início do meu trabalho. Agora você está cansada pelo que vou deixá-la.

'Winifred'

(1) A valorização genuína do seu trabalho de magistrada foi-lhe prestada numa homenagem quando ela renunciou.

(2) No diário dela de 22 de Dezembro de 1909, Winifred escreve: 'Edmund Gurney — ninguém jamais saberá a ajuda constante que recebi dele.' — Gurney, nascido em 1847, falecido em 1888, conjuntamente com Frederic Myers, foram os principais fundadores da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. No Estudo Balfour, p. 52, Winifred é citada como tendo dito (no seu estado de transe): 'Eu não sinto uma sensação de "ver," mas uma intensa sensação de personalidade, talvez como um invisual poderá ter…

(3) Winifred numa sessão de escrita de 29 de Janeiro de 1909 (Estudo de Balfour) escreve: . . . Gurney. . . Estou sempre em contacto mais estreito consigo. . .'

(4) Estudo de Balfour, p. 51, Myers naquilo que escreveu fala em preparar 'uma educação psíquica' para ela.

(5) 'Uma enorme tensão', um sentimento frequentemente encontrado no Estudo de Balfour, bem como aqui.

Sessão 22 - 27 de maio de 1958

Astor. Sim, a Winifred tem vindo a pedir pela caneta. Espere um instante. Aqui vem ela. Penso que hoje ela gostaria de lhe apresentar outro dos seus antecedentes. Ela ainda está empenhada no objetivo que tinha, o de voltar viva ao filho. E ela gostaria que ele conhecesse com aquele fragmento dela que ele não conhece, por ele não ter nascido na altura que ela descreve.

Ela diz-me:

'Winifred Tennant.

Minha cara Geraldine. Quando recebi o seu convite de boas-vindas para escrever, Eu estava a estudar uma personalidade humana da Winifred de um carácter pastoral bastante incipiente — de qualquer modo muito diferente daquele da idosa Winifred da altura da sua passagem. Mas quão robustas eram as emoções dela. Ah, as vaidades inocentes, os êxtases e os desânimos da rapariga Vitoriana e jovem mulher! Não há, quando os anos se somam, experiências dessas para a mulher idosa. Contudo, bem lá no fundo sou a mesma rapariga e jovem mulher que fui.

'Numa vida longa o eu permanente está sempre em permanência e é como o eixo e a roda em torno da qual giram os raios, cada raio aquela coisa superficial, uma personalidade humana diferente, porém todos dependentes do eixo (1). Se um raio estiver rachado ou quebrar, isso tanto poderá assemelhar-se a uma neurose, uma obsessão, ou, quando se dá uma rutura, uma forma de insanidade que invade um homem ou uma mulher. Mas o eu permanente de um homem ou mulher normal é coeso, como o eixo é em relação aos raios.

'Assim, embora esteja a avaliar os aspetos do meu eu enquanto estudo o filme giratório da memória, respondo uma vez mais às emoções de cada personalidade passada. Deixa que te fale de uma delas.

'As colinas distantes são verdes. Estive justamente a observar as imagens em movimento da minha juventude, e como as acho emocionantes. Vejo de novo as colinas de Cotswold. Vistas pelos olhos da jovem facilmente agitada Winifred, parecem bastante adoráveis. Peço-lhe que tenha presente que estávamos a viver em Gloucestershire durante um tempo nesses dias distantes da minha vida num século passado (2). Geraldine, já esteve nessa região?

(Geraldine Cummins: Não, nunca.)

'É uma região muito bonita, dócil mas bastante encantadora. As colinas de Cotswold não são ásperas, elevadas e nobres, como aas montanhas do País de Gales que por vezes me enfeitiçavam. As colinas de Cotswolds são delicadas e doces. Penso na

formusura de um quadro de Watteau ao sondar de novo enquanto escrevo aquela cadeia de colinas de Gloucester. Quando vivi nessa região, andava-se de carroça - quão lento o ritmo - ou passeava na primavera ou no começo do verão, por entre pastagens ricas, campos de trigo e madressilvas delicadas, perfumadas e variadas, entrelaçadas nas sebes, o Maio branco e rosa, toda aquela vegetação a brotar e a aglomerar-se me inspirava alegria e esperança.

'Gloucestershire, com o seu pitoresco mercado da cidade - voltei a ver North Leach, Chipping, Nailsworth, e o grande rio Severn nesse filme da memória. Pomares de macieiras, peras, desdobram-se na terra rica e luxuriante ao sol. Depois, as suas cidades grandes, Bristol, Cirencester, a apresentar-se diante de mim. Shelley usava essa região para escrever. Caro Shelley, os teus poemas alimentaram a minha juventude de beleza (3).

'Para que esta carta não se torne num guia de viagem Baedeker, vou agora introduzir o elemento humano - uma cena da minha vida em Gloucestershire acabada de testemunhar por mim.

'Uma amiga a dizer-me que eu era bastante Francesa nos meus modos e aparência. Tomei isso como um belo elogio — ela quis dizer o contrário — e abracei-a com carinho. Ah, ela ficou tão surpreendida por o que intencionalmente referira com escárnio depreciativo ser recebido com tal expressão espontânea de alegria! Mas o escárnio pretendido deu-me uma confiança temporária, uma vez que eu estava dolorosamente consciente do desfiguramento causado pela corpulência que adquirira! (4). Mas as Francesas têm um ar, um *je ne sais de quoi,* que sempre pareceu admirável (5). A estas Inglesas infelizmente falta-lhes, por mais magras e belas que possam ser.

'Mas durante anos a minha robustez desagradável provocou-me grande preocupação. Possivelmente apressou o meu namoro e casamento ao incrementar o desejo que tinha de me casar com um homem muito mais velho do que eu. O Charles significava segurança e meia-idade, o companheiro seguro e afável que eu procurava. Não há segurança no jovem bem-parecido e demasiado atraente.

'Sim, acabei de ver o aspeto dessa jovem mulher corpulenta no Quadro da Galeria da Memória, e voltei a sentir as velhas humilhações que acompanham a carne demasiado sólida. Se me quisesse conhecer, Geraldine, teria que ser apresentada a esta vaidosa jovem, por mais trivial que agora me pareça a preocupação consciente com respeito à redundância da sua figura, que, se eu o soubera então, teria sido objeto de admiração na França.

A vida é uma tal questão de trivialidades, e a nossa vida é muita vez moldada por elas. É ocasionalmente necessário descer às trivialidades no que agora parece estar a tornar-se a minha autobiografia. Mas aludo a este facto físico porque, para alguém

que é automatista ou médium, é útil ser confortavelmente protegida. Ao viajarmos pelos mundos celestes esgotamo-nos menos, há menos probabilidade de prejuízo ou de adoecimento por exaustão, do esgotamento das reservas que acompanham a nossa elevação para uma outra vibração. Ficávamos hospedados, ou fazíamos uma visita a casas de campo. Eu era tão tímida que falava demais ou me mostrava agressiva (6).

'Mas a vida era tão agradável! Descansávamos numa rede num jardim bem cuidado, um livro e sonhos sobre dias de verão brilhantes. Há duas formas de sonho, um o reino horroroso e grotesco de Freud de sonhos oníricos, o outro o sonho lúcido numa rede de jardim. Esta última forma de sonhar durante as horas que passei na saca de campo na rede treinaram-me, embora eu não soubesse disso, para as subsequentes sessões que fiz como automatista. Significava suspeita da nossa mente consciente e do fluir da fantasia de que talvez existisse vida num outro mundo, tão rica, de tão estranho que era. Mas nesses dias eu era bastante ignorante — somente esse devaneio significava prazer para mim.

'Existia entretenimento, é claro. Recordo o lento arrastar de uma carruagem Brougham puxada por cavalos que nos levava a um baile - as Polcas, Valsas, as festas comemorativas (Cotillon) as Lancers ou Lanciers (NT: Quadrilhas para 16 pares) que acabavam com o Sir Roger de Coverley, que terminavam numa brincadeira. Outros dias passados na explosão gloriosa da vida verde decorativa do começo de verão em que íamos em passeios de pónei pelo interior. Sem nos preocuparmos fosse com o que fosse. Uma vida de encantadora descontração. Tudo isso se foi agora. As pessoas correm pelo interior em carros asfixiantes e não veem nada.

'Mas, porque lhe conto tudo isto? Por não se conseguir conhecer uma pessoa a menos que se conheça algo sobre a sua juventude e antecedentes.

'Para que não pense que eu seja frívola, Geraldine, preciso dizer-lhe que, no decurso da minha vida eu coletei muitos livros e eventualmente cheguei a possuir uma biblioteca bastante louvável.

'No período da minha vida que estou presentemente a descrever eu favorecia a poesia, e mais especialmente os poemas de Tennyson, Shelley, keats, Wordsworth, Browning, etc., Mas não tenho vergonha de confessar que era uma leitora ávida dos escritos desses poetas, e de outros cujas obras são agora consideradas fora de moda pela autoridade ou como lixo sentimentalista, e que na verdade são abolidas da memória do público em geral (7).

'Mas a prática de ler poesia ou de facto ler discriminadamente desvaneceu-se quase por completo agora, segundo creio; contudo, constitui uma educação muito melhor do que aquela de escutar as vociferantes máquinas modernas, ou pior ainda de olhar fixamente durante horas uma procissão de pequenas fotos horrendas exibidas nos

aparelhos de televisão. Mas eu não passo de uma atrasada. Assim, era tempo, a minha alma abriu as suas asas e levantou voo. Com efeito vivi demasiado no nosso pequeno planeta. Agora que estou no decurso de rever o meu passado, tento descobrir o motivo por que fui condenada a tal período longo de prisão em tão estreito ambiente (8).

'Vasta é a extensão dos nossos universos invisíveis aos sentidos do homem. Gloriosos os campos de visão que me poderão um belo dia permitir explorar. Entretanto estou a fazer o que a colegial chama de trabalho de casa, a rever a minha vida minuciosa passada na terra.'

(1) Referência à teoria da alma, de Myers, consultar o Estudo Balfour, p. 268. Como o Myers e o Balfour estavam 'responsáveis' por esses escritos Willett, parece natural que as suas ideias sejam ocasionalmente suscitadas.

(2) De acordo com o memorando Serocold, Winifred viveu em Gloucestershire durante parte da sua juventude.

(3) Alex Tennant:' A minha mãe adorava Shelley.'

(4) Após o término dos escritos foi mostrada a Geraldine uma foto da Winifred na sua juventude num grupo. Tinha um aspeto 'decididamente corpulento' nela. A Sr.ª C.S. também disse à Geraldine que tinha ouvido da parte de uma conhecida da Winifred que esta última estava triste com a sua robustez.

(5) No diário dela de13 de Abril de 1898, a Winifred escreveu: 'Penso que as Francesas são as mais elegantes do mundo.'

(6) Ver nota 3 da sessão 19, em que a tendência que tinha para discutir é mencionada.

(7) Ela tinha uma bela biblioteca Vitoriana

(8) Esta atitude com relação ao homem moderno é corroborada por uma entrada feita no diário dela de 23 de Março de 1946. Ela tinha visto uma peça de O'Casey *Red Roses for Me*, no Teatro Embassy, e comenta: 'Uma peça sublime, muito desigual em partes, mas três coisas me atingiram na cara como se com um punho brutal: o horror de ver o belo drama através da névoa do fumo do tabaco, a hedionda insensibilidade das audiências Inglesas, os locais onde riem - aqueles que eles perderam. Mentes de algodão, coletivamente incapazes de sentir admiração, assombro ou aquietação.'

Sessão 23 - 7 de Junho de 1958

Astor. Sim, a Winifred está por perto.

'Winifred Tennant.

'A sequência continua.

'Que contraste mais agudo com Gloucestershire é Gales! Hoje o meu tema é Gales.

'Percebo de novo a estrada de montanha que conduzia às montanhas. Nem uma árvore quebra a aridez dessas colinas enorme e selvagens, uma erva curta esverdeada a revesti-las e nos seus orifícios ovelhas a apascentar e gado negro. Os ventos da estrada faziam parapeito acima das ravinas. O intenso silêncio impressiona. É interrompido gradualmente pelo canto de um camponês em Galês — um som distante e depois mais claro - com o vento chega a melancólica cadência da música à deriva.

'Agora percorro uma estrada além de Dolligelly (1), através de vales arborizados. Emergimos deles para a luz clara do sol. E aqui surgem os céus claros; muito abaixo da estrada que sobe encontra-se uma enorme extensão de terreno de baixa altitude, plácido e silencioso. À distância vê-se as montanhas massivas e distantes, uma parede azul a estender-se ao longo do Oeste.

'A montanha Idris inalterável desde que a sua história começou. A Idris bloqueia o fim de um vale, é massiva, indómita, e elevando-se acima de todas as coisas.

'Não foi antes do meu casamento e durante anos de maior maturidade (2) que cheguei a conhecer Gales de cor. As suas múltiplas paisagens de montanha eram para mim tanto caras, misteriosas, e ocasionalmente assustadoras. Adorava o seu silêncio celeste ao sol do verão. Mas em meio à tempestade podiam parecer bastante feroz e cruel. Depois gostava da Idris, ou de outra mais acinzentada, escura, para algum velho Druida capaz de com a sua faca proceder a algum sacrifício de sangue, epítome da natureza selvagem, mas com certo ar nobre primitivo. Em contraste, o senário de Gloucestershire poderia ser comparado a uma mulher bonita bastante feminina, amável e doce. Eu vi as minhas montanhas Galesas em todos os humores. Preferia a sua masculinidade, a sua magnificência distante a uma demasiado doce e feminina Gloucestershire.

'Mas havia cidades em Gales e mais especialmente Swansea de arquitetura hedionda! Pequenas casas acinzentadas, filas delas, uma capela acinzentada, cinza e morbidez. Vejo-as ainda.

'Durante os anos da minha vida de casada muita vez senti, a despeito da minha bonita residência, a necessidade de escapar para o centro.

'O Charles, meu marido, era muito compreensivo.

'E eu costumava, em especial quando a necessidade se abatia sobre mim, de voar para a cidade, viver num apartamento, mergulhar na jovialidade da vida de Londres (2). Sim, eu possuía uma natureza inquieta. Os apartamentos em Londres, a sua vida social, e a minha casa de campo no País de Gales. A minha natureza requeria tal contraste. Eu era porventura demasiado (palavra ilegível) de facilmente me cansar do mesmo lugar. Depois viagens ao exterior, visitas à minha adorável Itália.

'Foi somente na idade avançada que me tornei estática, e contentei em viver ao longo dos anos na Gales, e o meu corpo ancorou por lá (3).

'Há muitas coisas que se pode nunca dizer sobre nós próprios ou sequer sobre os outros. Nestes últimos escritos, Geraldine, não cometi nenhuma indiscrição sobre seres humanos contrários e tenho-me divertido a tentar descrever as influências da vida e natureza que se verificaram nesse ponto em mudança esvoaçante de matéria misturada e pensamento chamado Winifred T., durante o período ilusório da sua existência terrena.

'Ilusão! Ilusão!

'Ah, é tão difícil ser-se correto nas afirmações que se faz, ser-se sincero connosco próprio e os outros! Todos os erros inconscientes se nos escapam. Uma das passagens mais reconfortantes e consoladoras da Bíblia, para mim, vem contida naquele episódio em que São Pedro proferiu mentiras antes do galo cantar. Porque mesmo quando inocentes na intenção, ocasionalmente eu costumava falar demais e as palavras escapavam comigo numa fantasia decorativa.

'Foi um Americano e não o Judeu São Pedro, que proferiu a mentira mais repreensível da história. George Washington disse:

"Eu nunca digo uma mentira"!

'Quando eu era criança, a minha professora repetia-me essa anedota do Washington *ad nauseam*.

'Assim a experiência deu-me uma consciência desmesurada — um profundo medo de mim própria que veio principalmente durante o período em que fiz sessões para outros e fui posteriormente examinada ou questionada com respeito a elas por um investigador. Por vezes emergíamos de uma sessão atordoados e sonolentos (4). O torpor só gradualmente passava. Não era um tempo para se dizer a verdade exata, em que com efeito não éramos recolhidos o suficiente para a conhecer. Ou uma carta chegava mais tarde, a questionar-me sobre as impressões e o conhecimento que tinha com respeito ao conteúdo de uma sessão.

'Uma vez mais, quão difícil não é dizer a verdade exata com relação a uma experiência envolva nas névoas do passado. Afinal o Pôncio Pilatos escreveu: "Que coisa é a verdade'" O homem mais sábio da terra não o sabe.'

(1) 'Dollygelly' é mencionado num diário. Alexander T. diz que as vistas além são estupendas-

(2) Alexander T. diz que isso é acertado.

(3) Alexander T. confirma que ela viveu em apartamentos em Londres, e que visitou a Itália. Os primeiros diários dela são por vezes decorados com Italiano.

(4) Ver Estudo de Balfour, pág. 57, onde ela é reportada como 'bastante aturdida' por parte do comunicador.

Sessão 24 - 8 de Junho de 1958

Uma questão a colocar à Winifred:

O seu filho pediu que escrevesse o que conseguir recordar 'Com respeito às sessões que fez com o cientista.'

Astor vem. Muito bem. Vou imediatamente colocar-lhe a questão; ela não vai gostar dela, já que diz que pretende continuar com a sequência.

'Winifred Tennant.

'Ah, querido! Céus! Queria divertir-me com a minha sequência do Diário de uma Mulher, e eis que dou por mim solicitada de novo pelo meu Juiz para o banco das testemunhas. Peço que me dê uns instantes para poder alterar o rumo dos meus pensamentos.

'Sessões com o Cientista.

'Agora devo aplicar-me com toda a seriedade à tarefa de recordar esse período há tanto tempo desaparecido.

'O Fred, meu cunhado, escreveu naquele fatídico ano de 1909 a dizer que ia fazer com que eu lhe desse atenção sem a minha escrita. Mais tarde eu passei a receber essas impressões sem a caneta ou lápis na mão. Precisava expressa-las oralmente, ou poderia anotá-las posteriormente.

'Creio que já te disse numa carta prévia que nesse ano repleto de destino de 1909 eu duvidava muito com respeito a essa faculdade da alma da minha escrita que por essa altura estava a renascer em mim. Também me alarmava, contudo fascinava-me. Nessa

altura encontrava-me num estado altamente nervoso de modo que chegava a recear enormemente a presença de alguém, até mesmo de uma pessoa compreensiva como a Sr.ª Verral e no comando de uma sessão minha. Mas o Fred pressionou-me para demonstrar ao cientista de entre todos. Devo agora confessar que tal prospeto me provocou um alarme extremo. A Sr.ª V. ou Portia era imparcial e advogava-o. Mas quando me contactou um dia a conversa que tivemos foi de carácter generalizado. Foi uma atitude sensata da parte dela. Não houve, por assim dizer, nenhum ataque nem gesto nem movimento para assustar o apavorado coelho, de modo que, devido às coisas encorajantes e tranquilizantes que ela disse eu comprometi-me e concordei eu conceder-lhe uma sessão.

'Teve lugar de manhã, um período em que não seriamos perturbadas. Posso dizer que o meu comunicador, o Fred, foi conforme eu o conhecera, uma pessoa bastante persistente quando ele queria intensamente uma coisa. E pela minha própria paz de espírito não podia deixar que continuasse a representar o papel de pedinte inoportuno.

'Durante a manhã anterior antes de Sr.ª Verral chegar à sessão marcada eu estava agitada, quase posso dizer rígida de tanto receio que sentia; mas eventualmente a sensação da proximidade do meu comunicador trouxe-me firmeza. Tal proximidade é difícil de descrever. Mas quando duas mentes tentam brincar com uma máquina, o cérebro físico, o processo pode ser descrito como "mais próximo que mãos e pés," mais próximo que qualquer proximidade concreta física.

'Claro que sei agora que a proprietária dessa máquina física, o cérebro cede o seu instrumento semi-físico ao comunicador, e certamente fez o mesmo no meu caso. Porque na vida de todos os dias o instrumento que a mente humana usa é, creio bem, algo que é semi-físico e é invisível para os sentidos físicos. O nosso espírito real funciona através do agente de articulação e não diretamente na máquina do cérebro. Em inúmeros momentos de vida consciente mas por forma nenhuma em todos, há efeitos corporais físicos que também inicial as atividades cerebrais, só que de um carácter inferior.

'Mas no caso dos processos puramente mentais o cérebro é a máquina e o espírito opera sobre ele via o órgão semi-físico, o instrumento. Existe de facto uma distinção subtil entre o corpo subtil, o instrumento e o corpo físico, a máquina.

'O seu funcionamento ou colaboração conjunta harmoniosa é de extrema importância para uma pessoa que leve uma vida civilizada normal. Poderei acrescentar que, assim que o espírito humano adquirir um hábito, o cérebro físico pode continuar a repeti-lo sem qualquer orientação da parte do espírito operando através do instrumento

vibratório. Isso explica uma quantidade de casos de anomalias entre os seres humanos e certas contradições de carácter no caso de gente normal.

'Bem, retornemos à sessão que concedi à Sr.ª Verral nessa manhã cintilante de primavera. Fechei os olhos e aí o comunicador começou a usar o meu instrumento, o meu órgão, puxou as patilhas de impedimento, como quem diz, tomou o controlo, e os meus lábios proferiram a mensagem. Eu lembro-me de não ter escrito automaticamente nada nessa ocasião.

A ação reacionária no meu cérebro, decorrente da tempestade nervosa anterior levou-o a funcionar de uma forma débil, devido ao motivo repetitivo que referi anteriormente. Assim, a mensagem proferida foi hesitante e não respondeu por uma boa sessão. Resultou num efeito de cólica e uma limitação do que os comunicadores desejavam dizer. Todavia, a Sr.ª Verral expressou prazer e interesse nos resultados.

'Tem em mente que uma das causas da condição nervosa em que me encontrava. Sir Oliver Lodge foi solicitado e a sua presença proposta para uma futura sessão da minha parte. Esse pedido veio não só num escrito automático prévio que obtivera, mas em impressões involuntárias que tinha vindo a receber da parte do Fred. Como a perspetiva se mostrava em conflito com os meus desejos e me deixaram alarmada, só revelei o facto do Oliver Lodge ser mencionado num escrito quando me correspondi com a Sr.ª Verral. Essa, de qualquer forma, é o que recordo das circunstâncias agora.

'Ah! Esqueci de referir que no dia que se seguiu ao da experiência com a Sr.ª Verral, eu recebi uma mensagem escrita da parte do Fred, em que ele dizia estar agradado com o experimento, e me tranquilizou dizendo que não o iria repetir ou tentar repeti-lo, senão em data muito posterior. Quão aliviada não fiquei dos meus nervos! Porque o que é adiado pode nunca acontecer.

'Devo acrescentar que conheci o Sir Oliver Lodge pela primeira vez pouco antes da Sr.ª Verral me contactar, e antes da primeira sessão que tivemos. É possível que a impressão que ele causou em mim quando nos conhecemos socialmente me tenha levado a dar o mergulho e a fazer uma sessão com a Sr.ª Verral

'Como poderei descrever esse primeiro encontro que tive com o Sir Oliver Lodge? Charmoso não é termo que lhe deva aplicar. Benevolência é substantivo mais adequado para descrever a graciosa receção que me dispensou (1). Tivemos apenas uma conversa curta. Ele falou em termos bastante apreciativos do meu cunhado Fred, e da grandeza do seu trabalho, e da necessidade das pessoas psiquicamente dotadas, de boa posição e reputação, de devotar tempo e experimentos por forma a acompanhar e desenvolver o seu trabalho pioneiro.

'Eu fiquei profundamente impressionada. Nessa ocasião Sir Oliver levou-me a sentir ser meu dever manter a porta aberta para os meus comunicadores e algum tempo mais tarde — ah eu esperava que fosse muito mais tarde, a obedecer ao seu pedido e a fazer sessões para esse grande cientista.

'Não se tratava medo de um fracasso mas ao invés de um outro medo que na altura me dominava - que me levou a colocar os experimentos com um investigador crítico em banho-maria.

'Esse foi o ano em que o Alex nasceu (2). Mas isso é irrelevante para a questão. Nesse ano particular eu estava igualmente a recuperar do choque da perda através da morte. Mas essa dor pessoal também não vem ao caso. Menciono meramente esses fatos de modo que mais facilmente compreendas a condição um tanto nervosa e as emoções intensificadas com que estava.

'Hoje foi um esforço por vasculhar no armário da memória, pelo e que, por favor, Geraldine, permita que volte uma vez mais em breve para escrever mais em resposta ao pedido do meu filho.'

(Ed.) Carácter geral: A Miss Willett, que esteve animada a recordar e a fornecer excelente material comprovativo, é agora interrompida por um pedido da parte do filho Henry. Ele pede-lhe que recorde as sessões que teve com o cientista (Sir Oliver Lodge). Isso endereça-nos de novo para o Estudo Balfour, esse documento mais que fundamental. Muito do que é dito por ela neste escrito pode ser praticamente visto que tem paralelo com esse estudo, contudo nunca de modo literal, por ser dito do ponto de vista da médium e no seu próprio estilo, mais uma vez a diferença entre o 'Escocês metafísico' e a senhora inteligente mas não académica.

Ela deixa claro nos dois sítios que prestando-se a ela própria aos experimentos equivale para ela a um imenso e por vezes doloroso esforço. O que é que a terá levado a fazê-lo? Sabemos que foi a morte da sua filha Daphne em 1908 que a levou a voltar-se para Sr.ª Verral, a quem ela mal conhecia, em busca de uma possível comunicação da criança por intermédio da escrita automática da Sr.ª Verral. Sendo cunhada do W. Frederic Myers, ela tinha evidente conhecimento da Sociedade de Pesquisa Psíquica, e de facto foi membro dela, até 1905. Em 1908, porém, ela passou a membro não ativo. Até 1908 a atitude que tinha para com a morte era vagamente pessimista.

Durante a Guerra dos Boers, ela escreve no seu diário acerca dos 'mortos que dormem um sono sem sonhos.' Em Maio de 1904, à cabeceira da cama de Henry M. Stanley, ela escreve: 'Ah, este processo do morrer, quão amargo não é!' este morrer aos poucos. . . existirá alguma fonte para os seres humanos. . . existirá algum além. . . quando o mecanismo avaria alguma coisa sobreviverá?' Durante a morte de Gladstone, que ela planteia amargurada, ela questiona-se com respeito ao 'mistério da morte.'

Depois quando através da ajuda da Sr.ª Verral ela se iniciou na escrita automática e sentiu ter recebido provas da sobrevivência da filha Daphne, a gratidão que sentiu foi ilimitada. Ela notou no diário em janeiro de 1909: 'A S.P.P. e interesses cognatos tornaram-se evidentemente na coisa principal na minha vida, no interesse absorvente, na

maior fonte de esperança e vigor. Os milagres produzidos por eles nunca ninguém saberá, de socorro e compaixão e inspiração - nem qualquer palavra da minha parte transmitirá a gratidão apaixonada que se lhes estendeu a partir do mais recôndito do meu ser.

'Se este trabalho me não for negado, acho que poderei *prosseguir*, , . mas posso esperar. . .'

Ela chamara à sua filha falecida A Querida, e no seu diário fala dos experimentos da S.P.P. intitulados 'O Trabalho da Querida.'

Sir Oliver Lodge ('o cientista') ela parece ter conhecido de forma breve a 13 de Fevereiro de 1909 pela primeira vez, e na mesma data ela anota no seu diário sobre 'a grande dificuldade (da) atitude da Eveleen para com a S.P.P., e do efeito que teve em toda a família *Tennant*. Só a mãe sabe tudo com respeito a isso. Não consigo pensar no futuro ou de como virá a ser - mas sou livre para suportar todas as coisas para que o mundo todo conheça a verdade. . .

'Tudo isto deverá, creio bem, influenciar profundamente o pensamento moderno por a evidência não poder ser explicada nem considerada exceto admitindo a sobrevivência da personalidade humana em toda a sua plena e vívida forma. Se Deus quiser, Devotarei a minha vida aqui e no Além a este trabalho.'

(1) A maioria dos fatos referidos neste escrito são confirmados no Estudo Balfour assim como nos diários da Sr.ª Willett. Mas os sentimentos dela quanto aos encontros que teve com Sir Oliver não vêm registados no Estudo. Compare-se, contudo, a entrada que fez no diário no dia 15 de Abril de 1909: 'Da S.P.P a coisa mais surpreendente para mim é Oliver Lodge. O acolhimento que me dispensou tem sido admirável — de tão extraordinariamente amável e delicado e compreensivo que tem sido, tão diferente da ideia que tinha de um Professor. Perdi todo sentido de retração a esse respeito que eu tinha e sinto como se já o conhecesse.

(2) Correto. O filho dela, Alexander T. nasceu nesse ano, 1909.

Sessão 25 - 11 de Junho de 1958

Astor. Sim, aqui está a Winifred. Ela está ansiosa por escrever qualquer coisa, alguma recordação, rápido.

'Winifred Tennant.

'Penso que deveria começar por escrever acerca do que o Fred chamava. . . (palavras não redigidas.)

'A escute, não consegue?! Bem, se não consegue vou tentar de outro modo.

'Eu descrevi como em 1909 comecei o ano obtendo uma impressão mental da parte do Fred. Mais tarde sucederam mais dessas que eu inicialmente achei serem experiências estranhas. Ocasionalmente, quando me encontrava plenamente

consciente, e mentalmente alerta, recebi impressões dessas dos comunicadores. Se houvesse um lápis por perto, costumava anotá-las. Elas surgiam nas alturas mais estranhas, e por vezes em momentos em que não era possível anotá-las. Tentei adotar esse método consigo, Geraldine.

(Geraldine Cummins. Sim, mas eu tive consciência da sua personalidade nessas alturas.)

'Do pensamento ou carácter da Winifred, deveria dizer, espero (1)

'Agora peço-lhe que ouça atentamente.

'O Fred deu a essas impressões mentais um nome. Pode ter ouvido, Geraldine, falar daquele evento O Dia D. O dia de um ataque de surpresa, caso alguma vez tenha existido um. A primeira impressão mental recebida do Fred foi de um ataque surpresa. Em que me deu boas novas com relação à saúde do meu filho George. Bem, comparando isso ao Dia D, e recebe as impressões do Dia D., ou D.D.I. para essas impressões mentais recebidas por mim da parte dos comunicadores (2).

'Da parte das impressões de D.D.I. desenvolveu-se, creio bem, mensagens comunicadas vocalmente enunciadas, não escritas, pela minha parte. Eu repetia em voz alta nas sessões o que por exemplo o Fred e o Gurney me transmitiam à vez. No início, receio que tenha sido uma intérprete incompetente dos seus mundos. Mas o Fred desejou que eu falasse e não registasse sempre por escrita automática. Chamarei ao que foi enunciado por mim nas sessões 'Impressões Noturnas,' porque inicialmente, e de facto durante algum tempo, elas foram um verdadeiro pesadelo para mim, mais especialmente quando concedi mais sessões à Sr.ª Verral, e dei início às minhas sessões com Sir Oliver.

'Assim, por favor, escute.

'Impressões do Dia D. Comunicados que recebi mentalmente e mais tarde ou no momento anotei - todos transmitidos quando me encontrava a sós - D.D.I. para abreviar.

'Impressões noturnas. Aqueles comunicados que enunciei vocalmente quando se encontrava um participante presente - N.I. para abreviar.

'Eu senti-me muito menos nervosa no ano que se seguiu ao meu ano memorável. A tensão terminara. A minha bebé também tinha chegado. Os meus comunicadores mostravam-se persistentes na sua exigência para que eu concedesse uma sessão ao cientista. Mas primeiro concedi diversas à Sr.ª Verral. Na avaliação que fazia da Portia eu tinha a máxima confiança. Ah, ela era tão amável, tão encorajadora. Ala afastou-me praticamente todos os receios que tinha além de me dispensar um ótimo

aconselhamento, e me dizer para me permitir soltar mais. Ainda permanecia demasiado alerta. Se afundasse mais o meu ego e não continuasse a afirmar-me, e a conversar demasiado com os comunicadores à medida que vinham, ela acreditava que eu obteria excelentes resultados. Não me prejudicaria suprimir o meu ego. Afinal, ela não se prejudicara com tal prática, quando obtivera escrita automática. Esta última afirmação dela deu-me a segurança necessária. Ah, não fora pela Miss Verral eu nunca teria concedido nem feito nenhuma sessão para um cientista.

'Em resultado do conselho dela então só fiz três ou quatro experimentos com o Sir Oliver presente, como me deixei levar após a primeira, para mim formidável, por ele. Por outras palavras, o que eu tinha começado a experimentar nas minhas D.D.I. como um tipo de torpor, rastejou por mim a dentro. Tornei-me como quem diz tão distanciada que o meu ego não registava as palavras dos meus comunicadores enunciavam através de mim.

Mas o que tinha sido o meu medo dominante, o de cair na inconsciência, não ocorreu. Talvez o estado em que me encontrava fosse o de uma pessoa dormente que pela manhã permanece desperto e não desperto, por cuja mente passam palavras, sem que façam qualquer sentido. O sentido que tive das palavras enunciadas, porém não significados associados expressos pelas palavras, era meu, muito vago. Certamente que na última delas, creio que quatro sessões que concedi ao Sir Oliver, esse foi o caso perto do final.

'No final dessa sessão tive a sensação de ser abalada e de ser repreendida pelo comunicador, e de me ter sido dito para me recompor, pelo que fiz um enorme esforço e encontrei-me de novo.

'Esqueci os detalhes de muitas das minhas sessões posteriores e dos participantes, mas essas tentativas iniciais com a Sr.ª V. e o Sir Oliver não posso esquecer, por causa das emoções — quase posso dizer, de angústia — que experimentei antecipadamente. No meu caso as experiências emocionais abrem caminho fundo na memória. Elas destacam-se para mim, agora. Mas essas primeiras experiências foram como uma ponte lançada sobre o abismo, por me terem aliviado o medo dominante — o de cair no abismo — ou por outras palavras, de cair na inconsciência, quando os comunicadores falavam através de mim.

'Nunca me importei de confessar este meu medo covarde. Mas afinal havia uma justificação para ele. Eu tinha os meus deveres para com os outros. Eu era esposa e mãe; tinha muitos outros interesses e adorava a vida. Além disso tinha as minhas experiências de D.D.I., impressões ou conversas que tinha quando estava a sós com o Fred, o Gurney e também o Butcher. Mas o pior de tudo para mim teria sido um estado de inconsciência quando eu estivesse a transmitir N.I., Impressões Noturnas

— ou seja, a enunciar comunicações com alguém presente. Ah, podia ser relatado sobre mim! Poder-se-á confiar a sério em alguém? Além disso, uma vez iniciada a inconsciência, o provável é que voltasse a ocorrer de novo (3).

'Eu costumava começar uma N.I. com aa escrita automática (4). Creio que poderei agora confessar que isso era deliberado, por estar mais desperta com um lápis ou caneta. Não corria perigo de possessão na altura. Mas os meus comunicadores preferiam as comunicações verbais. Isso devia-se indubitavelmente por acharem mais fácil transmitir evidência por essa forma por eu estar evidentemente menos alerta nessa condição, pelo que era obrigada por eles a abandonar o lápis e a falar na última parte da sessão na maior parte dos casos.

Geral: A Sr.ª Willett tendo uma vez começado as recordações dos experimentos Balfour e Lodge, (ver Estudo Balfour), continua, mas nunca copiando literalmente o Estudo B. nem em sequência nem por palavras.

(1) O Estudo Balfour, página 80, extrato de uma carta dirigida pela Sr.ª Willett à Sr.ª Verrall, datada de 27 de Setembro de 1909: '. . . não me causa maior sensação de estranheza falar com essa gente invisível do que caus falar com o meu filho, por exemplo. Mas. . . a mim parecem-se com "mentes" e "caráteres" e ainda assim não intangíveis em absoluto ou realidades não-sólidas.'

(2) Essas 'impressões mentais' são intituladas no Estudo Balfour 'D.I', ou impressões à luz do dia. Provavelmente desconfiando da capacidade da Geraldine de obter essa estranha expressão diretamente, associa-a ao Dia D., de que a Geraldine ouviu falar, porém o resultado parece o de que em vez de 'D.I.' o que pegou na mente da Geraldine é 'Impressão de Dia D.' ou 'D.D.I.'

(3) A distinção é estabelecida no Estudo Balfour, página 51, entre 'Impressão à Luz do Dia,' que são 'comunicações mentalmente recebidas e que são conscientemente apreendidas e ou anotadas na altura ou recordadas subsequentemente e registadas, e o que ele chama 'Impressões Diárias Enunciadas Verbalmente' em que as mensagens são repetidas conforme chegam, em voz alta na presenta do participante.

Neste escrito, a Sr.ª Willett designa às 'Impressões Recebidas à Luz do Dia' por um outro nome, 'Impressões Noturnas,' dado que ela diz que eram antes um pesadelo para ela. Não foi possível encontrar essa expressão em parte nenhuma dos seus escritos comuns. Talvez ela o usasse no escrito como outro artifício para ajudar a médium a não confundir as duas expressões.

(4) O Estudo Balfour, pág. 64: 'A regra de "nenhuma D.I. sem escrito preliminar" continua a ser observada.

Sessão 26 - 13 de Junho de 1958

Astor: Sim, ela está ansiosa por escrever.

'Winifred Tennant.

'Atenção, por favor, Geraldine.

'Penso que a pergunta do meu filho se refere a uma um certo número de sessões que fiz ao Sir Oliver em 1910. Fiz escritos que me foram ditados nelas, mas também repeti mensagens em voz alta.

'Devo mencionar que tomei parte nas minhas Conversações D.D.I. com os meus comunicadores. Continuei a fazer observações aos meus comunicadores nas minhas primeiras sessões, que tiveram lugar quando o Mayflower estava de partida (1).

'Tive que ajudar a começar as coisas ou a mantê-las em andamento — como dar corda a um gramofone, por ventura. Ou deixe que o coloque noutros termos. Eu tinha o hábito de uma anfitriã experiente de saudar e conversar com os meus comunicadores. Especialmente no início os Ingleses têm que ser encorajados a falar. Consegue imaginá-los a encher uma sala-de-estar e a conversar com uma anfitriã estúpida?

'Quando eles se juntavam às senhoras após o jantar, nunca permiti que os homens instituíssem um encontro Quacre - por outras palavras, a amontoar-se e a conversar uns com os outros. Deixá-los fazer isso era para mim um erro imperdoável. Assim, nessas ocasiões na minha vida ordinária desenvolvi o hábito fixo de produzir interação entre mulheres e homens na conversação. Se eu fosse a única mulher presente e dois ou três homens tivessem que ser entretidos, competia a mim começa-los e fazer comentários inteligentes sobre o que dissessem. Rendia nas minhas sessões dar continuidade a esse hábito de anfitriã — congregar os meus dois ou três comunicadores junto a mim e isso produzia comprovação.

'A diferença entre as conversas celestes que tinha e uma conversa em que ambas as partes fossem visíveis uma à outra no plano material está em que nas minhas sessões eu tinha que repetir em voz alta as observações que eles me faziam, em benefício do participante, conforme fiz naqueles experimentos que fiz em 1910 com o Sir Oliver. A esse tipo de conversação eu chamava N.I. ou Impressões Noturnas. Era um tanto cansativo, de modo que a escrita automática saía mais facilmente, e habitualmente começava uma sessão com ela. Além disso muito dependia do desejo dos comunicadores, quanto a vir a ser por escrita ou conversação. Na verdade eu tinha que lhes obedecer.

'Geraldine, a Geraldine vai perdoar-me, espero, por dizer que parece ter a mente de uma secretária dactilógrafa. Quando tento passar-lhe mensagens D.D.I. enquanto se

move, parece atenta e por vezes, como eu fazia, quando faz uma anotação de uma observação ou duas minhas, mas não comenta nem me responde por forma nenhuma.'

(Geraldine Cummins: Lamento imenso.)

'Não se desculpe. Sem dúvida que não tem o hábito de ser anfitriã.

'Gostaria agora que anotasse que os meus convidados invisíveis — o Gurney, o Fred, o Butcher, o Sidgwick, eram absolutamente reais para mim — quer dizer, o seu pensamento e presença. Não gostava do Professor Sidgwick por o achar monótono — demasiado erudito. Ele não parecia perceber que eu não era um outro professor universitário. Por vezes ele tentava arduamente conversar comigo, mas muita vez as observações dele eram demasiado complexas para que as captasse e poder repeti-las ao participante da minha sessão.

Assim, quando me via nessa dificuldade, o meu outro lado procurava envolver um outro do meu grupo de visitantes, ou voltar-me dele em protesto. Esse facto o Gurney informou-me após o meu falecimento. O Professor Sidgwick ficou desapontado. Isso levou a que o Fred e o Gurney passassem a ser os meus principais comunicadores.

'A mente possui gradações — faixas de profundidade variável. Embora tímida no início, logo achei interessante esforçar-me por alcançar as condições de profundidade ou elevação da mente desses homens de inteligência de uma companhia invisível. A maior parte do que procuravam dizer-me eu sei que perdi, porque após uma sessão eu ocasionalmente sentia desapontamento da parte deles. Mas posso dizer que esses experimentos iniciais que fiz com o Sir Oliver me levou a sentir mais segura da sua realidade, porque ele falava deles como se estivessem presentes na carne. Após essa experiência, soube como estava correta na sensação que tinha de eles serem mentes vivas e pulsantes.

'O medo dominante que tinha de cair na inconsciência decaiu gradualmente. Mas parte desse receio era para que as pessoas aprendessem sobre as conversações N.I. que tinha. Ouvindo falar delas, o indivíduo médio ter-me-ia, de certeza, considerado insana ou desagradavelmente estranha. Mais tarde o meu trabalho público ter-se-ia tornado impossível, já que eu seria considerada pessoa irresponsável, incapaz de um discernimento sóbrio, sensato. Não me atrevia sequer a falar ao meu filho Alex sobre isso. Podia confiar em que ele seria discreto. Mas que teria ele pensado de mim? Daí todo o secretismo em que envolvi a questão.

'Fiquei no princípio consternada quando me foi dito que o Gerald Balfour gostaria de esta presente numa sessão minha. Aqui estava um outro indivíduo que seria testemunha das minhas sublimes diversões. Claro que percebi que a Geraldine era de uma integridade a toda a prova. Mas tinha esperança de partilhar o meu segredo

unicamente com a Sr.ª Verrall, o Sir Oliver e o meu marido Charles. Como poderia estar segura de que a Geraldine não me considerava como uma coisa estranha? Não creio que tenha sido por completo a minha vaidade, mas um tipo de retração pela sensibilidade que me tenha levado a recear o veredicto desse homem intelectual. Os pensamentos não enunciados de um estranho ou amigo no meu caso penetravam e feriam.

'Parte do meu receio estava no facto de ficar sonolenta e por vezes completamente aturdida no decurso de uma sessão. Numa condição de atordoamento dessas que começara a experimentar, eu posso fazer completa figura de parva, e o Gerald B. possivelmente pensaria que tudo não passasse de teatro. Tinha chegado a saber que ele era uma pessoa muito cética. Mas o Sir Oliver respondeu a essa objeção - ao dizer que eu tinha parecido bastante aturdida numa das sessões que eu lhe fizera, mas que percebera que era condição natural que assiste ao supremo esforço que eu empreendia. "Afinal," brincou ele, "quando um campeão estabelece um recorde mundial numa corrida, não pensamos o pior dele por ofegar, na condição posterior sem fala em que fica." (2)

'Mesmo assim, fico contente por ter feito esses experimentos com o Sir Oliver. No começo o Gerald B. era um tanto intimidatório. Não o podia evitar por ser dotado de uma natureza fria e tímida e ele ter um medo, acho eu, de se empenhar por qualquer forma por palavras. Mas era muito amável.

'Mas o entusiasmo do Sir Oliver com respeito a essas minhas primeiras sessões deu-me uma confiança em que a maneira do Gerald B. caso ele fosse o primeiro homem erudito como testemunha no comando, provavelmente teria destruído. Devido à confiança que o cientista me deu, entende, eu saí-me melhor do que esperava com o Gerald, e eu silenciosamente registei que ele ficou agradado e que tomou a diversão e comportamento estranho que evidenciei na sessão como normal e natural. Pois bem, à semelhança de mim, Santa Tereza foi uma automatista, e isso não dissuadiu, mas ao invés estimulou os Cardinais a canonizá-la! (3)

'É estranho pensar que essas minhas experiências — algumas noutros mundos, porque eu tive uma quantidade de visões místicas deles, não teriam ocorrido não fora pela dor mais pungente que sofrera na vida, provocada pela perda da minha querida. Se a minha pequenina Daff não tivesse falecido em 1908, eu não teria batido à Porta. Jamais teria buscado desenvolver o meu ouvido interno, o meu dom psíquico. Mas eu estava fervorosa, desesperada. Eu tinha que saber.

'Essa morte transformou uma mulher mundana numa mulher que questionava - e mais tarde numa buscadora da verdade através do experimento científico, e depois aprofundada nos diversos ramos que explorei, uma mística. . .

'Tudo ilusão, poderá ser dito. Mas enriqueceu-me a vida mais do que poderia traduzir por palavras.

'Eu precisei perder-me a fim de me encontrar. Foi um nascer de novo para mim, assim como foi para a Daff num outro mundo.

'Mas preciso dizer-lhe que eu tinha que me perder para me poder descobrir. Não posso enfatizar isso o suficiente aos seres humanos.

'Geraldine. Atenção — está demasiado aturdida.

'Desperte - atenção, por favor.

'Mas preciso dizer-lhe que sempre ansiara por uma menina. Sim, desde a altura em que brincava com bonecas, que eu queria uma para cuidar. A alegria que me inundou quando a Daphne veio! Ah. Tive um ano e meio extasiante com a minha menina bebé. As primeiras palavras engraçadas que um bebé profere -- os primeiros pequenos passos impressionantes são capazes de proporcionar uma tal felicidade a uma mãe. A Daff estava justamente aa tingir o encantador estágio dos primeiros passos e da fala quando morreu (4).

'Eu ansiara tanto por ter uma menina e ela foi-me levada. Não tive mais nenhuma depois. Claro que amava muito os meus filhos e cuidei bastante da sua educação e futuro. O Charles e eu tivemos uma conversa com aquele diretor escolar, Lob, acerca da educação do George. Mas acabamos por decidir não confiar o George ao estabelecimento de ensino dele, provavelmente por eu não gostar daquele diretor. Assim, enviamos o George para uma escola antiga mais pequena de porventura menor posição (5). Fiquei impressionada com o lema deles, "Os Modos Fazem o Homem." Talvez fosse a alegada qualidade Francesa em mim que me tenha levado a valorizar as boas maneiras. Nisso constatei que os jovens Franceses ganham aos pontos aos Ingleses. Mas o meu Henry não carecia de treino nos modos. Os dele eram naturalmente agradáveis e fáceis.

'Enviamo-lo para o estabelecimento educacional que o Lob tinha presidido durante anos, após este último o ter deixado. Ele foi o único Lob de quem não gostei por entre aqueles que conheci. Ah, mas porque divago desta maneira? Mas estas recordações não param de vagar.'

(1) Numa entrada do diário dela, de Maio de 1910, ela menciona que o Mayflower estava de partida. Na pág. 55 do Estudo Balfour refere-se que ela deu três sessões ao Lodge, em Maio de 1910.

(2) Alexander T.: 'Certa vez em que o Sir Oliver estava de visita lá a casa ele disse que ia passear pela aldeia. Eu era pequeno mas perguntei se podia ir. "Bem," disse ele, "por acaso eu ia correr."

"Tanto melhor," disse eu, e assim ele levou-me pela mão e ambos corremos até à aldeia.' - De modo que o sorriso de um campeão de corrida neste escrito parece natural no Sir Oliver.

(3) Esta menção da Santa Tereza soou estranha, mas no diário da Sr.ª Tennant de Julho de 1945, foi descoberta uma entrada que registava o facto de ela ter erigido um memorial ao falecido filho que inclui uma oferenda votiva à Santa Tereza do Menino Jesus (Teresa de Lisieux).

(4) Correto, conforme registado nos seus diários.

(5) Correto, o George foi enviado para Winchester.

Sessão 27 - 15 de Junho de 1958

Astor acha-se presente. Sim, a senhora aguarda a caneta.

'Winifred Tennant.

'Torna-se-me muito difícil agora ser por qualquer forma exata no relato as experiências das minhas sessões. Ah, quão precária é a memória! Falei-lhe nas garantias que recebi da parte do registo Bíblico sobre as mentiras que o muito humano São Pedro proferiu. Mas tratou-se de mentira devida à ignorância, ou melhor, por causa de uma memória temporariamente falha que me preocupou durante a minha carreira psíquica.

'Eu deliberadamente proferi mentiras inofensivas em boa consciência quando com muita pena recusei o convite indescritivelmente enfadonho de alguém. Mas obedecer ao meu urgente desejo de dizer a verdade exata quando a minha mente ainda estava a funcionar lentamente imediatamente após uma sessão, já era coisa inteiramente diferente, e eu estava ser questionada pelo investigador com relação a isso. Vou tentar passar uma ilustração daquilo que quero dizer.

'Nas sessões, mesmo naquelas primeiras que fiz com o Sir Oliver no comando, eu ficava muito aturdida. Mais tarde, com o Gerald B. presente, por vezes ficava completamente estupefacta e durante um tempo não estava em mim conscientemente, após a sessão. Sem dúvida que essa condição se devia ao que a Sr.ª Verrall chamara supressão do ego durante a sessão. Assim, após o experimento não conseguia lembrar o que tinha sido falado ou escrito nela (1). Em inúmeras ocasiões eu tinha consciência de me ter junto nas conversas que tinha com os meus comunicadores, mas não

recordava o que as minhas interpelações ou comentários tinham sido, e o que os meus comunicadores tinham dito era um completo enigma para mim, por o ter esquecido por completo.

'Assim, quando questionada pelo O. ou o Gerald B., eu respondia que não me lembrava de nada do que tinha sido comunicado. Na altura essa era a verdade. Mas em diversas ocasiões, talvez um ou dois dias depois, eu recordava alguma impressão fragmentária do conteúdo da sessão. Pode ter representado uma recordação errônea. Chegava-me como um eco e em breve deixava-me. Devia tê-lo anotado de imediato, mesmo que me chegasse quando eu estivesse socialmente comprometida. Mas não o fazia, já que era uma mulher bastante ocupada. E logo a coisa se desvanecia como um sonho. Era uma espécie de mentira não reportar ao investigador, porque os nossos eram experimentos cientificamente conduzidos — quer dizer, uma busca da verdade exata na medida em que pudesse ser obtida.

'Precisa entender que a experiência dessas sessões foi entusiasmante para mim. Pode-se descrevê-las como uma vida acrescida. A memória emocional da experiência permaneceu comigo, mas muitas vezes os detalhes, as palavras, varriam-se-me da memória — não estavam comigo quando eu saia da condição de aturdimento após as sessões. Mas nem tudo era assim. Em certas ocasiões não ficava aturdida nem sonolenta. Os comunicadores arranjavam todo o procedimento. Agora sei que me conduziram ao começo da escrita automática a fim de me acalmar — de suspender o meu lado consciente crítico.

'Isso foi seguido pelas minhas comunicações de viva voz, em que eu, como que por assim dizer, fui transformada (sintonizada?) no seu elevado nível vibratório. Foram essas conversas que na sua maior parte forneceram o que era evidentemente de valor, conforme eles me disseram desde que os encontrei após a minha morte. Com o meu eu consciente crítico em suspensão, de modo a não poder interferir nem prejudicar o meu desenvolvimento com base nele noutras sessões. Mas o meu hábito de anfitriã tinha afundado mais fundo no meu eu subliminal e o meu eu secundário usava o hábito e falava nessas conversas de alto nível com os meus convidados invisíveis. Essa é agora a perspetiva que o Gerald tem.

'Esse eu secundário, essa unidade diferente da minha alma, não tinha lugar no meu eu consciente. Assim a memória para as palavras que reside no ou se acha associada ao meu eu ordinário crítico não funcionava num estado anormal, uma vez que este último não funcionava durante tais conversas com os meus convidados invisíveis. Não sei se "eu secundário" será termo adequado para essa parte emocional da minha mente subliminal. Mas não consigo conjurar nenhum outro termo para ele.

'Penso que embora o meu eu crítico não estivesse suspenso e tivesse que ser suprimido pela minha escrita preliminar dos comunicadores, esse nem sempre era o caso. Porque volta-me a mim agora que numa sessão com o Sir Oliver eu só escrevi automaticamente. Nada foi vocalizado por mim. Mas eu estava de tal maneira estupefacta que quando acordei após a sessão, estava certa de ter enunciado uma mensagem e o ter dito (2). Mas o Sir Oliver assegurou-me que só tinha feito escrita. Isso sucedeu-me no primeiro ano com o participante presente, e eu fiquei bastante desalentada com aquela branca completa, ao refletir nisso mais tarde.

'Contudo, mais tarde, numa altura e que eu estava a sós o Fred veio até mim e assegurou-me que eles iam tomar o maior cuidado comigo de modo a nunca permitirem que ficasse inconsciente (3). Nas conversas que tive com eles a sós, eu, a Winifred crítica, estava habitualmente alerta e de forma nenhuma afastada nem suspensa. Creio que terei estado muito perto do afastamento nessa sessão com o Sir Oliver por ter escrito somente. A confiança do Fred trouxe-me conforto e levou a que continuasse a fazer sessões mais tarde, com alguém presente. Talvez por eu ter repreendido o Fred e insistido que jamais deveria ocorrer de novo, ele não tenha permitido que ocorresse mais tarde.

'Que acha de tudo isso, Geraldine?

(Geraldine C.: Não posso fazer juízo nenhum. Eu apenas sei que não sou eu quem produz a escrita, mas creio que permaneço mais alerta do que você permanecia. Mas por vezes fico estupefacta.)

'Ah, você é diferente de mim. Quero dizer, você é uma repórter — uma secretária de dactilografia — se me é permitido dizê-lo sem ofensa.'

(Geraldine C.: Uma repórter por vezes muito incompetente.)

'Os jornais muitas vezes demonstram o facto de uma incompetência grosseira. Não se deixe desencorajar. E sem adeus e obrigado pela caneta, minha pequena repórter.'

'Winifred Tennant'

(1) Comparar o Estudo Balfour, p. 215, extrato de uma D.I. de 13 de Março de 1912, com o Oliver Lodge presente: “Lodge, é o Edmund quem fala agora; reparou como ainda agora ela estava tão completamente alheia que, embora nesses instantes as coisas lhe acedessem à consciência, ela não as conseguiu passa-las?’

(2) Estudo Balfour, p. 57, em que este ou um incidente similar é descrito.

(3) Isto deve girar no que é pretendido dizer com ‘inconsciente,’ por parecer que ela tenha dado muitas sessões de transe para esse.

Sessão 28 - 7 de Julho de 1958

FALA DA ALMA-GRUPO

Astor acha-se presente. Winifred pede a caneta.

‘Winifred Tennant.

‘Desejo continuar a escrever sobre a minha vida secreta. Enquanto assistente, Gerald B. foi notável, por estar totalmente murado, por assim dizer. Jamais, por palavras ou maneiras, ele me deu qualquer coisa que pudesse ser informativo para mim. Ele ocasionalmente usava aquele adjetivo humilhante “interessante” aplicado a uma escrita ou N.I., as minhas impressões interpretativas faladas posteriormente após uma sessão. Então eu soube que não havíamos perdido o nosso tempo. Pois é claro que algumas sessões falharam ou foram destituídas de interesse.

‘Mas a questão que desejo enfatizar é que, devido à Cortina de Ferro de Gerald, ele provavelmente deveria parecer a uma médium o que eu acho que é chamado “um assistente difícil.”

‘Eu não achei isso no meu caso. De facto, trabalhar para Gerald tornou-se fascinante. Parecia que, de alguma forma estranha, ele me era complementar como participante. Talvez tenha sido um caso de enquadramento negativo e positivo um no outro. Mas o facto que percebi recentemente é que as mentes subliminares de Oliver Lodge e Gerald estavam nos mesmos mundos mentais dos comunicadores — um facto da mais importância do que geralmente se reconhece.

Assim, durante um experimento em cada caso, a mente (mentes?) subliminares deles me ajudaram a sustentar-me como um nadador apoiaria outro no mar do que é chamado de Mente Inconsciente ou Mente em geral. No entanto, eles não sabiam nada disso. Tampouco eu, conscientemente. No entanto, isso deu-me confiança. Assim, com o passar do tempo, deixei-me entrar em transe profundo ao trabalhar com o Gerald Balfour e o Oliver Lodge, apesar de recear ficar inconsciente e possuída como a Sra.

Piper. (1) Mas com a presença de qualquer desses dois, intuitivamente vim a saber que isso não poderia acontecer.

'Quando obtive impressões D.D.I. (?) — escrita sozinha em casa — a distância não parecia quebrar essa conexão uma vez estabelecida com O. Lodge ou Gerald. Eu estava praticamente inteiramente consciente, é claro, ao receber as impressões D.D.I. Nem sempre, nas minhas sessões com o Gerald e o O. L., entrava em transe. Houve ocasiões em que eu estava no meu eu normal. Então, os anseios emocionais dos comunicadores por provar a sua existência eram suficientemente fortes para os levar a penetrar no nível mais denso e fazer um contacto comigo nele.

'Mesmo a crença temporária por parte do participante e do automatista na personalidade dos comunicadores é uma parte vital das condições. Isso torna-lhes o trabalho muito mais fácil. Eu tinha mais do que uma crença neles. Eu os conhecia melhor do que muitos seres humanos, meus conhecidos.

'O intelecto de Gerald era inteiramente cético, mas a sua imaginação não. Podia conceber claramente uma situação que o seu intelecto não admitia, pois a imaginação tem as suas raízes na mente subliminar. A sua mente subliminar, bem como o seu ser emocional mais profundo, podiam acreditar inteiramente na realidade do comunicador.

No entanto, na vida quotidiana, o intelecto frio e impessoal dele governava todas as suas ações. Assim, embora fosse um investigador inteiramente imparcial e não revelasse nada por palavras ou sinais, ele era de facto um investigador excelente e para mim ideal. Durante uma sessão, tanto ele quanto eu e o O.L. aceitamos em uníssono a realidade de Fred, Gurney, Butcher, Sidgwick, Mary e Francis, etc. Tudo isso eu percebo claramente agora.

'Claro que sei que o Gerald, o Piddington e a Sra. Sidgwick rejeitaram muitos dos escritos posteriormente. A mente subliminar do automatista pode ser comparada ao terreno no qual aqui e ali são semeadas as sementes da evidência real. Essa mente subliminar produz muitas ervas daninhas que precisam ser descartadas. Mas numa sessão, com a aceitação temporária da realidade dos comunicadores e automatistas, obtínhamos as melhores condições para ambos os comunicadores, no meu caso, pelo menos.

'O oposto de Gerald e Oliver Lodge Quão é o participante egocêntrico detentor de um complexo profundamente arraigado, tal como o expressado pelo horror da morte, ou a vaidade excessiva que deriva do medo da insegurança. Quão pavorosa não é a ideia para o egocêntrico de que outros possam considerá-lo crédulo! Outro investigador bastante inútil é a criatura detentora dos seus padrões cerebrais fisiológicos. Os comunicadores são eliminados por ele se achar isolado da sua mente subliminar e por causa da emanação paralisante que emana. Gerald B. e Oliver L.

felizmente estavam livres de qualquer desses obstáculos paralisantes que impedem que na maioria dos casos quaisquer resultados de valor sejam transmitidos.

'Resumindo, o poder subliminar concentrado de Gerald B. e O. Lodge da Sra. Verrall tornou-se aliado dos comunicadores. Ou, deverei antes dizer, manteve o perfeito equilíbrio das sessões bem-sucedidas, tal como um presidente eficiente emprega na elaboração de uma reunião. Estabilizava-me e ajudava-me a controlar o mecanismo de elocução, de emissão ou transmissão por meio da fala ou da escrita. Se eu tivesse perdido esse controlo ao ficar inconsciente, teria perdido o poder de registar.

'Mas quando tudo corria bem e eu entrava profundamente em transe, tornava-me parcialmente identificada com o comunicador. Era como se eu fosse a outra pessoa, como se um estranho estivesse a ocupar o meu corpo, como se a mente de outra pessoa estivesse em mim. (2) Lembro-me de uma ocasião excecionalmente intensa. Você pode zombar de mim, Geraldine, e achar-me anormal ou histérica, quando digo que parecia que, ao me alçar sobre as minhas asas, eu estava num estado em que entendia todas as coisas. Todas eram sintetizadas numa mesma e levadas à compreensão. Com tal união eu experimentava a felicidade.

'Existem muitos níveis de profundidade para a mente ou alma. Essa breve experiência, quando tudo se resumia a uma mesma coisa, era o efeito da mente de Fred a correr para a minha. A minha mente suspensa, ou eu dominante, refletia e absorvia a sua experiência mística. Mas isso não era partilha. Era mais do que isso. (N.T. Sinergia.)

'Fred explicou-me essa experiência. Só posso expressá-la por palavras minhas agora, pelo que será expresso de forma grosseira.

'A alma do ser humano pertence, ou deriva, de uma Alma-Grupo, que é inspirada por um espírito. (3) Se progredirmos no pós-morte, tornar-nos-emos cada vez mais conscientes dessa Alma-Grupo. É mais que uma irmandade, é uma estrutura psíquica ou espiritual organizada, orgânica. O espírito que lhe assiste é o vínculo que mantém unidas diversas almas. O espírito pode ser descrito como um pensamento (princípio) de Deus, ou a Luz do Alto – a Luz Criativa do Alto. Assume uma certa separação de Deus, por ser a coisa criada d'Aquele que lhe concedeu vida. A princípio um embrião inocente, precisa proceder a uma colheita. São inúmeros os espíritos, cada qual ligado a uma Alma-Grupo.

À medida que evoluímos no Além, nós, unidades individuais, entramos nas memórias e experiências de outras vidas que são derivadas das existências terrenas e outras das almas que precederam e são do nosso Grupo. Não é, portanto, necessário reencarnar, como os Budistas e os Teósofos — creio — afirmam, centenas de vezes na terra.

'Fred é um membro da minha Alma-Grupo. Quando tive o que chamei de experiência "única" numa sessão, foi para mim união com o espírito do meu Grupo. Fred foi o agente, por assim dizer, que a provocou.

'Vários seres humanos que têm experiências místicas afirmam que, nesses momentos de êxtase, eles obtiveram união com, ou absorção na, Divindade. Na verdade, geralmente tem sido a união com o espírito da sua Alma-Grupo. Mas agora eu só quero explicar essa "experiência única" dessa sessão. Pois acho que foi objeto de mal-entendido e, portanto, gostaria de esclarecer a posição tanto quanto possível por palavras.

'Durante essa "experiência única," presumi que a força de apoio dos presentes mantinha o bom equilíbrio, de modo que o meu eu dominante não fosse arrastado para a inconsciência. Os comunicadores alegaram a minha orientação e treino, mas é justo mencionar uma força de sustentação menor oriunda do participante.

'Para que a pesquisa física progrida, mais atenção deve ser dada à seleção de um participante qualificado e à ideia de comunicadores qualificados! Um automatista pode obter resultados — até mesmo impressionantes — se tiver contato com um comunicador eficaz e qualificado. Mas para resultados realmente impressionantes mantidos durante um longo período, é necessário um trio — o terceiro no trio é o participante.'

(1) Winifred teve uma sessão com a Sra. Piper, conforme registado no seu diário em 16 de Junho de 1910. Ela diz que a achou "desagradavelmente estranha." E uma outra em 28 de Setembro do mesmo ano.

(2) Compare com o Estudo de Balfour, pp. 219-20, 'do estágio de vigília' seguido do escrito de transe de 19 de Abril de 1918; presente Oliver Lodge: 'Oh — (pausa) — Fred. Fred. É tão estranho estar na pele de outra pessoa. Sentir o coração de alguém a bater dentro de nós e a mente de outra pessoa dentro da nossa mente. E sem tempo e lugar, e ou estamos soltos ou eles entraram, e de repente conhecemos tudo o que já existiu. Compreendemos tudo. É como se cada coisa, tempo e pensamento, tudo se resumisse a um ponto. Citado em G.N.M. 'A Personalidade do Homem' de Tyrrell, p 160, que Geraldine C. leu.

(3) A Alma de Grupo é um conceito da comunicação procedente de F.W.H. Myers para com a G.C. Ver 'Road to Immortality', pp 62-5 de Geraldine Cummins (1955) e pp 68-72, e em 'Beyond Human Personality' da mesma autora (1935), onde as ideias encontradas neste escrito parecem ter tido origem, F. Myers, é claro, foi o seu suposto criador em ambos os casos.

Sessão 29 - 11 de Julho de 1958

UMA VIDA HUMANA É COMO UMA PEÇA

Astor: Lá vem Winifred.

'Winifred Tennant.

'O que escrevi até agora sobre os meus experimentos pode ser descrito como uma pesquisa póstuma das minhas memórias deles, à luz do meu conhecimento alargado. Mas tenho-me esforçado por os revisar no na minha função de magistrada.

'"O mundo é todo um palco e os homens e as mulheres apenas atores."

'Embora esta seja a declaração do nosso reverenciado Shakespeare, sinto que precisa ser revista. Um homem ou uma mulher é uma companhia de atores, a sua vida uma tragédia ou comédia trágica, ou mesmo uma farsa. Mas é uma peça em que um ser humano representa todas as partes num certo sentido. Suponhamos um elenco de sete atores. O personagem central é o eu primário ou dominante. Os outros seis personagens são aspetos ou unidades do eu primário. Não concordo com o Gerald que eles sejam algo tão definido quanto eus diferentes no homem ou na mulher normal — mesmo que o elenco seja de vinte ou trinta. Os personagens secundários podem ser chamados de unidades. (1)

'Não sei quantos foram os atores do meu drama. Desejo apenas salientar, Sr. W.H., que nem o meu filho nem nenhum ser humano testemunhou todo o drama da minha vida, percebeu todos os atores nos seus papéis menores a atuar no palco da minha vida. Assim, como poderá o meu filho ou qualquer outra pessoa conhecer-me, quando eles revisarem esses escritos que estou a comunicar? Pois nem sempre é o eu primário ou dominante que se expressa. Eu fui uma personagem secundária, por vezes um aspeto, que representava o seu papel antes mesmo do meu filho Henry nascer, que comunicava parte de um guião. Se eu estiver imersa nas minhas primeiras memórias, tal ator menor poderá então fazer o seu discurso através de G. Cummins.

- Como sabe, Sr. W.H., fui magistrada durante vários anos. Quando a minha personalidade legal se expressou do banco do Tribunal, era bem diferente do que muitos considerariam duvidosamente uma personalidade ilegítima, aquele aspeto de mim própria que desempenhou o seu papel na minha vida secreta — a Sra. T. que fazia experimentos com Oliver Lodge e Gerald B. no silêncio, ou conforme deverei chamar o personagem — Sra. Willett.

"Ainda preciso contar sobre aquela magistrada prosaica prática, que foi criada principalmente a partir do movimento feminino que surgiu durante os primeiros anos deste século. Agora devo informá-lo sobre algumas de algumas das suas origens.

O entusiasmo juvenil que senti por Lloyd George diminuiu até certo ponto. O choque que sofri com a apresentação de Asquith como um inimigo declarado das mulheres, que lhes recusava o voto e propunha estender o sufrágio adulto a todos os homens, por mais imbecis que fossem, levou-me a revisar consideravelmente as ideias que tinha sobre os liberais.

Havia uma estranha diferença entre os dois — Gerald e Arthur Balfour declaravam-se liberais, ou de mentalidade liberal, a favor do voto das mulheres, e Asquith desempenhava o papel de um conservador obstinado e hostil, que tentava vergonhosamente derrubar o Movimento Feminino com o tratamento rude que ele fez com que fosse dispensado às mulheres que se empenhavam em atos militantes. Eu não era militante, mas a visão decadente das mulheres que ele tinha estimulou-me a superar o meu nervosismo em relação ao trabalho na vida pública.

'O desejo que eu tinha de me dedicar ao trabalho público, devido à posição infeliz das mulheres com respeito à lei, que foi em grande parte devido à sua privação do direito de voto, cresceu em mim durante os primeiros anos do século. Conscientemente, não fui influenciada pela crescente agitação por Votos para as Mulheres. Mas naqueles primeiros anos do século teve início esse movimento militante, por meio do surgimento de um clarão aqui e ali entre as mulheres de todo o país, mesmo em lugares remotos e isolados, longe de salões e alto-falantes.

'Como a minha amiga, Lady Betty B., me disse ou me escreveu anos depois — "Foi um movimento espiritual e tinha fogo que soltou grandes estoques de energia inconsciente." Não tive dúvidas nos anos posteriores de que a minha própria mente inconsciente fora, por assim dizer, inflamada e a sua própria pequena chama acesa no fogo, produzindo ardência pelo trabalho público.

'Você pode interrogar-se do motivo porque escrevo sobre esta história esquecida do Movimento das Mulheres e da W.S.P.U. (União Social e Política das Mulheres, ou Movimento Sufragista).

'Em primeiro lugar, ajudou a moldar-me, ao me dar de modo inconsciente o desejo urgente de servir em alguma função pública, e eu quero que o Sr. e a Sra. W.H. conheçam esse aspeto da Winifred. Ah! Tive que superar uma considerável timidez para me tornar uma magistrada. Em segundo lugar, a lembrança daquele tempo distante foi despertada em mim por meio do meu recente encontro nesta vida com uma querida senhora, chamada Con pelas suas amigas.

'Na terra eu só falei com ela uma vez. Ela era irmã da minha amiga, Lady Betty Balfour, e o seu livro Prisons and Prisoners, que li, acho, três ou quatro meses antes do início da Primeira Guerra Mundial, foi um dos livros importantes da minha vida, por me ter comovido profundamente com as suas verdades sombrias sobre o tratamento duro e inteiramente estúpido dispensado às mulheres prisioneiras. Enquanto lia, reagi de forma pungente e depois irada ao sofrimento de Con, ao seu martírio quando, enquanto militante sufragista, ela cumpriu as suas penas de prisão. Por protestar contra uma injustiça grosseira, ela foi presa, e o tratamento cruel que recebeu na prisão provocou-lhe uma morte precoce.

'Mas nos seus livros ela fez pouco uso das suas experiências pessoais. Foi a apresentação da lei aplicada às mulheres e o relato que fez das suas condições de prisão que a tornaram tão reveladora para mim e para muitos leitores. Isso despertou em mim um pensamento furioso e o material que encerra iluminou-me o caminho mais tarde no meu trabalho público para mulheres.

'Além disso, Lady Constance representou a história espiritual de inúmeras mulheres da sua própria classe, inclusive eu, o que conduziu à quebra dos nossos múltiplos grilhões.

'Se ela não tivesse descido ao inferno e sido martirizada na sua cela de prisão, acho que há muito na minha vida que eu teria deixado de fazer. Os seus atos e ideias sobreviveram. Essa frágil senhora, irmã da minha amável amiga Betty, teve participação na mudança do mundo e na formação do pensamento entre as mulheres.

"É claro que o heroísmo dela não pode ser percebido pela sua geração, Geraldine. O que lhe custou em termos de dor e coragem escapar da vida protegida de uma dama Vitoriana, pertencente a uma classe exclusiva próxima ao trono, e ir para a prisão por causa das suas crenças espirituais só pode ser percebido por mulheres que viveram a vida na sua classe, e agora todas essas mulheres estão entre os mortos que vivem.

'Foi uma experiência notável para mim recentemente encontrar Lady Constance e sentir-me acalentada de novo na chama da sua intensa espiritualidade. Daí a necessidade que sinto agora de prestar este breve tributo à influência contínua da Grã-Bretanha do século XX a uma grande dama esquecida. (2)

'Hoje a sua unidade ou carácter na companhia de atores da Winifred tem-se vindo a expressar. Mas você pode interrogar-se por que não escrevi, nestas minhas memórias, sobre a última fase da minha vida na terra. Há diversas razões convincentes para que eu a ignore.

'Em primeiro lugar, qualquer evidência da minha identidade e memórias dos meus últimos anos que eu transmitisse, seriam atribuídas por homens eruditos à telestesia,

ou pelo público em geral à telepatia entre as mentes do meu filho Henry e da automatista. A suposta telepatia entre a mente de dois seres humanos não estabeleceria de forma alguma a minha identidade sobrevivente, e não demonstraria a Henry que pelo menos algum fragmento da sua mãe ainda existe. Assim, o meu objetivo principal ao ditar à minha repórter e automatista, Geraldine Cummins, seria derrotado. Assim sendo, devo escrever sobre os acontecimentos que me moldaram e ocorreram antes do nascimento de Henry, tão firme que está na sua crença e nos seus poderes telepáticos e nos da automatista! (3)

'Em segundo lugar, a ação — o drama de uma vida — não ocorre durante a velhice de um indivíduo, quando os acontecimentos de caráter rotineiro são circunscritos à família e ao seu círculo, que são todas as pessoas vivas na terra e, portanto, um tabu enquanto material a registar. Além disso, no drama da vida anterior de uma pessoa surgem memórias altamente emocionais que abrem sulcos profundos na substância psíquica. Com toda a paixão gasta, as recordações da velhice causam muito pouca impressão, são débeis, e menos fácil é para o eu extramundano registar a rotina trivial do antigo.

'Ah! Estou determinada, na medida do possível, a excluir todas as pessoas que ainda vivem no corpo dessas memórias. A esse respeito, minha vida secreta continua. Pois eu poderia magoar ou prejudicar alguém na terra se descrevesse uma briga de família, ou escrevesse sobre uma indiscrição por parte de um amigo ou parente, e assim provocar problemas e parecer traiçoeira. Pode não me ser possível evitar alguma revelação desagradável. Pois no processo de comunicação pode haver o que é chamado de seleção mútua. Por outras palavras, o subliminar da automatista pode e ocasionalmente seleciona fatos da memória de uma pessoa falecida e registra-os, e o comunicador nem sempre pode impedir tais furtos.

'Por vezes é um tráfego de mão dupla, o comunicador seleciona e tenta pressionar a evidência, e o automatista capta mais fatos raros de uma memória desencarnada por meio da sua mente subliminar.

'Assim, nestes escritos, tenho mantido a automatista, Geraldine C., dentro da teia da minha juventude.

'Entende que, de um modo geral, posso escrever ou ditar ao meu repórter qualquer memória das vidas terrenas dos mortos-vivos, sem receio de parecer desonesta e fomentar ressentimento ou causar-lhes aborrecimento. Pois os mortos-vivos, aqueles que fazem parte do meu círculo aqui, não estão mais preocupados pessoalmente com aquele episódio que se some, com a sua vida na terra nem com os seus pecadilhos passados.

'Assim, pelas razões que mencionei, dei permissão ao Sr. W.H. numa das minhas primeiras mensagens para publicar o que ele considerasse adequado como prova que insisti que deveria ser mantido em segredo, o que reproduzi enquanto automatista de reportagem, durante as minhas sessões com o Oliver Lodge, os Balfours, etc. Somente o grupo de indivíduos eruditos que foram comunicadores se interessam ainda por que o seu trabalho seja completado em benefício dos estudantes na terra, através da publicação. Nenhum ser humano deve sentir-se agora angustiado nem aborrecido com o levantamento do embargo. E o mesmo poderá ser dito das almas envolvidas que buscam outras vidas no Além.

'É hora de terminar. Ah, eu quase esquecia. . .

'Tenho uma velha mensagem do Fred a transmitir. Não sei o que ele quer dizer com ela, mas ficou muito satisfeito quando ma confiou.

'A mensagem diz o seguinte: "Deixei a semente dos meus desejos ignorados na mente inconsciente de Peter, e ela finalmente pareceu crescer. Assim, o que durante muito tempo foi mantido na escuridão, agora virá à luz. De qualquer forma, acho que posso confiar em Salter para agir." (4)

Depois Fred vedou-me o pensamento e saiu da minha esfera.

'Tudo muito enigmático! Mas os homens adoram os mistérios e ficam sempre mais satisfeitos do que quando ocultam ostensivamente algo das mulheres. Esse traço de carácter parece persistir aqui.

'Certamente que tive experiência disso durante as minhas sessões com Oliver Lodge e Gerald. Sempre evitei ceder à fraqueza deles demonstrando total falta de interesse, embora estivesse longe de me sentir desinteressado com os resultados das minhas sessões.

'Sra. Willett'

(1) Nestas observações, Winifred menciona de novo uma teoria da alma, mais ou menos como foi exposta por F.W. Myers e por Gerald Balfour.

(2) Lady Constance Lytton foi irmã de Lady Betty Balfour, esposa de Gerald Balfour. Numa certa ocasião, em 1939, quando G. Cummins conheceu os Balfours (ver página 3), Lady Batty deu-lhe 'Prisons and Prisoners', o livro da irmã, que G.C. diz, 'claro que li'.

(Ed.) Pode-se, portanto, dizer que este escrito é um produto do 'Inconsciente' de G.C. Mas terá a Sra. Willet estado profundamente empenhada no Movimento pelo Sufrágio Feminino, e nutrido fortes sentimentos sobre a questão de como os prisioneiros são ou eram tratados? O filho, Alexander Tennant, afirma que a mãe estava realmente empenhada no Movimento pelo Sufrágio Feminino. Embora ela não fosse militante,

chegou a ponto de esperar do lado de fora da estação de Neath (perto da casa dela em Gales) para distribuir panfletos pela causa aos mineiros que retornavam. Um deles jogou-lhe um panfleto de volta, exclamando: 'Gostaria de afogá-la no seu próprio canal.' O trabalho dela como visitante da prisão em Swansea, diz A.T., significou muito para ela. Ela observou como os prisioneiros se sentiam amargurados por não poderem usar navalhas, em vez disso, as barbas eram-lhes cortadas. Com a agitação incansável que moveu pelos altos escalões, ela finalmente conseguiu permissão para terem navalhas de segurança, e o aumento resultante no moral foi tão grande que todas as prisões logo fizeram o mesmo.

(3) Neste escrito, datado de 11 de Julho, Winifred responde a uma pergunta que ela faz a si própria sobre o motivo de não escrever sobre um período ou fase mais recente da sua vida. Ela diz que seria atribuído à telepatia entre o filho, H.T., e a automatista G. Cummins.

A 12 de Julho, H.T. escreveu a Geraldine, que estava então na sua casa na Irlanda perto de Cork, estando ele em Haia, na Holanda, a dizer que a mãe 'se é que ainda existe e for capaz de acompanhar eventos terrestres' certamente estaria com ele desta vez, 'e pode estar disposto a comunicar sobre essas experiências partilhadas.' Ela tem estado bastante no pensamento dele.

Pode-se dizer que Winifred viu essa questão ser formulada na mente de Henry Tennant e por meio de Geraldine, respondeu antes que fosse redigida.

(4) Não foi descoberto quem esse 'Peter' era. A referência pode ser à publicação iminente dos papéis privados de 'Fred' (F. Myers) sobre o seu primeiro amor. Eles foram publicados sob a direção do Sr. W.H. Salter no vol. 52, parte 187, dos Anais da S.P.R., Outubro de 1958.

Sessão 30 - 22 de Julho de 1958

(Carta de Henry Tennant de 12 de Julho de 1958, produzida por Geraldine Cummins.

Astor encontra-se aqui. Sim, espere.

Winifred Tennant.

'Uma carta do meu filho. Deixe-me senti-la.

'Ah! Acho que vou reverter a minha decisão em vista do que foi escrito na carta que tenho diante de mim. Mas devo primeiro dizer-lhe que sabia que Henry iria escrever uma carta dessas. A impressão que tive reforçou-me o sentimento de que não iria escrever sobre o que, afinal, me é precioso enquanto experiência estranha e maravilhosa. Pois ele apenas haveria de negar tudo (1) Oh! Fiquei aborrecida com ele quando captei no pensamento dele aquela impressão da carta que ia escrever. Tive uma má impressão de conspiração com esse pensamento. Assim, a resposta que dou, como o Henry agora sabe, foi uma recusa em fazer o que ele pediu, com base em motivos bem fundados. Mas essas não foram as principais razões que tive para

rejeitar o pedido que vi a formar-se no pensamento dele. Eu não teria manchado com o ridículo e a negação subsequente um determinado acontecimento contemporâneo para mim. Mas agora, ao ler as palavras escritas da sua carta, fico tocada, comovida. Ele escreve:

"Ela provavelmente estaria comigo em espírito neste momento, se ela ainda existir." Assim, eu cedo.

'Em resposta, agora darei conta de certos acontecimentos contemporâneos na vida de minha alma. A primeira insinuação deles veio a mim numa memória pungente revivida de há muito tempo atrás — e tudo o que esta narrativa descreve está relacionado com o meu filho. Não foi muito antes do Henry nascer que tive a sensação do coração do bebé que estava por vir a bater dentro do meu corpo pesado. Isso deu-me uma estranha emoção de alegria. Então comecei a sofrer terríveis dores, pois havia muito movimento do bebé no meu ventre. Pelo menos foi o que me pareceu naquele ano em que Henry nasceu — 1913, creio bem.

'Neste nível póstumo, experimentei de novo a tortura daquela época distante e por fim, e misericordiosamente, veio a libertação e o alívio.

'Foi seguida pela experiência de pairar num esplendor indescritível de pura luz. A experiência foi sublime. Então lembrei-me do meu bebé e, no meu sonho, ouvi-o a chorar. Por dentro, senti-me como porventura no mito de Orfeu e Eurídice, que precisava descer ao inferno e resgatar o meu querido. Não vou descrever essa descida sombria e alarmante. Finalmente eu vi-te, Henry, meu filho, à distância, a lutar com o que pareciam ser figuras nas névoas. E eu soube com certeza que poderia, com o extraordinário poder do amor transmitido a mim pela pura Luz, libertar-te delas, e emiti tal anseio que foste capaz de te alçar além delas.

'De repente, como se eu te tivesse puxado montanha acima com uma corda, tu estavas comigo, na versão tua que eu havia conhecido em toda a sua maturidade quando eu na terra estava a definhar com a debilidade da idade. Mas desta vez eu senti o vigor e percebi que, embora a tua querida face estivesse iluminada, tu estavas épuisé (esgotado) e inconsciente da minha presença.

Então o que poderia ser comparado a correntes elétricas fluiu através de mim em resposta à minha oração, pois o fardo que representavas parecia demasiado pesado. Mas essas correntes estranhamente mudaram-te. Na verdade, ambos fomos transformados em figuras de Luz, e juntos alçamos voo. Mas comigo sempre a liderar, com o que parecia ser a tua mão pousada sobre a minha.

'Esse vôo pelas imensidões azuis é indescritível e tu, fraco, foste sustentado pelo amor que me foi dado de alguma fonte espiritual, e então pareceu-me que estávamos banhados no cálido amor de Deus.

'Tive o que se chama experiências místicas. Mas isso pareceu-me uma transmissão a ti, uma partilha contigo, da sua bem-aventurança. Portanto, toda a vida se aprofundou, se alargou para mim como nunca antes. Mas eu soube então que a única ilusão que não pode ser erradicada da mente humana é a morte.

'Pois embora tenha parecido que gostaste da iluminação e tenhas sentido vagamente a minha incomparável paz e amor, não pareceste perceber a minha presença. Eu tive a experiência de que, individualmente, aparte de mim, tu experimentaste algo do meu êxtase, mas tu não percebeste, tal como um sonâmbulo, que eu estava presente, eu, desperta, a apoiar-te, a dirigir-te e guiar-te no que, para mim, era luz gloriosa. O teu medo da morte talvez tenha impedido uma partilha total.

'Posso estar enganada, mas, quase no final do júbilo eterno que senti, pensei que soubesses que eu estava contigo, embora tu não tivesses o que se chama de perceção de mim, pois finalmente, senti por completo que éramos espiritualmente um.

'Foi uma experiência muito bela para mim. O fim veio então. Acredito que o receio da morte, a ilusão, te puxou para baixo da verdadeira realidade para as névoas ilusórias e enganosas.

'Ah! Eu segui-te e perdi-te numa confusão de obscuridade e um ruído dissonante, separação e fragmentos de pensamento humano quais destroços à deriva ao meu redor. Logo fiquei angustiado e assustada com toda aquela confusão. Mas eventualmente as coisas se acalmaram. Eu dei por mim no nível vibratório acima do mundo material, e estava sozinha e graças a Deus reinava o silêncio.

'Eu pensei que estava perto de ti, Henry, e tu estavas distante por estar encerrado no teu corpo físico, quando surgiu um estranho. Era um dos fisicamente desencarnados, mas ainda na sua concha astral, pelo que obviamente tinha morrido recentemente na Terra. Pude perceber que se tratava de uma mente capaz. Dirigi-me a ele e soube que ele tinha sido membro da profissão médica quando viveu na terra.

'Ainda muito angustiada com respeito ao meu Henry, eu disse a esse médico algo sobre as minhas experiências recentes e sobre a perda repentina do meu filho - na verdade, consultei esse médico com respeito a ti.

'Ele ouviu pacientemente tudo o que eu tinha a dizer e finalmente respondeu: "Ah! Sem dúvida é Osmund a causa dessa condição. Não me pareceu provável que aquela linda samambaia em flor tivesse alguma coisa a ver contigo.

'Mas então o médico prosseguiu, usando como os médicos fazem, algum termo médico que não tem significado para os pacientes, e disse que a tua era possivelmente uma condição psicadélica. Eu levei-o a repetir aquela palavra esquisita três vezes, pelo que acho que deve estar correta, e consegui a grafia dele. Por fim, perguntei: "Isso é algum tipo de loucura?"

'O médico sorriu e disse: Não, medo da loucura. Mas é melhor ele evitar uma dieta rica em proteínas, se é isso o que ele pretende. Eu recomendaria a uma pessoa assim que fizesse jejum e uma dieta leve." (2)

'Como o médico era um recém-chegado a esta vida e eu ainda estava agitada e sabia muito bem que um médico usa termos longos e inexplicáveis para encobrir a verdadeira opinião, deixei-o lá e desejei estabelecer um contacto direto com a mente do meu filho.

'Em resultado disso, percebi a carta anteriormente mencionada a tomar forma no seu subliminar, e, ainda aborrecida, escrevi a lacônica recusa de teu pedido, por meio de Geraldine.

'Essa, resumidamente, meu caro Henry, é a história dos acontecimentos contemporâneos, por que passei no que se relacionam contigo. Observei com alívio, quando estabeleci aquele contacto direto contigo que mencionei, que parecias bem de saúde e excecionalmente feliz. Ao passo que eu estava abalada e chateada depois daquela alarmante descida naquela à confusão e conhecer aquele médico estúpido. Irritada, escrevi aquela recusa à carta que vi então a formar-se no teu pensamento.

'O que quer que possas dizer, agora percebi que o teu eu permanente, de qualquer forma, esteve comigo durante um breve período, mais próximo do que nunca. Então isso é o que mais importa para mim. Vê bem, eu vi naquele eu mais profundo o teu verdadeiro amor por mim. Não me sentia mais preocupava, pois, que tu acreditasses que eu não existo.

'Winifred Tennant

(1) Na carta a Geraldine, após o recebimento do escrito no em que al sua mãe descreve a sua 'experiência mística' com ele, Henry T. diz que ele próprio não teve consciência disso. Não corresponde a nenhuma experiência própria que lhe tivesse inspirado o pedido.

(2) O episódio do médico intrigou tanto a automatista quanto o editor. Quanto à consulta da Sra. Winifred Tenant de um médico que ela conheceu por acaso, isso não intriga o filho, Alexander Tennant, pois diz ele que a mãe estava longe de ser avessa a consultar médicos.

Quanto ao uso das palavras 'Osmund' e 'psicadélico,' Winifred pensa que 'Osmund' se refira a Royal Fern, 'Osmunda' - ela própria era uma jardineira perspicaz, mas

'Psicadélica,' tão incompreensível para ela e para a automatista e, até muito recentemente, para o editor, é uma palavra introduzida por volta de 1951 pelo Dr. Henry Osmond para designar um grupo de agentes que se manifestam na mente, como a mescalina, o ácido lisérgico, a psilocibina e muitos outros. No caso da mescalina, de qualquer forma, o sujeito do experimento fará bem em evitar "uma dieta rica em proteínas" antes de a tomar.

Sessão 31 - 6 de Agosto de 1958

Astor. Winifred tem pedido a caneta com insistência. Ela pode interferir em outras comunicações se não atender ao pedido dela.

'Winifred Tennant.

'Obrigado, Geraldine, por esta oportunidade. Tenho estado intrigada com certas experiências recentes minhas que você reportou. Refiro-me ao meu relato da minha união mística com o Espírito da minha Alma-Grupo e a minha visão do meu filho, e da minha súbita descida do nível denso da terra em busca dele. Desde então, meditando nelas e no meu estranho embaraço, e sentindo-me em pedaços naquele estado terreno, um lampejo de lembrança veio a mim da experiência de um sonho esquecido que ocorreu pouco antes de meu voo místico. Quando esse indício me sobreveio, eu estava no meu mundo habitual, um reino meta-etérico. Contei ao meu marido sobre isso e ele aconselhou-me a descrevê-lo por meio da automatista e a pedir-lhe que perguntasse ao Sr. Salter se o sonho era de alguma forma verídico.

'Na minha vida atual pode-se ter durante um período de descanso o que é similar ao sonho de um ser humano durante o sono. (1)

'O sonho foi apenas mal iluminado e ocorreu num compartimento silencioso. Mas eu vi o Sr. Salter com toda a clareza. Conheço muito bem a aparência física dele, já que o vi recentemente em diversas ocasiões, através dos olhos da esposa, quando procurei dar-lhe instruções sobre a minha vida secreta.

'Mas no meu sonho eu vi o Sr. Salter sentado em frente ao meu filho Henry e a falar de forma volúvel com ele - pelo menos os lábios dele não paravam de se mover. Mas foi na mente dele que 'li' o assunto da palestra.

'Vi o que pareciam ser papéis ou datilografia e percebi registos das minhas sessões dados há muito tempo a Oliver Lodge, Gerald B. e ao grupo. A maior parte do conteúdo era novidade para o meu filho — notícias bastante surpreendentes. Ele achava que conhecia a mãe razoavelmente bem, mas, querido menino, ele não conhecia tudo! Ele pensou muito na nova revelação, segundo percebi, ao me tornar recetiva a diversas emoções dele, todas relacionadas com as suas próprias recordações pessoais

de mim. Ah, que confusão de pensamentos incompletos, imagens da "Winifred" não acudiram a ela da sua mente emocionalmente agitada. Isso fez com que a cena e o Sr. Salter desaparecessem da minha vista. Mais tarde, quando despertei, a primeira pergunta que pus a mim própria foi - como foi esses dois se juntaram, quando um vive na Inglaterra e o outro no exterior? (2) Foi para mim um sonho feliz. Mas logo foi esquecido, devido àquelas minhas experiências muito estranhas, que relatei no escrito anterior que lhe ditei Geraldine.

'Devido à relação que tive com a Helen (Sra. Salter), estou e tenho estado perfeitamente ciente de que eles estão selecionando evidências que obtive de sessões até agora mantidas em sigilo e agora a destinadas a ser reveladas. Parece ser uma questão de seleção e apresentação. Comuniquei a minha aprovação de tal divulgação há algum tempo. Ultimamente, quando encontrei o "Fred" e o Gerald, eles não quiseram discutir o assunto comigo e mudaram de assunto. Mas eu suspeito — eu, o eu que escreve — que Fred e Gerald estão perfeitamente *cientes* do que foi planejado por W.H. Mas eles receiam que eu possa retirar a minha aprovação e, conforme escrevi anteriormente, em todo caso, os homens adoram mistérios, e Gerald e Fred ainda estão no seu relacionamento no nível terreno, e muito nas suas personalidades humanas.

'O meu sonho pode ter sido simbólico, mas se verdadeiro em substância, eu entendo agora que a descoberta de detalhes da vida oculta da sua mãe por parte do meu filho teve um certo impacto emocional, ajudando a misturar a sua personalidade humana com a sua personalidade subliminar e, possivelmente, no seu sono, com o eu transcendental, e isso levou à nossa experiência espiritual juntos, à nossa gloriosa aventura no pico da existência. Sem dúvida, a recordação de qualquer dessas coisas é negada à sua personalidade humana firmemente plantada. Mas isso não tem importância.

'É claro que o sonho que relatei pode ser uma fantasia, evocada por lembranças do passado, ou uma confusão, uma mistura, criada pelo meu desejo sincero de converter Henry à minha visão de vida contínua e conquistá-lo à ilusão que ele nutre sobre a morte.

'Só o senhor. W.H. me pode dizer através de você Geraldine, se o meu sonho foi verídico, por isso envie-lhe esta carta, se faz favor, da "Winifred."

'Conforme escrevi antes, o ser humano vulgar assim como quando ele alcança o meu nível desencarnado, geralmente não é uma quantidade de eus (aspetos). Mas o seu eu dominante está aliado a centros menores de consciência ou unidades. Uma unidade pode agir de forma bastante independente e relatar tão vagamente uma experiência ao eu dominante que a esquece muito rapidamente. É o caso dos sonhos do sono com

muita frequência, e foi o caso deste sonho que tive durante o meu período de repouso. Existem até casos em que o eu dominante não regista conscientemente a experiência de uma unidade.'

(1) No seu diário do outro mundo, Swedenborg afirma ter observado o mesmo fenómeno.

(2) Essa foi uma impressão correta. H.T. e o Sr. W.H. Salter reuniram-se para discutir a publicação de algumas sessões da Sra. Willet com Sir Oliver Lodge e Lord Balfour. (Gerald Balfour). Num escrito posterior, não incluído nesta seleção, Winifred menciona o referido encontro como tendo ocorrido na Holanda. Não foi o caso, mas Alexander T. diz que houve um plano, que fracassou, de que os dois se encontrassem na Holanda.

Sessão 32 - 29 de Outubro de 1958

RELATA QUE PODE REVIVER NUMA ESPÉCIE DE SONHO

Astor. Um pedido da sua caneta foi-me pressionado. Winifred implorou por mais uma conversa com o filho.

(G. C. respondeu pela afirmativa)

Sendo assim vou deixá-la escrever.

'Winifred Tennant.

(Editor: Winifred fala sobre as diferenças de temperamento dos seus dois filhos, Henry e Alex, uma vez que isso afetou o relacionamento com cada um deles. Depois dirige-se a Henry e fala da sua vida atual.)

'Há uma doçura onírica no meu estado ou lugar atual. No entanto, o meu ambiente é familiar e inteiramente real. Eu vivo numa existência na forma, tanto na forma etérica humana como ambiental, com os contornos que a natureza e o homem proveem. No entanto, posso ser e não ser parte dessas formas. Eu não estou casada com elas nem soldada nelas. A mente de uma pessoa pode governar e alterar as condições de uma maneira impossível na Terra. Ou seja, se a pessoa se esforçar, se fizer um esforço.

'De momento, estou em casa novamente na Gales de há muito tempo. Recordas a rutura que sofri na vida com a morte do teu pai. Deves lembrar-te de como fui viver em um apartamento em Londres. Todo esse período não é o meu ambiente atual.

'Estou de volta à minha vida de casada. É diferente, embora na aparência à minha perceção seja o mesmo mundo exterior de razão, ordem e arranjos razoáveis. Mas é

diferente, humanamente falando. Estou muito com o Christopher, que é um amor, enquanto o teu pai fica com a Daff. Essa é uma experiência nova para mim.

"O que também é novidade é que pareço estar numa espécie de jardim-de-infância e nas minhas horas de trabalho revivo na memória o que o tempo da terra me arrebatou. Assim, no estudo da memória, não permaneço em Cadoxton. Eu entro no filme de eventos passados e faço excursões por diferentes épocas da minha vida terrena passada para a assimilar.

'Percebo de novo a minha vida pública promissora, o meu imenso entusiasmo pelo feiticeiro Galês, Lloyd George. Ele até me visitou na aparência da sua personalidade terrena passada, tão ardente e fogosa e cheio de força quanto no seu auge. Ele estava destinado a visitar-me por causa da influência precoce que exerceu nas minhas ações. Pois a sua oratória mágica levou-me a deixar de lado toda a timidez nervosa e a tornar-me uma oradora pública. Ele imbuiu-me a ideia de que nós, uns poucos eleitos, poderíamos reformar o mundo. Ah, como trabalhei duro no meu papel de político! Por meio das minhas perceções atuais, experimentei novamente o auge do prazer excitado que tive quando Lloyd George obteve para mim a nomeação de delegada feminina para a Liga das Nações. (Correto.) A fé do grande estadista em mim! Como pareceu maravilhoso.

'Sim, eu ia fazer maravilhas, realizar milagres em Genebra — desempenhar um papel na reparação de erros, acima de tudo facilitar uma certa paz suave para o mundo. Mas que desilusão a que me aguardava. E, no entanto, percebo agora que a amarga deceção, quando o meu sonho Utópico de uma humanidade melhor e reformada a viver em tranquilidade se desfez, e me deixou com uma sensação de futilidade, representou uma sorte para mim pessoalmente, pois produziu crescimento do meu verdadeiro eu permanente. Todas as minhas palestras e os esforços que empreendi na Liga das Nações, como eu o percebo e o revivo agora neste filme de memória, beneficiaram meu eu maior, mas prestaram-se a muito pouco serviço a qualquer outra pessoa.

'Uma experiência que a mim me pareceu apenas poeira e cinzas nos últimos anos ensinou-me no fundo um pouco de humildade e levou-me a ler, a ponderar e a olhar além do mundo material.

'Ao pesar e medir as minhas memórias agora, percebo o facto irónico de que o único estadista que ajudei e influenciei foi A.J.B. (Arthur James Balfour). Não dei importância a isso na época. Mas aquelas sessões feitas para o Arthur, a evidência que elas apresentaram - que tu Henry estudaste recentemente (correto) — convenceu-o de que ele tinha uma alma e que a outra metade da alma dele o iria encontrar numa vida futura. (1)

(Editor: Winifred agora explica ao filho que, se a existência atual dele lhe parece improdutiva a ele, na verdade pode ser produtiva, já que o seu período aparentemente estéril na Liga foi fértil para o eu permanente dela.)

'Não penses que a minha menção da evidência transcendental que obtive para A.J.B. tem o propósito de obter de suscitar em ti uma conversão para a crença na sobrevivência.

'É verdade que, quando me decidi a comunicar esses escritos do Gerald C., o meu objetivo principal era a tua conversão à ideia de que a tua mãe não fora obliterada, não era apenas um punhado de poeira, mas que, por mais mudada que estivesse, vivia e amava-te ainda.

'Concentrei-me naquele objetivo e não desperdicei oportunidade nenhuma de enviar mensagens amáveis a quem quer que fosse. Ah, eu estava cheia de zelo moral e missionário e esforcei-me por diversas maneiras por dar testemunho da minha identidade.

'Mas agora todo o desejo de te converter me deixou. Desde que tive aquela experiência extraordinária de carácter praticamente místico, quando tu e eu voamos juntos, estou satisfeita.

'Agora, ciente de ser uma experiência futura verdadeiramente espelhada, não me importo se até o fim dos teus dias você me consideras inexistente. . . O amor, uma força gravitacional neste mundo da mente, inevitavelmente nos unirá em alguma data futura. Enquanto isso, sê o mais feliz possível na tua ilusão de jardim-de-infância de que a morte significa extinção. Isso fará com que o universo pareça muito mais aconchegante para ti. Mas a vida prossegue inexoravelmente e o mesmo acontece com o amor que sinto por ti, querido filho.

'Winifred Tennant'

(1) Referência ao 'Caso do Domingo de Ramos' ver script 32, nota 1. É correto que Henry Tennant estudou recentemente as evidências desse caso. Conforme mencionado anteriormente, nada foi publicado sobre isso até alguns anos após as sessões Cummins-Willett.

Os fatos mencionados no escrito 32 foram verificados em notas de escritos anteriores. O objetivo de repetir a história da sua vida política parece destinar-se a encorajar o filho, H.T., que aparentemente tem sentido a futilidade da sua vida.

Sessão 33 - 11 de Abril de 1959

AS EXPERIÊNCIAS POR QUE PASSOU AO MORRER

Astor chega. Não, aconselho a não tentar estabelecer contacto com os dois que você mencionou hoje, pois Winifred é muito insistente na sua demanda da caneta, e acho que iria criar confusão, bloquear o caminho. Deixe-a vir.

'Winifred Tennant.

'Esta mensagem é para o meu filho e espero que você, Geraldine a trate como confidencial.

(Editor: Geraldine deu a sua palavra que o fazia, pelo que a maior parte deste escrito não pode ser publicada. A principal razão é que Winifred nele prova que ela é capaz de perceber circunstâncias presentes que são totalmente desconhecidas da automatista e, aliás, de quase todas a gente. Há, no entanto, no final do escrito, um relato da sua experiência de morte, que é diferente da matéria confidencial. Ela é publicada a seguir.)

'Eu tive muitas residências diferentes durante a minha vida inquieta. West Kensington (1) e associado a ela aquela curiosa escuridão que me envolveu ao redor, com uma textura de veludo negro.* Estar no corpo e não estar no corpo, incapaz de usar, de mover um membro sequer. No entanto, com clareza mental suficiente para perceber imagens, memórias da minha longa vida passada desde o início. Imagem após imagem ao longo dos anos. Todos os rostos, as aparências de todas as pessoas que preencheram os meus oitenta anos ou mais, a passar lentamente, projetadas em cenas passadas em grupos, ou uma a uma. Um vasto exército de fantasmas do passado - não assustador, mas muito surpreendente, e sempre o fundo de veludo negro.

* (N.T.: O 'veludo negro' a que o título festa obra faz alusão.)

'O ditado banal - "Um homem que se afoga vê toda a sua vida passar diante dele." Sim, eu tive essa experiência. Mas com grande esforço aboli esses fantasmas e tentei agarrar-me a um nome, "Henry — Henry." Preciso preparar-me. Recebe-lo de volta. Mas eu estava perdida, eu que conhecia Londres tão bem.

'West Kensington, preciso levantar-me, seguir em frente, West Kensington. O nome de vez em quando soava-me aos ouvidos como um relógio a marcar as horas. Aquelas badaladas soavam cada vez com maior frequência, até se tornar cansativo, cada vez mais insistente. "West Kensington, West Ken. . ." Ah, intolerável! Eu não vou chegar lá. Se não chegar lá, vou sentir falta do Henry.

'Houve o ruído de um rasgar e um dilacerar. Eu estava a pairar, misericordiosamente liberta, finalmente em paz.

'A experiência da morte de cada um é, sem dúvida, única. Isso foi a morte para mim. Nada sensacional, bastante ignóbil té, dirá você, Geraldine.

Mas agora eu estou inteiramente viva. Não como estávamos na terra, a viver em meras porções do eu. Eu percebo a piada irónica - homens e mulheres como que em mortalhas. Não somos nós, mas eles; nós, os mortos, somos livres. Não mais a recessão lenta; pelo contrário, vasta expansão.

(1) A última residência de Winifred foi em Kensington, onde ela morreu, após doença prolongada.

Sessão 34 - 30 de Maio de 1959

Astor chega. Sim. Bea (1) encontra-se aqui hoje.

Hoje a Bea está em segundo plano em relação à Winifred. Ela encontrou-a aqui e deu pistas e ajuda sobre a série de escritos que Winifred lhe ditou. Não a informamos disso antes, pois não desejamos que a sua mente fosse mais desviada do campo da Winifred para o da Gibbes e da Hilda, conforme poderia ter sido o caso. Mas hoje não há receio de tais invasões subconscientes, diz ela, se se concentrar na suspensão do seu pensamento e deixar o fluxo interior sair. Ela conclui que a Winifred pretende escrever sobre alguém relacionado a ela, provavelmente uma relação do Henry e dela própria, alguém recentemente falecido.

Assim, deixe que o pensamento fique em branco, sem se desviar para a escrita anterior recebida da parte da Winifred. Isto é algo bastante novo. Uma mensagem pessoal dirigida ao Henry, relacionada com os dele. Creio que dependerá de forma secundária de si e primária dela, assim como da força da Bea, o facto de vir a ser registado corretamente. Creio que, pelo que me é dado escutar, que este amigo ou parente do Henry, que faleceu este ano, enviou ou levou a enviar, alguém que fez uma tentativa por comunicar, por intermédio de outro, notícias da alma que partira.

Agora leia isto - de seguida relaxe e preste atenção - em cerca de meia hora.

* * *

Astor. A Winifred vai ligar-se consigo.

'Winifred Tennant.

'A minha última carta que te enderecei, (subentende-se que se dirige ao Henry) deve ter parecido um tanto mórbida, já que foi uma tentativa de te descrever as experiências emocionais por que passei nas minhas horas finais. O indivíduo que é

amplamente humano, conforme eu fui e ainda sou, é naturalmente mórbido e emotivo ao extremo com respeito à própria morte, mas esse é intrinsecamente muito menos o caso com respeito à morte das outras pessoas! Hoje vou escrever de modo mais animado acerca da passagem de uma pessoa muito querida. Filosoficamente falando, a morte é ocasião de regozijo do vosso lado assim como do nosso. Ah! Estou a tentar esclarecer-te. H de Henry.

O H é uma letra importante do alfabeto para mim, como poderás compreender. Contudo, os Londrinos negam a existência do H. Para eles o H foi extinto do discurso vivo, ou seja, em tudo o que é falado. Quando o veem na página impressa, está tão morto quanto o Dodo;* não conseguem retirá-lo do que para eles não passa impressão estática para palavras a oralidade movimentada, vibratória. Querido Henry, e não — 'enry — receio que ainda sejas cockney,** mas se eu escrever o H nesta página haverás de refletir que o H está tão morto quanto o Dodo.

**(NT: Ave extinta)*

***(NT: Londrino)*

'Mas *de mortuis nil nisi bonum. (NT: Expressão do Latim que quer dizer, 'Dos mortos, nada diga além de bem.')* Claro que esqueci que quando estou a discutir o que é somente pó sagrado, tu te encontras no devido estado de espírito de respeito religioso, e tires o chapéu numa saudação a essa forma de pó que em dissolução, com a devida reverência.

'Bem, então nesse estado de espírito, lê o meu comunicado.

'Podes estar ciente da pessoa a quem aludo quando digo que, durante a minha carreira na terra, tive uma certa amiga chamada Sr.ª Meg — Margaret, por quem tive uma enorme estima. Ela foi abençoada com um crânio, quando tão poucas mulheres se poderiam gabar do mesmo no meu tempo. Eu admirava muito a Margaret. Não era que nos víssemos amiúde, mas ela teve uma significativa influência na minha vida, conforme tu, é claro, sabes. Embora o seu crânio se tenha transformado em pó hás tantos anos, ela e eu encontramo-nos aqui muito em breve após a minha passagem.

Se conseguires continuar a ler sobre duas idiotas estúpidas, deixa que te diga que, não obstante as suas alegadas deficiências, a amizade entre essas duas — a Margaret e eu — foi reacesa e enriquecida. Tivemos as nossas conspirações e planos. Mas aparte isso, desfrutamos ambas da recordação do nosso passado terreno. Só que essa venturosa análise do passado foi interrompida por uma intimação surpreendente. A Margaret precipitou-se. Eu segui-a rumo a um abismo denso e sombrio, para por fim ser travada pela visão do encontro dela com a filha às portas da morte.

'É sobre essa experiência, esse inefável júbilo para ela, que me encarrega de te escrever. Ao longo dos anos jamais perdeu o contacto com a filha, mas essa intimação veio subitamente - por assim dizer, antes do tempo.

'Como tu, querido Henry, conheces a filha, tira o chapéu se fazes o favor, e murmura *Requiescat in pace*.*

*(NT: Do Latim, que significa 'Descansa em paz'.)

'A propósito, o epíteto Latino possibilita aos seres humanos a desculpa perfeita para demitirem os falecidos da sua vida. Contudo, creio que não demitirás com tal leviandade essa senhora — pelo menos se perceberes que o encontro que teve com a Margaret afectou imenso a tua mãe, que o testemunhou. Em que parão complexo não fomos entrelaçadas durante uma fase inicial da minha vida!

'Por mais ocupado que estejas com o teu trabalho e retirado das notícias pela distância, creio que terás ouvido falar da passagem da filha da Margaret, e te terás sentido tocado com ela. Vou chamar-lhe X — o fator grandeza desconhecido. Uma das razões para a tratar assim deve-se ao facto do marido ser ter amigo e ainda a considerar viva, embora para ele ela agora seja um fator grandeza desconhecido. Chama-lhe Sr. X e a ela Senhora X. Quanto maior a obscuridade, maior a clareza, na minha opinião. Isso facilita-me mais, entendes, escrever livremente sobre a matéria. (3)

'Sei tudo sobre o último encontro que tiveste com ele (X), quando com efeito li os pensamentos do querido senhor, ou fragmentos deles. Eu fui testemunha desse encontro ou encontros. Parece que estiveram juntos durante um tempo. Eu fui uma espia "quer no corpo quer fora dele," como disse São Paulo. Mas que importância terão tais ilusões como a nossa aparência, afinal. Maya, como os sábios orientais o definem, e a procuram tão sabiamente descartar assim.

'Che (sic)*

'Winifred T.'

*NT: Abreviatura que pretende significar 'Tal e qual', ou seja, deixar no ar uma dúvida quanto à afirmação anterior ou fidelidade da transcrição.)

(1) (Ed.) Bea é a Srta. E. Beatrice Gibbes, amiga e companheira de Geraldine de muitos anos, uma sábia ajudante do trabalho psíquico de Geraldine A senhorita Gibbes faleceu repentinamente em 1951.

(Ed.) Winifred, que teve que ser ajudada na comunicação no início, e depois aprendeu a fazê-lo sem ajuda, está agora num novo papel, ela própria a guardiã e ajudante de uma

alma que faleceu recentemente. Para fins de prova, a identidade dessa pessoa falecida foi ocultada da automatista, Geraldine e até mesmo do 'controlador' dela, Astor.

(2) Uma referência à Sra. Margaret Verrall, que ajudou Winifred nas suas tentativas de escrita automática habitual.

(3) A filha de Margaret Verral, Helen, casada com W.H. Salter, faleceu repentinamente em Abril de 1959. O Sr. 'X' representa o Sr. Salter.

G.C.: 'Este escrito enganou-me. Eu não sabia quem X era.

Sessão 35 - 31 de Maio de 1959

UMA NARRATIVA DA MORTE DA SRA. X (HELEN SALTER)

Astor chega - Winifred implora uma continuidade desta carta sobre uma conhecida dela deles.

'Winifred Tennant.

'Querido Henry,

'Agora tentarei recordar e relatar aquela cena de transição conforme a observei. Observei o afastamento da Sra. X (1) do seu corpo físico, não em estado de sono profundo, mas de plena consciência. Ela pairou acima dele. Mas uma aparição no nosso nível não significa necessariamente a morte. O cordão vital foi cortado em dois. Mas a partir de então recebi mais do que percebi. Captei uma impressão do espírito dela. Aqui vai.

"Ela percebeu que estava perfeitamente fora do corpo dela. Seria uma experiência extracorpórea, ela interrogou-se, enquanto olhava para o seu próprio rosto e a sua forma sob as cobertas. O facto de ela poder pensar com calma mostrar-te-á, Henry, que ela não sentiu qualquer dor física, e sei como tu te irás sentir feliz ao ouvir isso.

'Nesse momento, o lampejo dos pensamentos dela criou uma imagem que registei com clareza dela e do marido X, sentados perto do fogo, a conversar, durante a noite anterior. Experiências psíquicas pareceram ter feito parte da conversa. Ela ponderava agora sobre desta experiência presente, com o corpo dela por baixo, claramente delineado, e ela a flutuar afastado dele. Ah! Lembrar-se-ia ela dessa situação pela manhã, a ponto de lhe poder contar sobre a experiência que fizera fora do corpo? Ele iria questioná-la. Como poderia ela provar que isso tinha acontecido?

'Mas logo essa reflexão plácida deu lugar a uma emoção aguda. Surgiu um medo, aguçado como uma lança. Ela seria capaz de voltar para o corpo dela? Ah, ela tinha que voltar!

'Aqui desliguei-me da mente dela, quando de repente percebi Margaret e o marido, e percebi o propósito deles. Eles não iriam deixá-la debater-se a tentar voltar. Ah, eles queriam poupá-la tanto, poupá-la do que se chama morte-viva. Eles tinham razão; mas tudo parecia incrivelmente difícil.

'Ela afastou-se deles e então ficou suspensa sobre o abismo escuro da morte.

'Mas para abreviar esse período deprimente. Eles venceram. Depois disso, tudo ficou abençoadamente bem com ela.

'Cara Sra. X. Ela teve muita sorte com a forma da elevação dela. Mas é claro que ela não poderia esquecer. Apesar de toda a felicidade que Margaret trouxe consigo, apenas a princípio a Sr.ª X questionou com remorso os próprios atos na última fase da sua vida. Tanta coisa para deixar para trás. Se ela tivesse sido sensata, poderia ter vivido mais, e assim não teria abandonado X. Ela culpou-se por essa deserção. Entre outras coisas, ela não tinha cuidado de si própria, tinha ocultado a debilitação dos poderes físicos tanto quanto possível.

Ela sabia que os cuidados da casa a deixavam esgotada. Mas ela tinha os seus critérios e não deixava as coisas ao acaso, conforme deveria, para viver mais, pelo X. Ela espera, ela roga, que o querido X saia daquela casa (2). É em parte para produzir tal objetivo que envio esta mensagem, Henry. Se e quando vires X, aconselha-o a vender, a livrar-se daquela casa. Somente quando estiver livre dela ele poderá recuperar a liberdade, o tipo de liberdade para fazer o que ainda precisa fazer - que é mais importante do que ele imagina.

'Ah, com o tempo ele obteria o da realização, e realização nessa liberdade, o completar de uma vida bem vivida para um bom propósito. Se tu, Henry, não fores visitar o X, escreve-lhe a dar conta disto.

"Não tenho estado com a Margaret ultimamente, por achar que seja mais delicado não me intrometer naquele maravilhoso reencontro entre mãe e filha. Claro que tive notícias. Margaret chamou-me. Ela disse-me que o Sr. X havia planeado que, se ela morresse antes do marido, ela tentaria enviar-lhe uma mensagem através de mim. Aqui está, como Margaret mo disse.

'"Fale-lhe sobre a minha chegada segura, e diga-lhe que tudo está mais do que bem. Claro que sou forçada a descansar por dois queridos valentões muito tranquilizadores. Agora, a grande felicidade que sinto é que não demorará muito para que te juntes a mim aqui. Mas acredito que podes apressar o tempo. Há coisas a serem arrumadas. Só tu podes fazê-lo, deves fazê-lo, antes de teres permissão para vir. Então não percas tempo, não falhes. Não desanimes, como por vezes eu desanimava. Quando chegares aqui, perceberás que a tua vida foi bem vivida. Irás. . . "

"Havia mais do que isto na mensagem que Margaret me delegou. Mas não me importo de repeti-lo por um bom motivo.

'Agora, quanto à entrega desta mensagem que Margaret me deu, sinto-me um pouco na dúvida sobre uma abordagem do Sr. X. Tu, Henry, conhece-lo melhor do que eu, pelo que deixo para decidas se achas amável ou sensato dar-lhe esta mensagem, ou dizer-lhe qualquer coisa sobre o que eu escrevi. Pode ser cruelmente indelicado fazê-lo. Para algumas pessoas, uma perda como a dele é sagrada. Ninguém deve se mencioná-la. Deve ser totalmente ignorada.

'Ah, eu lembro-me que ele é um homem de mente religiosa — gosta muito de ler a Bíblia. Nesse caso, ele certamente não irá gostar desta mensagem. Caro Sr. X, talvez seja melhor deixá-lo em paz.

'Só tenho mais uma coisa a dizer. Perdoa os comentários levianos endereçados a ti nestas duas cartas — referências a todo aquele tirar solenes do chapéu que os homens fazem etc. Mas, ah meu querido Henry, a tua falta de crença em mim por vezes enfurece-me, e aí eu escrevo-te de forma desagradável e sarcástica. G. (Gurney) me ajuda com isso de antemão — "É bom para o jovem," diz ele. Bem, deixa pra lá. Sob sua — a orientação de G. — escrevo que permaneço

'A tua amada, porém, inexistente

'MÃE.'

(1) A Sra. X é a Sra. Salter. Winifred continua a mascarar os participantes neste evento.

(2) O Sr. WH Salter considerou deixar a casa.

Sessão 36 - 16 Julho, 1959

Astor encontra-se aqui. A Winifred está ansiosa por perceber a carta do filho. Ela diz ter uma confissão a fazer a ele, que poderá esclarecer uma certa confusão as ideias dele acerca de porções de outras cartas que ela lhe escreveu. Ela por fim tem permissão para revelar um segredo.

'Winifred Tennant.

(Dirigida ao filho Henry.)

'Não muito depois de te começar a enviar mensagens, fui abordada pelos meus amigos para quem trabalhei como automatista durante a minha vida. Eles consideraram que as dificuldades tinham sido consideráveis para mim na apresentação bem-sucedida através de Geraldine, de algo que causasse impressão no público intelectual. Assim, nomearam o Edmund Gurney como meu assistente. Íamos trabalhar

numa dupla, por assim dizer, ele a fim de prover a força e eu no sentido de me tornar na comunicadora efetiva. O Edmund foi escolhido por causa da relação que tivera, física e mental com W.H. (1) Uma vez que W.H. era jovem teve considerável influência sobre ele nas classes mais aprofundadas através da mente racial inconsciente da família.

'Essa influência arrefeceu o interesse morno original do Sr. Salter pela pesquisa psíquica. Edmund alega que ele for bem-sucedido na direção da sua carreira na medida que W.H. se tornou no responsável pela Sociedade de Pesquisa Psíquica (2) e fora um agente bastante útil para o grupo aqui, por durante muitos anos cuidar de manter a S.P.P. viva, a conduzir, em conjugação com a excelente esposa por entre as muitas tempestades em que poderia muito bem ter naufragado. Entre a influência da Helen e a do Edmund, W.H. não poderia ter escapado ao seu destino.

'Enquanto meu assistente, o Edmund foi a diversos títulos muito útil. Ele elaborou os contornos de certos escritos via Geraldine C. Eu forneci as recordações e fui a comunicadora que orientou a caneta. Mas houve ocasiões em que ele invadiu o território da minha mente. De facto, a mente dele, em certos casos, ao me misturar com a minha, pode ter, conforme ele próprio admite, retirado à revelação o que era característico meu.

Quero esclarecer que ocasionalmente o seu apurado sentido de humor, conforme exemplificado em passagens de certos escritos e na sua conceção satírica, não foram da minha autoria, e eu disse-lhe que alguns dos comentários conforme anotados pela automatista não tinham saído conforme eu os tinha expressado, e além disso o seu humor era demasiado leviano e baixo no carácter.

'Isso eu repudio, e peço que em qualquer eventual análise dos escritos seja feita a devida concessão à mistura do Gurney no estilo e abordagem de certos escritos. Existe, é claro, um resíduo considerável de mim neles. Ainda assim, escrevi por iniciativa própria diversas cartas pessoais que foram inteiramente minhas. Fico grata por perceber na tua dileta carta, Henry, que agora tenho diante de mim, em que reconheces algo de mim nas últimas cartas recebidas por ti.

'Por outro lado, devo sinceramente dizer que eu, enquanto uma novata neste nível da vida, eu teria completamente fracassado, devido às dificuldades de comunicação, não fora a assistência experiente do Edmund e força motriz.

'A morte da Helen levou o Edmund a insistir que ele devia assumir o controlo, não meramente por a Helen ser a sua parente, mas por:

(1) Era necessário, caso a evidência fosse para ser fornecida, que a automatista fosse despistada. Desse modo fatos desconhecidos dela poderiam ser mais facilmente transmitidos.

(2) Essa obscuridade da escrita conforme foi o caso nas correspondências cruzadas haveriam de impressionar mais W.H.

'Fomos durante um tempo infelizmente derrotados pelo facto da automatista não nos dar atenção. Mas eventualmente comunicamos um escrito que dava notícias da Helen de uma forma enigmática. Posteriormente desaprovei o cunho de sátira que ele injetou nele com relação a ti, Henry. Pelo menos considerei que algumas passagens fornecidas pelo Edmund eram de certa forma de mau gosto. Mas o Edmund estava empolgado a planear o enigma para o W.H.

'Eu empunhei a caneta, é claro, a minha mente em parte misturou-se com a do Edmund. Certamente que eu concordara antecipadamente em que o Astor fosse informado de que a informação veiculada através da Sr.ª Verrall e da filha devia ser comunicada com respeito aos parentes do nosso próprio T. Somente nisso foi feita uma mentira inofensiva certamente que enganou a automatista. Mas é uma declaração verídica a de que Margaret Verrall neste nível é parente minha.

Porque nós vivemos num mundo de pensamento criativo, e ela é mental e intelectualmente da minha própria família. Conforme o Edmund disse: "Na terra é afirmado que o sangue pode ser mais espesso que a água, mas no nosso nível, não é nem espesso nem fluído já que não existe." Neste outro mundo estamos em relação uns com os outros por termos vivido na terra no destino uns dos outros, desígnio ou círculo, em maior ou menor medida, através das nossas imaginações emocionalmente orientadas, através do que pertence a mentes similares.

'Em tal clareza mental dei por mim atraída afetuosamente pela Margaret Verrall, e antes da passagem da Helen, chegamos a conhecer-nos na perfeição. Mas mesmo nas nossas limitadas e agitadas, a afinidade mental foi demonstrada no caso da correspondência cruzada. A triste separação pela morte da Margaret no segundo ano da Primeira Grande Guerra afetou-me enormemente na altura. Penso, de facto, que o meu melhor trabalho psíquico foi realizado antes da partida dela. (3) Isso por estarmos imaginativamente ligados uma à outra por fios subtis, embora não o soubéssemos.

'Mas, para regressar ao meu primeiro escrito. A descrição nele feito da Margaret, do seu modo apressado, a visão que tive fora do corpo dela, e a minha subsequente receção de uma mensagem dada pela Helen à Margaret e relatada a mim, procedeu de mim e não foi influenciada pelo Edmund. Perto do final a mente dele começou a misturar-se com a minha de novo, pelo que encerrei a carta de forma abrupta.

'Eu estava sem paciência para com ele, na altura. De modo que ele concordou que num segundo escrito viesse a empregar-se um outro método. A mente subliminal da Geraldine, que se chama Astor (4) seria sustentada por nós na medida do possível no campo da Verrall e descreveria o que transpirou por volta do abandono da Helen do corpo físico. Foi algo mais do que seleção mútua. Até que ponto terá o Astor sido bem-sucedido não sabemos, mas cremos que ele tenha selecionado e descrito com precisão parcial.

'Sem dúvida ele cometeu erros e esses precisam ser tolerados por ele estar a ler pensamentos e imagens, e a esforçar-se por os relatar num relato coerente. É um processo bastante difícil interpretar símbolos de memória — para uma mente subliminal, de qualquer modo.

'Quanto às notícias mais recentes. Tive a imensa alegria de saudar e acolher a Helen. Para além do mais o pai e a mãe dela, um irmão dela, estiveram presente (5) mas ele ficou em segundo plano. Ela sentia-se especialmente preocupada com o W.H. O desejo especial que ela tinha é que ele complete o trabalho dele para a Sociedade de Pesquisa Psíquica. Até que ele termine certos trabalhos que tem diante dele, ele não será liberto do campo de confinamento da terra. Daí o anseio dela de que ele se ocupe, por mais difícil que seja, deles, tão logo todas as coisas tiverem sido resolvidas. É uma angústia para ela que ele tenha o fardo da Crown House, mas foi-lhe assegurado que auxílio lhe está a ser dado. Assim, a mente dela está mais em paz com respeito a ele agora. . . (6)

'Não consigo manter. Preciso terminar.

(1) Edmund Gurney era um primo afastado de W.H. Salter.

(2) W.H. Salter foi Secretário Honorário da Sociedade de P. Psíquica desde 1924 até 1958 Foi Presidente dela entre os anos 1947-8

(3) Correcto. O melhor trabalho psíquico da Sr.ª Willett foi considerado o que foi feito antes da morte da Sr.ª Verrall, em 1915.

(4) Uma afirmação curiosa se não fosse feita por uma inteligência desencarnada. Nesse caso é a 'mente subliminal' da Geraldine a descartar as próprias declarações com respeito a si própria — por ser uma inteligência separada, chamada Astor, eu foi um antigo médico Grego. Ver panfleto da autoria de Miss Beatrice Gibbess sobre os Controladores da Geraldine Cummins.

(5) Um irmão (?)

(6) O Sr. W.H. Salter decidiu permanecer em sua casa.

Sessão 37 - 9 de Junho de 1959

(Antes deste, dois escritos foram entregues à Sra. Flower, da parte do marido, Cecil. Eles tiveram lugar a 7 e 8 de Junho. A 9 de Junho, surgiram os seguintes.)

Astor: Sim, pedi a Cecil para parar de escrever ontem, por causa da interferência. Uma mente penetrante e incomum estava de entrada. Você mal percebe como por vezes é difícil, quando não há um assistente que ajude a focar o campo no seu círculo.

(G.C. perguntou por ele)

Sim, ele tinha alguma mensagem e gostaria de a transmitir. Mas pegue na carta da Brigit Flower.

(G.C. pegou na carta)

Foram os pensamentos dela, o seu poder de atração, que trouxeram este homem de há muito tempo atrás. Ele apresentou-se com roupas antiquadas — - sobrecasaca e cartola alta. Ele pertenceu ao período Vitoriano. Talvez ele seja um ancestral da Brigid. Ah! Agora a carta trá-lo de volta. Sim, ele é uma alma muito interessante. Há outros dois com ele. 'Somos uma trilogia,' diz ele, mas neste meu mundo uma trilogia é o reverso da tragédia.

Na terminologia comum, acredita-se que a última fase da vida do ser humano na terra seja trágica. Daí o luto e o crepe nos enterros. Mas aqui é o inverso, a alegria do nascimento. Gradualmente, há uma emergência da trilogia das experiências, das dores da decadência, do rompimento, das enfermidades, das sombrias limitações da velhice, para o início da primavera de uma nova vida no nosso nível.'

Ele diz que ele e a esposa estão com a filha agora, a terceira da trilogia. 'Fomos convocados de um outro nível. Daí a nossa chegada após o nascimento. Mas foi para nós o momento certo naquele nível denso do Hades. Ela estava a lutar para voltar, a tentar reentrar no corpo físico dela. Ela estava perturbada, não nos reconheceu; ela apenas desejava voltar para ele. Foi tudo muito difícil, mas finalmente conseguimos impedi-la de voltar e controlar novamente o seu corpo físico; assim nós resgatámo-la a muito sofrimento físico e angústia mental. (1)

"Quero que saibam que ela simplesmente retirou-se rapidamente do corpo, viu-se acima dele e lutou freneticamente para regressar. Devido a esse deslize na sua passagem, ela não sentiu dor. Então, por que a mantivemos? Não foi por egoísmo. Simplesmente não podia permitir-lhe o horror das dores dia após dia. Marcados na minha memória estão muitos anos de sofrimento na terra. A minha foi uma longa experiência de dor, antes da libertação misericordiosa da morte. Eu padeci de uma doença dos ossos. (2) Mas detestei ser derrotado por ela. Sofri ainda mais por não

descansar. Continuei a trabalhar, muitas vezes com dores agudas, com um sorriso estampado ao encarando as pessoas, e ao falar.

'Adorei falar, controlar uma audiência. Então, em vez de tomar narcóticos, entorpecer o espírito e, de descansar numa posição confortável, enfrentei a minha artrite inimiga numa batalha. Eu era um homem orgulhoso. Eu não me deixaria derrotar por ela. V de vitória. Ah sim! Continuei a trabalhar, a ficar cada vez mais incapacitado. Mas, de qualquer forma, ninguém sabia o que isso significou em termos de sofrimento físico.

'Estávamos determinados a não deixar que a nossa querida não fosse um inválido torturado, mantida viva por drogas amaldiçoadas. O dela era um problema cardíaco. (3) Nós vencemos, nós salvámo-la. Mais tarde, ela reconheceu-nos, e o nosso acolhimento lhe trouxe-lhe paz. Ela dorme bem, só de vez em quando acorda durante um tempo e depois, qual criança pequena, dorme novamente.'

Isso é tudo o que ele vai dizer. Eles estão a desaparecer agora. Sinto interesse por esta alma incomum e brilhante.

(G.C. perguntou qual era a sua profissão.)

Astor: É difícil situá-lo. Quero dizer, o que ele foi, a posição que ocupou quando viveu na terra. Acho que ele deve ter sido um grande ator, a julgar pelos vislumbres que tive das suas memórias. Eu captei uma associação com o drama. Se não foi ator, escreveu peças. Eu vi uma foto em sua memória. Ele estava a escrever, depois andava de um lado para o outro no que parecia ser um escritório forrado de livros, a recitar linhas — versos soltos*, porventura, e a fazer belos gestos. Eu catei uma sensação da voz dele; era cuidadosamente tratada, retumbante no tom, mas variada e subtilmente usada para tecer encantamento sobre os outros, a fim de lhes absorver por completo a atenção. (4)

*(NT: Em poesia, chama-se ao que é caracterizado por versificação em estrofe, que pode apresentar uma métrica, porém que não apresenta rima.)

Percebi o seu ambiente atual, vi um antigo templo Grego e perto dele um anfiteatro, montanhas, um mar cintilante e um céu azul profundo. Ele costumava, aquando do estudo que fazia na Terra, visualizar essa cena tantas vezes que foi fácil para ele criá-la realmente aqui. Ele está a sugar as doçuras da era anterior à do cristo, agora na Grécia do sonho terreno dele. Na terra, o homem, à medida que envelhece, vive no seu sonho. Se isso significar muito para ele, ele ficará preso na sua teia aqui. Mas é um processo evolutivo natural, associado ao eventual desenvolvimento da psique, quando ela passa para coisas inimagináveis para o homem mortal. Entra então no mundo da mente criativa. Primeiro o sonho terreno é assim assimilado e, uma vez digerido, ele salta para outro nível.

Com o V de Vitória - ele não me deu outro nome - estava a distanciar-se, depois de dar a sua mensagem, esse antigo ambiente Grego foi o seu pano de fundo. Ao se despedir de mim, ele apontou para um anfiteatro e exclamou: "Estou a perceber a coisa real agora e, por Deus, eles sabiam como representar."

Mas ele viveu no século passado e foi um Inglês, que viveu restringido à Inglaterra durante a sua existência terrena.

Talvez ele tenha tido uma vida anterior na Grécia antiga. Daí a recriação dele como seu ambiente atual.

Isso é tudo que posso dizer sobre esse ator. É a carta de Brigid que parece tê-lo atraído até si. Pergunte-lhe sobre ele. Ele pode ser algum parente de uma geração anterior ou um ator que ela admirou pela sua atuação.

(1) Foi erroneamente suposto por G. C. e Astor que este escrito fosse para a Sra. Flower, razão porque lhe foi endereçado. A sra. Flower negou que o escrito se lhe aplicasse. Ela não tem, por exemplo, nenhum ancestral dramaturgo, etc. A Sra. Flower e Geraldine então concordaram que o escrito era uma produção subconsciente, porque Geraldine havia escrito peças de camponeses Irlandeses para o Teatro Abbey, e a escrita descrevia um dramaturgo a trabalhar. Essa suposição foi fortalecida pela menção do problema de artrite do comunicador, uma vez que a Sra. Flower também sofria dela. Mas um escrito posterior forneceu a pista. Supôs-se então que a escrita da sessão 37 pudesse ser para o Sr. W. H. Salter, pelo que lhe foi remetida, e ele verificou o conteúdo como aplicável ao sogro, Professor A.W. Verrall e à sua filha Helen, Sra. W. H. Salter, que morreu repentinamente durante o sono numa noite do mês de Abril anterior.

(2) W.H. Salter em carta enviada à Geraldine de 3 de Setembro de 1959: 'Ele (Professor Verrall) padeceu de um incremento de artrite, mas suportava as dores e a incapacidade com notável alegria.

(3) Correto.

(4) W.H. Salter na mesma referida carta: 'A impressão de A.W. Verrall é deveras interessante. Grande parte do trabalho dele consistia em interpretar, editar e, em alguns casos, traduzir os dramaturgos Gregos. Ele era um conferencista magnífico; costumava-se dizer que as suas palestras eram tão boas quanto peças de teatro.

Sessão 38 - 24 de Julho de 1959

O RELATO DA SR.ª X (HELEN SALTER) SOBRE A SUA PRÓPRIA PASSAGEM

Astor: Aqui estão Winifred e Helen. Deixo a caneta à Winifred.

'Winifred Tennant.

'Caro W.H.

'Helen e eu temos feito muito repouso. Mas, além de outros obstáculos, tem sido difícil chegar até ela, por os Verrall cuidarem tão bem dela, e a tratarem como se ela fosse um bebé recém-nascido - o que de certa forma ela é - nova aqui.

'Mas finalmente tive uma conversa com a adorada. Quero dizer, eu tive-a só para mim. Eu chamo isso de palestra, mas foi algo mais — um estado de espírito aqui que você não conseguiria entender. Revivemos na memória — mesmo de um tempo antes de você chegar. Foi para mim como o virar as páginas de um livro de imagens, e depois reconstruí-las como um encenador constrói uma imagem de palco, mas com o ambiente, o cenário e figurantes de outros tempos. Era Cambridge — o período da juventude quando ela estudou lá na Universidade. Mas saltamos a visita que fez à Universidade de Dublin. (1) Mantivemo-nos mais ou menos nas duas casas quase opostas uma à outra. (2)

'Lembro-me do tempo em que fiquei com o Fred e a Eveleen na outra casa, e do interesse da gente culta que ia e vinha a ambas as casas. Helen era uma garota intrinsecamente tímida e sensível, como eu lhe disse. Acho que eu nunca fui tímida. Mas ela sempre mostrava ter profundidade, bom senso. Mas ela aprendeu a ficar calada ante pais tão competentes, e a empenhar-se devagar assim como com cautela. Ah! Eu não devo divagar assim. Direi apenas que acho que lhe fez bem tirá-la de 1959 de volta a cinquenta anos atrás. Tal como alguém faz uma viagem pelo espaço continental, aqui a Helen e eu fizemos uma viagem pelo tempo passado.

"Quanta diversão, quanto mexerico não fizemos com respeito a tudo aquilo — os aborrecimentos e os prazeres, acima de tudo o elemento humano — a surpresa da Margaret, por exemplo, e reação de choque desagradável quando ela voltou repudiada pela Eveleen na ocasião em que lhe mostrou pela primeira vez as mensagens que recebera de um Fred desencarnado. (3)

'Relatei, de forma recíproca, exemplos dos próprios choques que sofri com respeito a questões familiares, nas entrevistas que tive com a Eveleen a respeito delas. Primeiro foi o esnobismo dela, e nisso eu tive que a colocar no seu lugar. Depois, durante algum tempo, ela considerou o irmão muito mais irmão dela do que meu marido. Eu tinha algum dinheiro meu e tomava a liberdade que me ele me

proporcionava de ficar longe do meu marido quando me convinha. Eu instruí-o no sentido de concordar e com o tempo acho que ele percebeu o valor de tais ausências. Elas introduziram uma novidade na nossa vida de casados. Na minha volta para ele, partilhávamos as nossas experiências separadamente, e elas tornavam-nos melhores companheiros.

'É claro que para uma mulher tão possessiva como a pobre e querida Eveleen, a minha conduta era ultrajante. Mas ah, se ela tivesse praticado tais ausências com o Fred, ele tê-la-ia amado muito mais. Mesmo assim, conforme eu disse à Helen, certas entrevistas antigas com a Eveleen deixaram-me bastante abalada. Eu era jovem então. (4) Que coração mais ardente! E agora, no ano de 1959, quando comungamos em relação eles, e o próprio conhecimento que a Helen tinha sobre as conversas que a Eveleen tinha com a Margaret, foram apenas uma ocasião de desfrute dos ricos efeitos cómicos, e o pathos (sofrimento) da pobre e querida Eveleen também nos comoveu. Não somos umas infelizes completamente endurecidas.

'Ah, agora a Helen está pronta para lhe escrever, William Henry

'O que eu (Winifred) escrevi é apenas uma lembrança de parte da conversa que tivemos e do nosso encontro. Mas aqui é possível tornar objetivo um determinado período no passado, e acho que ela realmente gostou das cenas de Cambridge que eu imaginei para ela.

'Helen Salter.

'Tão estranho, pegar na caneta de novo.'

(Trechos do escrito da carta da Sra. Salter para o marido:)

'. . . a minha vez de fazer o que alguns acreditam ser uma longa jornada. Mas para mim foi uma viagem tão curta. Ah, foi tão incrivelmente fácil e indolor. Tive apenas um breve pesadelo, quando quis voltar ao meu corpo para voltar para ti. Um pesadelo de um instante. Isso é tudo que a morte foi para mim. Depois disso, quase imediatamente, veio o momento inimaginável - uma mãe e um pai acolhedores. Ah, tal como eles tinham sido num passado distante, no seu auge. Você não pode imaginar a sensação de segurança que eles me deram. Liberdade imediata daquela coisa inerte, o meu corpo – liberdade do medo do Desconhecido.

'Lá estavam eles, de mãos dadas, por assim dizer, com toda. . . toda a segurança que eu conhecera quando jovem e irresponsável. Eu estava de volta à velha casa, envolta no seu antigo contentamento aplicado. Mas eles não trouxeram muitas visitas. Foi mantido em silêncio para ser um refúgio de paz acolhedora para mim.

'No passado, nós, você e eu, imaginamos como seria a nossa chegada a este nível. Mas nada do que imaginávamos se comparava àquela sensação bela, surpreendente e caseira que tive com esses dois protetores à minha espera. É por isso que lhe chamo 'momento inimaginável.'

'A saída da morte é tão simples, e toda a nossa vida nós a tornamos intrinsecamente complicada, com palavras longas e sem sentido. Éramos intelectualmente emancipadas dos pronunciamentos religiosos solenes e sombrios. Mas eramos atadas pela tecelagem ininterrupta de frases dos intelectuais que acabavam por rasgar os nossos pobres eus em muitos pedaços e os aboliam.

'Bem, tudo o que aquela morte terrível significou para mim foi um retorno ao meu antigo lar - uma jornada muito mais curta do que o mais curto dos vôos aéreos. Quase me envergonho de escrever sobre tal anticlímax em relação ao nosso exaustivo trabalho e estudo. (5)

'É claro que os nossos amigos dirão sobre este relato das minhas experiências - caso eles não o descartem por completo - que o meu espectro moribundo está a viver num sonho diáfano. Mas nesse caso é o mais agradável que já sonhei quando dormia na terra.

'Mas a nossa vidinha não é aperfeiçoada com um sono.' No meu caso, fez uma volta completa à infância e juventude. Os meus pais, A.W. e Margaret vieram de regiões e aspetos além do meu conhecimento e adotaram a antiga aparência. Tudo isso está no depósito da memória. Eles apareceram-me como eu os recordava nos primeiros anos da minha vida, antes de você entrar nela. Trouxeram com eles a minha antiquada casa de outrora e a sua querida e confortável fealdade, os seus livros, os seus papéis e as suas flores, até mesmo as fotografias que se viam em grande quantidade nos salões vitorianos, salas de estar e escritórios. Como estou desfruto da sua querida atmosfera! Eu estava muito cansada, e isso foi tão repousante para mim - imbuída como está da fragrância de muitas memórias distantes. Ah, isto vai mudar, eu sei. Mais tarde - visitantes, amigos, o ambiente de outra cena na minha vida.'

(Editor: Foram feitas diversas omissões de coisas íntimas, exceto o comentário da Helen sobre a 'Winifred'):

"Eu diverti-me com a tentativa da querida Winifred de me consolar, que ela desenvolveu na sua carta. O plano das ausências ideais dela do marido. Quão pouco ela conheceu, se é que alguma vez teve alguma experiência da perfeita camaradagem.'

(1) Helen Verrall Salter formou-se na Universidade de Dublin numa época em que Cambridge não permitia diplomar as mulheres.

(2) Correto. Os Verralls e os Myers viveram praticamente frente a frente uns com os outros em Cambridge, nos velhos tempos.

(3) Conforme mencionado anteriormente, a Sra. Verrall enfrentou o desagrado de Eveleen Myers quando ela lhe mostrou as mensagens de escrita automática que a Sra. Verrall havia recebido do Myers.

(4) Nos primeiros diários da Sra. Willet há muitas evidências de como ela se sentia em relação à Sra. Eveleen assim como passou a sentir-se em relação à sua outra cunhada, Dorothy, por causa das 'suas maneiras falsas e inescrupulosas.' (23 de Fevereiro de 1908)

(5) O Sr. e a Sra. Salter trabalharam juntos na pesquisa psíquica.

Sessão 39 - 23 de novembro de 1959

FALA SOBRE O TRATO QUE DISPENSOU AO FILHO ALEX

Escrito antes da Geraldine C. conhecer os dois filhos da Sra. Tennant. Ela conheceu Henry T. durante alguns minutos a 3 de Dezembro de 1959, e o Alex numa noite de Fevereiro de 1960

(Após as observações introdutórias de Astor):

'Winnifred Tennant.

'É necessidade urgente que tenho de te escrever sobre um assunto particular que diz respeito a nós os dois. Tenho uma confissão humilhante a fazer e devo pôr de lado o orgulho. O assunto em questão requer uma certa explicação. Podes rasgar esta carta e jogá-la fora antes mesmo de ler até o fim. Se sentires esse impulso, por favor, deixa-o de lado e, quando estiveres num estado de espírito de maior desapegado, lê seriamente o que tenho a dizer como se fosse a história de outro indivíduo. Somente então emite qualquer juízo. E agora eis aqui a minha história.

'Fui testemunha do filme da memória, do registo da minha vida. Alguns fragmentos dele eu ditei desta maneira, que tu poderás ter lido. Eles foram expressadas de modo desconexo e por partes, um mero reflexo dos meus humores em tempos passados durante a minha vida terrena, ou uma apresentação de uma máscara do eu com a lábia da conversação convencional de há muito tempo atrás.

'Mas a mente tem, como tu deverás saber, câmaras subterrâneas, algumas das quais podem ser comparadas a masmorras fétidas e purulentas. Recentemente, tive uma

revelação desanimadora de uma delas. Sinto que devo partilhá-la contigo ou de futuro não terei paz de espírito. *Tout comprendre c'est tout pardoner,* reza um velho e sábio ditado a ter em mente. Esse é o único apelo que faço como atenuante do erro de uma vida inteira.

'Agora devo escrever sobre o ano antes de tu nasceres, quando a minha filhinha Daphne morreu. Nas mensagens que dirigi ao Henry, descrevi a dor inconsolável que senti com a substituição da Daphne. Ah, quão desapontada não fiquei quando soube que esse sonho feliz não passava de uma fantasia ilusória. Nos primeiros dias após o nascimento, repeli o meu filho bebé (Alex), e vinguei a amargura que sentia no seu minúsculo eu inocente. Foi mais por pensamentos do que por atos. Mas na tenra idade, o bebé é inconscientemente sensível à emoções que a mãe em relação a ele. A natureza implantou nele o instinto de recorrer a ela na sua fraqueza como sua providência protetora.

'A Providência rejeitou o meu pobre Alex.

'Felizmente eras um menino saudável e normal, mas isso produziu em ti uma certa timidez e cautela em relação à tua aparentemente caprichosa mãe. Pois mais tarde, quando eu estava mais forte e mais eu própria de novo, senti remorso e fui de um extremo ao outro e devotei-me ao meu filho. Mas era tarde demais. O meu filhinho, que estava mesmo a começar a andar, era independente, afastava-se dos meus beijos, rejeitava os meus afetos impulsivos e violentos. Ele ficava profundamente alarmado com isso. Então, eventualmente, aquela mãe primitiva sentiu-se magoada e aborrecida e afastou-se dele justamente quando o poderia ter conquistado com a sua persistência e amabilidade. Assim, uma barreira psicológica começou a crescer entre nós. Então seguiu-se o nascimento do Henry, e ele tornou-se no centro da minha vida.

"Agora vejo que fundamentalmente eu era uma mãe possessiva. Como tu, um garotinho robusto, te recusaste a ser possuído, virei-me instintivamente para o Henry e procurei possuí-lo.

'Tu herdaste uma certa dose de intuição de mim. Mais tarde, essa intuição prestou-te um serviço, levou-te a permanecer, enquanto estudante e jovem, distante de mim tal como me pareceu, e casaste-te com uma senhora encantadora, gentil e cativante. Eu tive até ciúmes dela, embora não o demonstrasse. Henry não tem, acredito, nenhuma intuição, pelo que ele cedeu demais ao meu amor possessivo. Não tem sido bom para ele.

'Mas muitas vezes pensei mal de ti, querido Alexandre, por seres completamente independente de mim. Mas foste tão bom para mim.

'Até nestas mensagens póstumas escrevi, creio bem, coisas falsas acerca de ti. Mas tudo isso foi derivado da minha vaidade emocional frustrada por ter fracassado em todos os sentidos em possuir-te. Nesta vida, ao estudar as nossas memórias passadas, assumimos a disposição do momento em que essas memórias ocorriam. Por isso, imploro que removas da tua mente qualquer coisa cruel e falsa que tenha escrito sobre ti numa mensagem póstuma. Nesta vida, acho que o que me ajudou a descobrir o que chamo de câmara subterrânea da minha mente foi minha o afastamento da Daphne de mim. Na clareza desta outra vida, ela percebeu que eu era um perigo para ela, a mãe possessiva, e afirmou com razão a sua independência em relação a mim.

'Escrevi nesta carta sobre os primeiros dias da tua vida que, sem dúvida, não conseguirás recordar. Foi para te mostrar que a minha foi uma ofensa inicial o tempo todo. Se em algum momento sentiste uma barreira entre nós, fui eu quem a criou, não tu. Para o bem da minha paz de espírito, imploro que me perdoes a grave falha. É verdade, segundo creio, que não te prejudiquei, exceto pela falta de interesse que mostrei por ti em comparação com o interesse que manifestei pelo Henry. Mas os meus pensamentos com respeito ati eram piores do que os meus atos. Agora vejo tudo com tanta clareza que descubro que te amo muito, mas não com o desejo egoísta e possessivo que demonstrei pelo Henry.

'Queridos filhos, envio-vos do Mundo daqui o meu verdadeiro amor em partes iguais. (A escrita ficou fraca.) 'Tem sido difícil para mim escrever isso. Eu não posso contê-lo mais.

'Winifred T.'

Geral: Aqui Winifred não tenta apresentar "evidências" com os fatos óbvios. Os mencionados aqui já tinham sido registados. Agora ela faz um levantamento geral com o objetivo de corrigir o que considera uma atitude injusta que teve no passado em relação ao filho mais velho. Ela já escreveu antes desejando convencer o filho mais novo, Henry T. da sua existência continuada. Essa foi a isca que os comunicadores Balfour e Myers usaram para levá-la a consentir em representar a médium mais uma vez. Durante os dois anos e dois meses mais ou menos que durou o experimento, Winifred mudou. Ela passou a entender e a valorizar muito mais o filho mais velho. O dela não foi um caso de sobrevivência “estática.”

Sessão 40 - 6 de Março de 1960

A Geraldine estava a dar uma sessão nesta data à Sr.ª Brigid Fower (pseudónimo) quando se deu uma interrupção da parte do seu alegado comunicador e o nome 'Winifred Tennant' foi escrito, assim como as seguintes observações:

'É a Sr.ª Flower? É, a Helen Salter diz que é e que sabe tudo acerca do meu passado psíquico. Mas preciso apresentar-me. Eu sou a Sr.ª Willett que abandonei há muitos anos atrás. Mas quando na minha desagradável idade de idosa a Helen me visitou - tão amável - logo notei que ela queria falar comigo sobre a Sr. Willett e aqueles tempos há muito passados.

'Isso despertou saudosas memórias dos meus queridos amigos, os Balfour. Não o consegui suportar, de modo que calei bruscamente a Helen nessa ocasião ao mudar de assunto, e recusei-me a ser arrastada. Mas hoje estou a fazer as pazes. Trouxe a Helen, forcei-a por entre esta companhia de estranhos (Os comunicadores da Sr.ª Flower) para falar consigo sobre os Balfour.

'Helen Salter.
'Fico tão contente por perceber a sua presença, Sr. Flower. Acabei de encontrar a sua irmã - tão encantadora, mas preciso ser breve ou fracassarei em fazer-lhe passar alguns fatos já que a Sr.ª R. aguarda pacientemente pela caneta.

'Você tanto pode acreditar em mim como não. Mas eu encontrei o grupo de académicos de Cambridge para quem trabalhamos tão arduamente, assim como os nossos velhos colegas, o Gerald Balfour, o Pid, o Sr. Sidgwick, até mesmo o irmão Arthur e o Sir Oliver. Os Balfours, gostaria que o meu marido soubesse, teceram-lhe altos elogios pelo trabalho que fez e pelo que está ainda agora a tentar fazer para a S.P.P. Se os rubores fossem um facto eu deveria estar cor carmesim com tantos cumprimentos que nos foram feitos neste estado da vida.'

(Omissão de algo privado.)

'Esta é a mensagem nº 1, a outra é pessoal. Logo após eu ter sido promovida para esta vida eu enderecei mensagens ao meu marido com o efeito de o levar a mudar da Crown House para londres e trabalhar aqui para a S.P.P. Agora acho que não deveria ter sugerido o seu desenraizamento. Teria sido uma tarefa demasiado grande para ele. Sabe como os homens são indefesos, Sr. Flower.

'Assim, se achar adequado, deixe que ele saiba que eu não estava num estado de espírito de lucidez quando escrevi a sugerir que ele devia deixar a Crown House. Queria que ele soubesse que tenho estado ocasionalmente perto dele e que fiquei feliz por saber que ele não está deprimido. Ele tem feito muito ao lidar com inúmeros papéis.'

Esta pequena adição aos escritos Willett foi anotada pelo Sr. W.H. Salter numa carta em 16 de Março, de 1959,endereçada à Geraldine Cummins:

'Aconteceu que alguns poucos anos (esqueço agora quantos) antes da morte de "Winifred" a Helen a contactou e ficou bastante surpreendida por ela descartar firmemente (dizer "bruscamente" não será exagero) qualquer tentativa de discutir o velho material dos escritos.'

Nem a automatista, Geraldine C., nem a Sr.ª Flower tinham qualquer conhecimento deste assunto. A Geraldine jamais tinha conhecido a Sr. Flower.

Mais comentários da Carta do Sr. Salter:

'O "Pid" de J.P. Piddington soa ótimo. Era o que sempre lhe chamávamos. Isso data das sessões que ele fez com a Sr.ª Piper, cujo controlador costumava dirigir-se-lhe desse modo.

'As observações relativas à minha estadia na Crown House representam a minha mudança de sentimento, que a Helen, caso ainda tenha consciência dos assuntos humanos, poderá provavelmente partilhar. Eu estive, durante alguns meses após o seu falecimento, fortemente inclinado a mudar-me, mas acabei por decidir veementemente contra.'

ANTECEDENTES PESSOAIS

Geraldine Cummins

Sempre tive aversão a ver-me ao espelho, mas a minha colaboradora neste livro insiste que eu devo enfrentar o espelho do tempo relatando alguns fatos autobiográficos, uma vez que eles pode ser úteis ao leitor dos escritos Cumimns-Willett.

Eu sou uma autora. Quinze dos meus vinte e dois livros publicados foram 'transmitidos,' ou produzidos por escrita 'automática.' Do resto, sete foram produzidos conscientemente; cinco deles têm temas e configuração Irlandeses; dois lidam com aspetos de pesquisa psíquica.

Também sou dramaturga. Quatro peças, três das quais escritas em colaboração com S.R. Day, foram interpretadas quer em dois teatros de Londres ou no Teatro Abbey e noutros sítios no Eire. Ao longo dos anos também contribuí com artigos, contos e revisão de livros para vários periódicos em Inglaterra, U.S.A, e no Eire. É necessário declarar isto uma vez que fui muita vez descrita como 'uma conhecida estrela do cinema,' (que tem o mesmo apelido) ou outras profissões que foram alegadas.

Contudo, com vinte e dois livros em meu nome eu atingi por fim a maioridade, por conseguinte devia ser considerada como pessoa responsável com respeito a afirmações que faço acerca de mim própria.

Este prefácio é necessariamente resumido e muito foi omitido de uma vida repleta com diversas atividades. Mas eu devo, enfaticamente, negar em defesa própria, a prática de uma de diversas profissões atribuídas a mim enquanto produção de subsistência do meu pão do dia-a-dia.

Em 1932 um livro meu intitulado *The Road to Immoratlity* foi publicado. Pouco tempo após o seu aparecimento, fui convidada para dar uma palestra em Brighton numa sociedade de pesquisa psíquica. No devido curso a sua secretária enviou-me uma notificação para o encontro que tinha sido enviada a 200 membros da sociedade. Na notificação vinha impresso 'Oradora Miss Geraldine Cummins, autora do *The Road to Immortality*, com quinze anos de experiência.' Desnecessário não será dizer que quando cheguei a Pavilhão, em Brighton, vi à minha espera uma audiência sobrelotada, com muita gente de pé. Jamais antes nem depois me deparei numa palestra com tal entusiasmo e aplausos calorosos quando na reunião de Brighton.

Mas agora preciso voltar deste episódio afortunado da minha vida para assuntos sérios, de qualquer modo para um autor. A técnica da composição sempre mereceu o meu mais profundo interesse, e quando eu era uma jovem Irlandesa ela desenvolveu-se em duas linhas. (1) A composição era a criação da minha mente consciente. (2) Ela derivava do inconsciente.

Neste último caso eu escrevo muito devagar e de forma laboriosa e tenho que revisar o manuscrito repetidamente. Um conto levou à minha mente consciente um mês a compor. Para terem algum valor literário as minhas estórias e novelas publicadas e uma Biografia tinham que ser sobre personagens Irlandeses e a minha terra natal, a Irlanda. Ao nível da mente consciente eu tentei (e fracassei) escrever sobre o povo Inglês. Mas não o conhecia o suficiente para conseguir dar vida aos seus personagens em ficção. Permaneciam estranhos para mim.

Mas quando a minha escrita derivava do inconsciente, já a coisa se afeiçoou bastante diferente. O tema nunca tratava da Irlanda nem do povo Irlandês. Por exemplo, o carácter de certas pessoas e personalidades Inglesas e Americanas, para mim desconhecidas, era relatada pelos seus parentes ou amigos para serem suficientemente delineadas em tal escrita.

A sua composição emergia dos níveis mais profundos da mente, tanto mais que parecia como seu eu não passasse de uma secretária que anotasse uma narrativa já inteiramente composta por um outro autor, e a minha caneta percorria página após página com uma velocidade anormal. Diversos autores, designadamente William Blake o poeta, passaram por essa estranha experiência de escrita ditada. Não somos capazes de o explicar. Mas no meu caso tal escrita transmitida (um termo mais apropriado do que 'escrita automática') levou-me à pesquisa psíquica.

Eu empreguei o adjetivo *transmiti* para o definir por ter a mente consciente suspensa, e ela não desempenhar nenhuma parte na comunicação.

Qualquer que seja a fonte desses escritos, isto é, uma mente subconsciente ou inconsciente comum, ou a mente de um indivíduo desencarnado, eu não escrevi uma única frase desses escritos de velocidade vertiginosa quando fornecidos.

Quanto às origens eu sou inteiramente Celta, o que vale dizer que sou descendente de ancestrais Normandos ou Ingleses: mas nenhum colonizador Cromwelliano na Irlanda figura no meu passado racial. Passei a maior parte da minha vida na porção mais a sul da Irlanda e nasci em St. Patrick Place, 17, Cork. Uma vez que fui precedida

por quatro filhos a minha chegada a este planeta foi acolhida com algum entusiasmo por parte dos meus pais.

Segundo os padrões modernos, a minha própria educação foi insignificante. Nunca fui à escola. Três das minhas irmãs mais novas e eu recebemos instrução sucessivamente da parte de duas governantas sem instrução Inglesas residentes e por fim da parte de uma senhora Francesa. Mais tarde para satisfazer a minha imaginação ávida procurei e descobri por mim própria a Biblioteca Pública de Cork. Avidamente perscrutava o catálogo e lia de modo voraz principalmente ficção e contos e peças Irlandesas.

Tinha dez anos no que para mim foi uma ocasião notável em que o meu pai arranjou uma casa na aldeia, estabelecida em terreno bem arborizado, para a vasta família. De modo que quando os meus irmãos mais velhos iam de férias da escola Pública, a minha segunda irmã e eu jogávamos futebol, cricket e hóquei Irlandês com eles e outros rapazes. Também eramos empregues como lenhadores, e eu usava o machado para cortar toras e ajudava na serra dupla, e tornei-me numa 'maria-rapaz,' como se chamava nesse tempo às raparigas que seguiam atividades masculinas.

Na verdade, o interesse que tinha pela pesquisa psíquica foi despertado quando estava com cinco anos de idade. Porque então, o cocheiro do meu pai, John Dempsey relatava-me com a mais profunda sinceridade contos de fadas que tinha visto e de fantasmas assustadores que tinha percebido. Melhor do que qualquer livro de estórias eram os contos e experiências que ele e a minha Ama muito Irlandesa trocavam entre si. Além disso a minha mãe tinha um interesse secreto por tais fenómenos. Assim, no nosso jardim e adega escura eu diligentemente procurava de forma temeraria por fadas e fantasmas.

A sua alegada aparência alarmante só estimulava a ânsia que sentia por as encontrar. Lamentavelmente, a despeito da minha busca minuciosa, não via uma só delas. Foi o meu primeiro fracasso num experimento de pesquisa psíquica. Amargamente desapontada tornei-me inteiramente cética. Mas os contos de fantasmas que me eram contados em diálogos de um Irlandês pitoresco ajudaram-me, porventura, a plantar na minha mente subconsciente um desejo de sondar esses mistérios, embora outras ocupações os tivessem enterrado durante um tempo.

Disse-me em diálogos irlandeses pitorescos que talvez tenha ajudado a semear na minha mente subconsciente o desejo de desvendar esses mistérios, embora outras atividades o tenham enterrado por um tempo.

O interesse subsequente que senti pela ciência psíquica foi muito reforçado, acho eu, através da minha formação familiar de ciência médica. O meu avô paterno era médico, o meu pai Professor de Medicina na Universidade Nacional da Irlanda, os seus dois

irmãos eram professores de medicina em universidades. Dois irmãos e duas irmãs meus são membros da profissão médica e três deles são membros do Royal College of Physicians, Irlanda. A minha irmã mais nova, a falecida Phyllis Hayes, foi uma experimentadora sénior do Governo Britânico em investigação atómica para fins pacíficos. Outra irmã minha foi a segunda mulher a obter um diploma de engenharia civil e a primeira mulher a ser nomeada membro do Instituto Irlandês de Engenheiros Civis.

As minhas quatro irmãs dotadas de forte determinação romperam todas as barreiras à formação universitária da mulher na sociedade irlandesa, com o passar do tempo, cada uma delas obteve três diplomas universitários. Em contraste com elas, eu candidatei-me somente a um exame na minha vida que foi de taquigrafia. Passei com um feito de noventa palavras por minuto. O meu sucesso foi tal que nunca mais fui a outro exame. Mas, com a nossa formação em Ciências Médicas, todas nós, mulheres, fomos educadas numa atmosfera analítica com uma espécie de respeito religioso por afirmações exatas e verdadeiras na investigação científica.

Absorvido pela sua profissão, o meu pai, na minha juventude, costumava falar-me longamente sobre os seus casos médicos e a ciência médica. Sem dúvida, por essa influência paterna, ainda sou o que descrevi aos sete anos de idade. "uma pessoa muito curiosa", ou seja, uma pessoa que quer saber a verdade sobre a vida e a morte, por mais desagradável que seja.

Mas foi no atletismo que procurei pela primeira vez seguir os passos do meu pai. Na sua juventude, ele ganhara fama como jogador internacional de futebol de Rugby. Por isso, quando atingi os dezoito anos, ganhei o meu lugar na Seleção Irlandesa Feminina Internacional de Hóquei.

A minha mãe era uma pessoa inteligente e fascinante, pelo que ficou horrorizada com o meu desejo ardente de imitar ainda mais o meu pai, ao procurar qualificar-se como médico. Entrei numa busca esquiva da literatura e para trabalhar para o Sufrágio Feminino. Escrevi histórias que foram publicadas em revistas e colaborei com a minha amiga Miss S. R. Day na escrita de uma tragédia camponesa irlandesa chamada Broken Faith. Então, aos vinte e dois anos, experimentei a felicidade juvenil de ver essa peça ensaiada pelo poeta W. B. Yeats e pelo dramaturgo Lennox Robinson no Abbey Theatre, Dublin.

Infelizmente, só uma vez na minha vida vi um fantasma, que considerei muito bem-vindo. No entanto, o meu interesse por eles, originalmente despertado pelos contos vívidos de John Dempsy, pode ter levado aos meus próprios experimentos psíquicos, começando quando, nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial, eu fui hóspede pagante na casa da Sra. Hester Dowden em Lower Fitz William Street, Dublin.

De dia eu tinha um pequeno emprego nos cofres da Biblioteca Nacional, onde estava pacificamente ocupada em catalogar sermões do século XVIII de extensão desmedida. Filha de um estudioso internacionalmente famoso, Hester era uma mulher culta, uma musicista brilhante e uma médium notável. Assim, ocupávamos as nossas noites na companhia de outros com música, ou com as bisbilhotices literárias do salão de Dublin daquele tempo, ou em experimentos psíquicos no tabuleiro de ouija.

Entre os que assistiram às nossas sessões estava um jovem de volta da frente sérvia, o Sr. E. R. Dodds, mais tarde Professor Regius de Grego na Universidade de Oxford e, finalmente, em 1961-2, Presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquica (S.P.R.). A sua influência era extremamente cética. Ele tinha um senso de humor apurado e, embora fosse então jovem, não se importava que Hester o tratasse por "O Ponto de Interrogação Universal".

De acordo com as aulas que ela dava, comecei a receber mensagens no quadro de ouija. No início, eu sentia-me muito cético, pois naquele tabuleiro ouija havia muitas declarações feitas obviamente que podiam ser atribuídas à minha mente subconsciente. Mas na página 131 do meu livro Unseen Adventures está registada uma experiência inicial bem-sucedida através do meu comunicador, do meu alegado guia ou controlador Astor a ler corretamente uma noite os pensamentos emocionais, etc. na mente de Hester quando estava ausente de Dublin, em Londres. Os assistentes presentes foram o Professor E. R. Dodds, o Sr. Row, um membro do Trinity College, Dublin, e um Oficial do Exército.

Aliás, não gosto da palavra "controlador", comumente usada em pesquisas psíquicas para o guia de um médium. O meu, Astor, nunca me controlou. Prefiro atribuir o próprio nome que o 'médium' Sócrates atribuía ao seu zelador subliminar, Daimon'.

Mas o meu interesse pela exploração das capacidades da mente humana começou quando Hester Dowden e eu embarcamos em uma série de experimentos em psicometria ou leitura de objetos junto de um colecionador de joias antigas, o Sr. Henry Bois. Ele trazia anéis e outros objetos preciosos para as nossas sessões. Tanto ela quanto eu obtivemos uma série de impressões corretas de fragmentos da sua história. Estes foram todos cuidadosamente gravados e alguns deles foram publicados em 'Voices from the Void' por Hester Travers Smith.

Na primeira experiência, foi-me dado segurar um anel de ouro simples e obtive dele um breve resumo da carreira aventureira de Napoleão e, finalmente, o seu nome. O seu proprietário, Sr. Bois, declarou posteriormente que era o anel de coroação de Napoleão Bonaparte. Fiquei intrigado com esta e nossas outras leituras bem-sucedidas das joias do Sr. Bois com relação ao processo mental envolvido. No meu caso, eu tinha-me apenas concentrado na quietude e na escuta como um estenógrafo

faz para ditar, e essas afirmações corretas relacionadas à história do objeto tocado por mim ou segurado na minha mão vagaram para o meu cérebro em palavras. Eu não sabia o que iria sair de uma frase para outra. Mas tudo fazia sentido quando o disco era lido. Essa minha capacidade de leitura de objetos serviu-me a mim e aos outros bem mais tarde no meu trabalho de investigação.

Durante os últimos vinte e cinco anos participei em experiências ocasionais que se inserem no âmbito da Psicologia Médica. Membro do Royal College of Physicians, Irlanda, escreveu sob o pseudônimo de Connell e é autor do livro Healing the Mind. Nele ele descreveu algumas de nossas experiências anteriores nas quais eu fui empregue por ele como leitora de objetos. Ele usou-me como intermediária na investigação através da escrita transmitida dos antecedentes psicológicos dos pacientes em casos de neurose obscura.

Assim foram revelados os conflitos etc. presentes no subconsciente dos pacientes. Tivemos uma percentagem muito elevada de sucessos – em vários casos através do tratamento apresentado nos meus Scripts of 'Abreaction, que eu desconhecia desconhecido até ler o livro do Dr. Sargeant, há dois anos, Batalha da Mente. A característica das nossas curas era a rapidez da recuperação de cada paciente, que era imediata ou quase imediata, e as curas eram geralmente consideradas duradouras quando revistas em anos posteriores. Vários dos doentes tratados pareciam casos irremediáveis que os psiquiatras não tinham conseguido curar.

Alguns dos nossos sucessos foram de pacientes, vítimas de claustrofobia, asma, amnésia, auto-inanição periódica, ataques periódicos de alcoolismo, melancolia, ou de vários medos obsessivos que ameaçavam arruinar as carreiras de homens e mulheres capazes. Nunca vi os pacientes. Normalmente, uma folha de caligrafia dele e um objeto que ele ou ela tinha usado eram-me postados e eu trabalhava sozinha neles na ausência do médico. Usando a análise que obtive, o Dr. Connell empregou os métodos psicológicos médicos, e explicou e discutiu com o paciente as causas da doença e o seu tratamento, revelado pelas minhas investigações.

Certos sensitivos ou médiuns habilidosos têm sido muito úteis para a comunidade em vários ramos do assunto, tempo demais para expor aqui. Mas um homem descrito como "um intelectual" finalmente descartou recentemente em um artigo ignorante a pesquisa psíquica com a observação "Eu não consigo ver o uso de médiuns". O Dr. Connell e eu provamos que um sensitivo pode ser de valioso serviço para a psicologia médica na recuperação da saúde de pessoas que sofrem de psicoses obscuras, principalmente através do que é chamado de psicometria ou leitura de objetos. Alguns pacientes foram assim resgatados à ruína e ao desespero.

Devo acrescentar que não tenho qualificações médicas. Sou simplesmente empregue como massagista por um médico. Portanto, nenhum paciente deve me dirigir perguntas sobre o seu caso.

Eu estava envolvida no jornalismo literário quando, logo após a morte do meu pai, em 1923, conheci a senhorita E. B. Gibbes em Chelsea. Foi inteiramente graças a E.B.G., como lhe chamarei, que pude, entre as minhas diversas profissões, trabalhar seriamente na investigação psíquica ao longo dos anos seguintes. Ela era membro da S.P.R. (Society for Psychical Research) e havia estudado minuciosamente os métodos críticos que eles empregavam naquele período de sua história. Ela providenciou que eu residisse na sua casa em Chelsea por cerca de oito meses por ano e encorajou-me a desenvolver a escrita transmitida. O trabalho exaustivo que teve com a manutenção de registos das nossas sessões e a verificação de provas obtidas por mim para outras consulentes, bem como para ela própria, tem sido notável.

Ela tentou verificar cada detalhe, facto ou nome, dado em comunicações pessoais que eram desconhecidas para nós. Disso havia uma quantidade considerável. Ela até analisou todas as frases de certas séries de escritos meus quando procurou provas do caráter e estilo das pessoas falecidas. Além disso, ela tinha experimentado com a Sra. Osborne Leonard, a Sra. Blanche Cooper e a maioria dos principais médiuns em Londres, e treinado assim na Pesquisa.

No futuro, não sobrecarregarei as páginas com as palavras "alegado" ou "alegadamente" proveniente dos comunicantes. Mas nos anos dezanove e vinte, além das primeiras mensagens dos parentes ou amigos de E.B.G., obtive na presença dela, no nosso primeiro longo experimento, o que agora se chama após o primeiro volume publicado Os Escritos de Cleofás, narrativas da história cristã primitiva. Ao todo, foram publicados oito volumes ao longo dos anos seguintes. Os principais estudiosos de teologia ingleses e escoceses elogiaram bastante a precisão de certos factos históricos que esses escritos contêm, factos que eu desconhecia inteiramente. Eu não poderia, em vista da educação que tive, ter tido conhecimento deles.

Durante o mesmo período de escrita de Cleofás, obtive escritos de F. W. H. Myers, publicados em dois volumes, O Caminho para a Imortalidade e Além da Personalidade Humana. Esses escritos transmitidos foram aceites por Sir Oliver Lodge e Sir Lawrence Jones como provenientes do seu velho amigo Frederic Myers e como assuntos e ideias que tinham discutido com ele durante a sua vida. A Sra. Myers também aceitou esses escritos como mensagens vindas do seu marido.

Durante os últimos trinta anos, recebi da mesma forma várias comunicações declaradas como sendo de pessoas falecidas em que a prova da identidade foi apresentada através de factos pessoais ou das suas memórias posteriormente

verificadas, do meu desconhecimento ou de qualquer pessoa presente quando foram registadas na minha escrita transmitida. Alguns desses casos foram publicados em revistas ou nos livros seguintes, como Eles Sobrevivem, A Mente na Vida e na Morte e Aventuras Invisíveis. Outros escritos destinados a várias consulentes ausentes são inéditos. E.B.G. verificou os recebidos por parentes ou amigos ausentes da pessoa falecida comunicante. Nos Livros de Cleofás e em Curar a Mente são variados os exemplos de fenómenos de "perceção extrassensorial".

Tanto na produção de E.S.P. como nas provas que podem ser comunicações diretas da mente dos mortos, eu e, posso acrescentar, a Sra. Osborne Leonard e a Sra. Bertha Harris (para mencionar apenas três intermediários) acumulamos uma vasta quantidade de evidências sugestivas de sobrevivência. Menciono essas duas devido aos longos escritos que deixaram no campo da ciência psíquica.

Além da Sra. Leonard, o histórico da Sra. Bertha Harris deve ser estudado. É clarividente e fala nas suas sessões. Ao longo dos últimos vinte anos, funcionários da Society for Psychical Research enviaram-lhe consulentes, cada uma acompanhada por um anotador. Os registos das suas sessões foram preservados e estão enterrados nos arquivos da S.P.R., pelo que são desconhecidos do público. Ela teve um sucesso surpreendente em dar provas de sobrevivência. Foi revelado que durante este longo período do seu trabalho experimental para a S.P.R. obteve noventa por cento de fenómenos de Perceção Extrassensorial.

Na verdade, nenhum investigador está em posição de dar um veredicto contra as evidências de sobrevivência obtidas na ciência psíquica até que ele tenha estudado minuciosamente, entre outros casos de pesquisa mencionados anteriormente, o notável feito da Sra. Harris de forma destacada como advogada, e pese e peneire as provas. As suas sessões por procuração, ou seja, quando a consulente, que participa das sessões, não tem conhecimento do comunicador, têm um valor especial.

É certo que são raros os médiuns do calibre da Sra. Leonard e da Sra. Harris e escritores de Correspondência Cruzada, como a Sra. Willett, a Sra. Piper, a Sra. W. H. Salter e a Sra. Verrall. Há pouquíssimos grandes poetas ou cientistas em uma geração, então há muito poucos gênios psíquicos chamados médiuns ou escritores transmissores.

Como consulentes e investigadores, achei a senhorita E. B. Gibbes, o Sr. W. H. Salter e o Dr. David Gray igualmente incomparáveis. O Sr. Salter conduziu o meu longo experimento Cummins-Willett. Ele e o Sr. Henry Tennant (filho mais novo da Sra. Willett) foram os substitutos ausentes neste caso. Talvez em quatro ou cinco ocasiões eles enviaram-me uma pergunta ou um pedido para colocar ao comunicador, caso contrário, nas cartas que me dirigiram eles simplesmente reconheceram cada

escrito Willett postado por mim para qualquer um deles e responderam que o escrito recebido era de interesse, ou pediram uma contribuição adicional. Era todo o incentivo que eu precisava para obter um escrito adicional quando eu tinha tempo e tranquilidade para ele no decorrer da minha vida ocupada.

O Sr. Salter foi durante trinta e cinco anos Secretário da Sociedade de Pesquisa Psíquica. A esposa e a sogra dele eram talentosas escritoras transmissoras. Éramos amadores; nunca fui profissional. Estava muito além das minhas forças. De facto, tenho sinto admiração e respeito por médiuns mentais profissionais de primeira classe e íntegros, que levam uma vida árdua, exaustiva e mal remunerada.

De qualquer forma, tal profissão não era para mim devido à minha ambição acarinhada que era uma carreira literária. Até 1959, evitei ler quaisquer livros ou artigos sobre pesquisa psíquica, pois temia que o seu jargão técnico interferisse na minha composição em relação à minha obra literária conscientemente composta. Procurei seguir três atividades – Literatura, experiências de escrita transmitida e, em terceiro lugar, atender aos deveres mundanos da vida de uma mulher. Isso levou-me a um prejuízo angustiante da minha produção literária.

E. B. Gibbes, minha investigadora principal durante trinta anos, lamentou bastante essa minha ambição. Um mês antes de falecer, em 18 de dezembro de 1951, ela implorou que eu abandonasse a obra literária, e me concentrasse nas nossas pesquisas. Prometi fazê-lo e cumpri a minha promessa. A minha única escrita conscientemente composta desde a sua morte tem sido dedicada a livros, artigos e palestras sobre pesquisa psíquica. Penso, pois, que posso reivindicar um interesse tão destacado quanto o do Sr. W. H. Salter no que pode ser chamado de ciência psíquica.

Mas agora preciso voltar a esses detalhes autobiográficos. Como já escrevi tanto sobre a mente inconsciente ou sobre mim mesma, não posso fazer mais do que resumir o meu eu consciente como ele me aparece no espelho do tempo.

Eu sou um indivíduo normal e sou, devido à surdez, conversacionalmente desinteressante. Mas, embora não de modo algum na minha decrepitude, eu sou exatamente o inverso do indivíduo estranho, excitante, neurótico, gritante que muitas pessoas evocam na sua imaginação como o personagem típico do sensitivo ou médium que experimenta em pesquisa psíquica.

Na minha idade madura atual, ainda conservo duas atividades atléticas. Seguindo o exemplo do meu pai atlético, entrego-me como recreação num pouco à jardinagem ligeira e, no verão, chego até ocasionalmente a jogar ténis. Da mesma forma, imitei intelectualmente o meu antepassado paterno. Enquanto ele, com curiosidade apaixonada, estudava o mistério da vida e da morte na ciência médica, continuo a perseguir e investigar esse mistério na área da ciência psíquica.